PUC RIO

HELENA CHRISTINA ARAUJO DE ANDRADE

" QUANDO O CASAMENTO DURA (APESAR DAS CRISES)... - UM LEVANTAMENTO DE ALGUMAS DIMENSÕES DAS RELAÇÕES CONJUGAIS CONTEMPORÂNEAS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 13 de julho de 1987

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
http://www.puc-rio.br

N.Cham. 150 A553q TESE UC
Título Quando o casamento dura (apesar das crises)

Ex.2 PUC-Rio - PUCB 00027903

HELENA CHRISTINA ARAUJO DE ANDRADE

"QUANDO O CASAMENTO DURA (APESAR DAS CRISES)..."
- UM LEVANTAMENTO DE ALGUMAS DIMENSÕES DAS RELAÇÕES CONJUGAIS CONTEMPORÂNEAS

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Orientadora: MARIA EUCHARES SENNA MOTTA

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFICIA UNIVERSIDADE CATOLICA DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO, 13 DE JULHO DE 1987

VC 17298-3

17162

PONTIFICIA UNIVERSIDADE DA CAPOLICA
2095
BIBLIOTECA
24/04/88
DO RIO DE JANEIRO

27903

100
A553a
TESEUC
ex 2

À minha mãe
HELENA MARIA, pela vida
e pelo exemplo de vida.

AGRADECIMENTOS

À **MARIA EUCHARES SENNA MOTTA**, *pelo receber compreensivo e pela confiança.*

À **ABEP**, *pelo auxílio financeiro recebido durante parte deste trabalho.*

À **BERNRRDO JABLONSKI**, *e a* **OTÁVIO LEITE**, *pelo despertar pela pesquisa.*

À **DINORAH**, *vovó querida; ao* **Raul**, *meu irmão.*

E *ao* **ARI**; *pelo amor.*

A "Definition" OF MARRIAGE (by James Framo)

Marriage is a rhythmic epic,
the context of bottomless hatred
and exultant intimacy.
Marriage is a power arrangement,
measureless sacrifice, a bond of personal freedom,
and dovetail slavery.
Mariage is a mutual swindle,
affectional bonding, ideal fusion,
two against the wolrd.
love sex and routine sex, traded dependency.
Marriage is "I love you if you love me",
never having to be alone.
Marriage is being tangled together like spaghetti.
Marriage is the art making your spouses feel
they-re lways disapointing you.
Marriage is a therapeutic system, a feast and
a degrading sacrifice of the human apirit.
Marriage is miscommunucation,
with private definition of words,
a sense of belonging,
a paradoxically real fantasy,
and a maker of children to achieve immortality.
Marriage is "why can't you be like me?"
but not being able to stand it if you were.
Marriage is an enigma, a paradox, an essential contradiction,
a connectiom with the past, an abomination,
and a place for revenge.

Mariage is something one stays in
because of the alternatives.
Marriage is an emotional thermostrt,
not letting the remperature get too hot or too cold,
a balance of love and indifference.
Marriage is an illusion, within illusions,
a double cross, by double agents,
and the one great potential human arena
for overcoming narcissism,
for growing and loving.
There's no comparable human relationship
to compare to marriage
for it is the link that ties together
the old and the new,
the inner and the outer worlds.

New York, 26/1/85

RESUMO

Investiga-se neste estudo, algumas dimensões das relações conjugais contemporâneas, principalmente aquelas que dizem respeito à estabilidade conjugal. O procedimento adotado constituiu inicialmente num levantamento de artigos em revistas de circulação nacional, que abordavam o assunto casamento. Concomitantemente fez-se um levantamento estatístico sobre o número de separações, o que auxiliou para evidenciar a questão da crise conjugal. A partir daí, elaborou-se um questionário que foi respondido por um grupo de mulheres de classe média, da zona sul do Rio de Janeiro. Este procurou focalizar e evidenciar descontinuidade entre as diferentes fases de socialização da população em questão. Em seguida, procurou-se interpretá-las como possíveis deflagradoras de "crise" conjugais.

Fez-se ainda entrevistas, na tentativa de elucidar alguns desses pontos de descontinuidade e ruptura, verificados entre essas diferentes fases.

Enfim, as discussões evidenciam as contradições e conflitos a que estão submetidos os papéis conjugais, assim como algumas das possíveis reinterpretações da nova "realidade em pauta".

ABSTRACT

In this study, some extents of nowrdays conjugal relationshipe are investigated, specially those related to conjugal stability. The investigation procedure adopted was based, at first, on a survey of articles of national circulation magazines, which read about the topic "marriage". Contomitantly, statistics were raised about the increasing number of separations, what has put the question of "conjugal crisis" into evidence. From then on, a questionâry was elaborated, and answered by medium class women who live in Rio de Janeiro south suburbs. The ain of the questionary was to put into evidence the descontinuities among the different levels of socialization in the population under question. Afterwards came the search for their interpretation as the possible deflagrator of these crisis. Inquiries were also made in an attempt to clarify some descontinuity and rupture points verified during these different steps.

Finally, the discussions put into evidence the contradictions and conflicts to which are subdued the "conjugal roles" of a transforming society, as well as some of the possible reinterpretations of this "new reality".

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO. 1

2 - CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS

Amor... O que é isso? 4

2.1 - O casamento como unificação da organização social. 6

2.2 - O casamento mudou? Está em crise ? . . . 8

2.2.1 - A construção da nova norma: "A opção" e seus contra-pontos 11

2.2.2 - O casamento em crise como alvo de pesquisadores. 20

3 - CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS. 24

3.1 - Enunciado de problema 30

4 - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS 32

4.1 - Breve levantamento do conteúdo da "mídia", no tocante a "crise conjugal" 36

4.2 - Levantamento estatístico do IX Recenseamento Geral (1980), quanto ao estado conjugal e o tipo de união 49

4.2.1 - Levantamento estatístico das "Petições nas Varas de Família do Rio de Janeiro (1982 à 1986). . . 53

4.3 - Descrição do questionário 56

4.3.1 - Levantamento dos dados dos questionário. 62

4.3.2 - Análise dos resultados dos questionários. 93

4.4 - Breve descrição das entrevistas 110

4.4.1 - Análise das entrevistas 112

5 - CONCLUSÕES. 127

ANEXOS. 131

BIBLIOGRAFIA. 144

1 - INTRODUÇÃO

> *"Se a geração de nossos pais acreditava que o casamento indissolúvel era a única salvação possível, nós acabamos por acreditar que todas as vantamens estavam em se separar, em partir". (Neila Tavares. In Mulher de Hoje, ano 82 nº 35, p. 56).*

Esta é uma pesquisa, que versa sobre algumas dimensões das relações conjugais contemporâneas, principalmente aquelas que dizem respeito à estabilidade conjugal, em segmentos sociais onde o descasamento é freqüente. O levantamento privilegia mulheres localizadas nos estratos médios e superiores, residentes na zona Sul do Rio de Janeiro.

Este trabalho é produto de um "emaranhado" de questionamentos pessoais. Um deles baseou-se em experiências que mantive com alunos universitários que elaboravam pesquisas para o cumprimento do currículo. Embora pudéssemos relevar a fidedignidade dos resultados dessas pesquisas, as características encontradas me pareceram significativas na medida em que revelaram a existência de conflitos de papéis. Por exemplo, um grupo de rapazes universitários, que se disseram dispostos a optar pela convivência com mulheres que fossem independentes, ao mesmo tempo se disseram insatisfeitos se o seu ordenado não fosse superior ao de sua esposa.

O fato de ser mulher e como tal vivenciar as contradições encontradas nos discursos que compõem nossas vidas, agu

çou ainda mais a vontade de buscar respostas aos meus questionamentos. Meu pressuposto era de que essas contradições que desempenhamos socialmente, deveriam estar tendo reflexos no relacionamento conjugal.

Sem dúvida, o acelerado processo de mudança social pelo qual passou nossa sociedade levou a novas formulações sobre a estruturação familiar e, partir daí, surgem vários modelos de relações conjugais Uns optam pelo tradicional - o do casamento monogânico - outros optam pelo casamento aberto, pela relação conjugal sem co-habitaçao; pela "amizade colorida", ou seja, pelas chamadas relações descompromissadas. Embora tenham sido "criadas" novas formas de se relacionar conjugalmente, notamos a estabilidade da família de origem contrapondo-se à instabilidade da família moderna.

O casamento é transformado em assunto de debate nos diversos meios de comunicação. Em revistas e jornais de grande circulação popular, é digno de nota o número de artigos dedicados à discussão de questões e problemas conjugais, evidenciando toda esta instabilidade que ronda o casamento. Há uma profusão de especialistas enfocando essas questões, orientando condutas e dando conselhos. Muitos deles baseados no discurso "psi", que privilegia o desejo no espaço das opções, embora possa fragiliazar-se com a falta de um direcionamento, a que estávamos acostumados.

Num social turbulento, as revindicações são colocadas na pauta do dia. Com isso há uma maior participação da coletividade, que "coincide" com uma liberação sexual que passa a manipular os nossos corpos criando idealizações e conflitos.

Há ainda uma ênfase à relação mãe e filho; e concomitantemente há a construção de um novo discurso: a "mulher-mãe-profissional". Parece que de repente resolveram tirar a "mordaça" da mulher. Estas condições estão certamente repercutindo sobre a imagem que cada um tem de si mesmo e conseqüentemente de seus relacionamentos.

Cotidianamente, constatamos que as relações conjugais, ao menos nas camadas médias do Rio de Janeiro, vêm enfrentando "crises" que em grande parte dos casos levam ao descasamento. Baseando-me nesses fatos, resolvi desenvolver uma pesquisa que visasse fazer um levantamento de como casais deste mesmo segmento social que se criaram e se casaram numa época relativamente semelhante, vivenciam e lidam com essas crises e optam por permanecerem casados.

Gostaria de salientar que a "priori" não estou interessada em abordar a formação da família contemporânea, nem tão pouco em abordar a evolução histórica da "instituição casamento". Na verdade, intencionei uma análise dos papéis familiares, tal como são desempenhados na relação conjugal do grupo em questão. Pretendi examinar os pontos de continuidade e ruptura ocasionado pelas rápidas mudanças sociais, bem como as contradições e conflitos a que esses papéis estão submetidos. Com isso tentei compreender como que esses casais entram em contato e "digerem" os novos itens da "pauta normativa do dia" e redefinem suas relações familiares. Sendo assim, pretendi fornecer subsídios para a análise e compreensão de pelo menos algumas dimensões das relações familiares, bem como contribuir para a elucidação de questões acerca de novos modelos de atendimento psicoterápico em uma sociedade em transformação.

2 - CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS

"Amor... o que é isso?

Em "O Banquete",Platão(427 AC. - 343 AC.) nos fala de época mítica, onde havia três espécies de pessoas: o homem duplo, a mulher dupla e o andrógino. Estes eram seres redondos, que ajudados por seus quatro membros inferiores e quatro superiores, andavam rolando. Um dia, estes ambicionaram alcançar os céus, e foram punidos por "Zeus", que os partiu ao meio. As metades passaram então a viver separadas, embora se procurassem desesperadamente. Encontrando-se, abraçavam-se; e dessa forma,cheias de saudades e paixão permaneciam até a morte. Zeus, então, para que a espécie não se acabasse, colocou-lhe os órgãos sexuais para que com o abraço pudessem procriar. E, através do amor e do sexo, a unidade foi restabelecida.

> *"A finalidade do amor seria, do ponto de vista social, nos levar ao acasalemento, à reprodução e a criação dos filhos". É assim que Marina Calasanti (1985, p.18), definiu o amor.*

Já a Psicóloga americana Dorotey Tennov, dá pompas científicas e organiza o óbvio, no livro "Love and Limerace the experience of being in love" (1980).

A autora entrevistou 700 pessoas e concluiu que não se sabe como o amor começa, só que é uma sensação diferente. E relatou os doze sintomas que definem essa sensação:

1 - Pensar obsessivamente no objeto amado;

2 - Absoluta necessidade de reciprocidade;

3 - Dependências das atitudes do amado, na qual se procura constantemente uma resposta ao próprio amor;

4 - Incapacidade de amar outra pessoa;

5 - O único alívio é imaginar que o outro também nos ama;

6 - Medo de rejeição;

7 - Os obstáculos parecem intensificar o sentimento;

8 - Necessidade de crer que, atrás da aparência do amado, se escondem sentimentos apaixonados;

9 - Dor na região do coração, nos momentos de incerteza;

10 - Sensação de flutuação toda vez que há sinais de reciprocidade;

11 - Intensificação do sentimento, que relega tudo a mais a segundo plano; e

12 - Exaltação de todas as possíveis qualidades do amado e recusa de ver os defeitos.

Poderíamos dedicar inúmeras páginas a definições do que é o amor, pois de "Camões à Vinícius de Moraes", o amor foi sempre cantado - pelos menestréis e trovadores, do platônico ao carnal - com a mesma intensidade e vibração, que sua época determinava. Portanto, se o amor é considerado o mais sublime dos sentimentos, se é a "essência da vida", por que o seu suposto produto (a relação conjugal) tem sido tão polemizado?

Vamos tentar compreender alguns dos aspectos que o envolve.

2.1 - O casamento como unificação da organização social

O ser humano não pode viver sem instituições. É necessário se unir em comunidade, para que haja a socialização, e um sentido de 'pertencer'. Isso se aplica à família, que sugere um consenso a seus membros.

Uma sociedade não sobrevive sem um consenso moral amplo (Durkhein, 1970). Mas que instituições na sociedade são capazes de produzir esses padrões morais? Certamente a família se inclui na resposta. Sendo assim, o casamento é mais uma forma de unificação da organização social, pois delimita fronteiras, estabelece canais de comunicação e relações de grupos, e conseqüentemente elabora identidades.

"Situações sociais duradouras são propícias à formação de hábitos e de tipificações da conduta e são indispensáveis para a orientação dos indivíduos no mundo e nas suas relações uns com os outros" (cf. Russo, e Coelho dos Santos, 1981, p. 279). Com esta citação, quero frisar a importância da relação familiar, que coloca seus membros em contato com as "normas sociais" vigentes. Como as situações sociais duradouras propiciam transmissão de normas sociais, é necessário que essa incorporação da realidade social pelo sujeito, passe por um processo de validação constante. (cf. Berger e Kellner, 1970, p. 52). Completando essa idéia, Russo e Coelho dos Santos (1981), disseram que esta validação requer uma interação com os outros que ocupam o mesmo espaço social, ou que coabitam o mesmo mundo. Esta validação, ou seja, a plausibilidade e a estabilidade do mundo tal como foi socialmente definido está relacionada com a força e com a continuidade das relações significativas.

Desta forma, pode-se concluir que o casamento em nossa sociedade possui um lugar privilegiado entre as relações significantes, devido a freqüência e a intensidade da convivência conjugal (família nuclear).

Berger (1970) definiu o casamento como sendo uma instrumentalidade produtora de *nomos* (este têrmo foi criado por Berger e Kellner (1970, p. 50), para designar um arranjo social que cria para um indivíduo o tipo de ordem dentro da qual lhe é possível experimentar sua própria vida como dotada de sentido. Portanto, a nosso julgamento, a instituição casamento encontra-se numa posição central e decisiva, tendo o lado externo voltado para a sociedade que dita ou valida a nova ordem social.

Embora ciente da importância fundamental da família como produtora dos padrões morais (ver Ariés, 1978; Donzelot, 1980; Figueira, 1981; Foucault, 1977) e mantenedora da ordem social, notamos que nas últimas décadas, muitas transformações rondaram a "família". Antes, o casamento era visto primordialmente como monogâmico e "eterno". A religião era um componente indispensável, com os seus inúmeros rituais, delineando um consenso moral rígido. Havia na relação conjugal uma marcante segregação de papéis, de posição e de sexo...

Mas, torna-se notório que nossa sociedade vem sendo marcada por uma acelerada mudança social, e por uma crescente pluralização de domínios (através da industrialização; da divisão de trabalho; da urbanização e da mobilidade ecológica; do afrouxamento das relações de parentesco; da emancipação de mulher; do enfraquecimento da influência religiosa; da libera-

ção sexual...), que conseqüentemente produziram novos padrões de relações conjugais: Padrões estes que diferem dos moldes de casamento das gerações anteriores.

2.2 - O casamento mudou, está em crise?

Comenta-se que o meio físico se modificou mais nos últimos 80 anos, do que entre a idade da pedra e 1900. Contamos com o avião, com a televisão..., com os computadores..., restaurantes, boates, motéis... Dessa forma, é difícil imaginar que a vida doméstica, especialmente no que diz respeito às relações entre os membros da família, pudesse ser a mesma; que se reúnam todos à mesa para as refeições; que toda uma família se interesse em assistir a um mesmo programa de televisão; que as crianças saibam a tabuada de cor, mesmo sendo presenteadas com as calculadoras...

Seria ingênuo esperar que os vínculos afetivos e sexuais permanecessem como foram por milênio, diante de tantas mudanças. Portanto, embora o casamento seja uma estrutura institucional que visa gerar estabilidade, para o indivíduo e para o grupo social, notamos que diferentemente das famílias de origem, as novas opções de organização familiar parecem estar em constante instabilidade. Em revistas e jornais, é constante nos depararmos com artigos de leitores pedindo orientações, e especialistas dizendo o que deve ser feito, para se conviver melhor com o cônjuge. Diariamente escutamos exclamações do tipo: "ele perdeu o emprego e nos separamos"; depois do acidente, não foi mais possível conviver com ele; "a família dela interferia tanto, que não deu mais"; não fossem as

amizades dele..." E assim vão, num rosário de acusações, as pessoas apontando momentos e eventos críticos das relações conjugais.

Nas duas últimas décadas, fica evidente que "crises" consecutivas levam a um número crescente de descasamentos e reçasamentos. Estes fatos evidenciam uma significativa mundança na forma das relações conjugais. Esta mudança, que caracteriza o casamento contemporâneo, sua relevância institucional e suas contradições, têm sido objeto de reflexão e análise por parte de diversos profissionais (e.g. Carneiro (1983), Velho (1983); Costa (1979); Russo, J. e Santos, T.C. (1981)...).

Para Velho (1983), não é incomum a chamada "epidemia" quando, em períodos limitados e concentrados de poucos meses, separa-se alta proporção de casais do conjunto estabelecido através de anos de interação.

Berger e Kellner (1970) também apontaram para essa "epidemia", ou seja, para o crescente número de separações conjugais. Esses autores afirmam que o casamento é a união de dois indivíduos estranhos, que se redefinem como pessoas, e que estes investem tanta expectativa nessa união, que acabam recorrendo ao descasamento por se sentirem frustrados.

Pensando nessas questões, deparei-me com algumas declarações, que focalizaram especificamente o que delimitei como sendo meu objetivo de estudo. São eles:

> *"Hoje em dia não importa a origem e a natureza do laço o que conta é a sua duração. Um verdadeiro casamento, pouco diferente de uma união livre que dura não é criado por um ato civil ou religioso, nem sempre por uma escolha prévia, frágil, mas pelo fato de durar. O verdadeiro casamento é*

> *uma união que dura de uma duração vívida fecunda, que desafia a morte.* (Ch.Aries, 1982.

A outra declaração foi de Reich:

> *"Casamento sereno é aquele onde os conflitos não se exteriorizam".*

Ainda do mesmo autor,

> *"casamento feliz é aquele onde os conflitos deram lugar a uma resignação muda".*

Reich, "casamento indissolúvel"? in Rádice, (ano 3, nº 12, p. 33).

E a última declaração que me também chamou a atenção foi dada por Fernanda Montenegro:

> *"Separar é fácil. Ficar junto é que é difícil"* (cf. Revista "Mulher de Hoje", ano 83, nº 35, p. 56).

Com estas citações, tive como objetivo evidenciar que muitos autores, assim como revistas populares, têm ressaltado com muita freqüência, a questão das "crises" conjugais. Estas "crises" parecem estar ligadas, de alguma forma as mudanças sociais que atingiram a família da sociedade brasileira, do presente. Mas, na verdade, há muito, já lemos e ouvimos falar em mudanças na instituição familiar (eg. Antonio Cândido(1951); Willems (1954); Thales de Azevedo (1966); Freire Costr (1979). Por que então, só agora evidenciam-se tão marcadamente essas crises?

Através da compreensão de textos referentes ao tema

familiar, notamos que seus autores apontam e traçam as mudanças, como sendo ligeiras e bruscas. No entanto, se estivermos atentos, perceberemos que as mudanças traçadas ao longo de décadas eram superficiais, e que só por volta dos últimos 15 anos, que certos núcleos básicos e centrais da sociedade onde a liberdade estava cerceada, foram realmente atingidos. Ou seja, "só agora" que certos aspectos fundamentais da sociedade, como o "complexo de virgindade" e o "complexo de virilidade" foram atingidos.

Isso fez com que houvesse uma mudança social, realmente acelerada. Em pouco tempo, regras de comportamento foram inteiramente "remexidas". Houve então, uma quebra do monopólio da família conjugal.

2.2.1 - Uma nova norma: a "opção"

Essa desorientação da família parece ter "concedido", ou mesmo "propiciado" a entrada da psicanálise no Brasil, que acabou por se instalar através de uma cultura psicanalítica "psicologizante". Com essa difusão, a psicanálise fornece uma espécie de linguagem para a modernização. Há um discurso mais libertador, menos afirmativo. E o responsável pela legitimação deste, deixa de ser o médico higienista do século XIX, e mesmo da primeira metado do século XX, para ser tutelado por agentes educativo-terapêuta (Costa 1979). Ou seja, pelos profissionais "Psi": psiquiatras, psicanalistas, psicólogos. Estes destacaram-se significativamente porque, não só respondem à necessidade da identidade privada, como também contribuem junto a uma esfera social deficitária em mecanismos de controle, "permitindo" até mes

mo uma considerável liberdade individual.

Berger (1973) denomina este movimento de psicologismo institucionalizado, e diz que este:

> "...*na esfera privada, aparece como uma das agências que fornece a uma população e consumidores ansiosos, serviços para a construção, manutenção e reparação de identidade. Na esfera pública é utilizável com igual sucesso pelas diferentes burocracias econômicas e políticas que necessitam técnicas não violentas de controle social*". (p. 22).

São frases chaves, orientações e regras, que através dos meios de comunicação veiculam informações, que trazem como conseqüência, uma nova ordem social. Efetiva-se então, um novo corpo, um novo sexo, uma nova forma de "ser". Este novo padrão, psicologizado, fez com que houvesse uma valorização do "Eu", uma busca de si mesmo e de seus impulsos. Passou a surgir uma sedenta necessidade de igualdade formal de direitos.

A definição da identidade da mulher que era dada até então, pelo papel que ela exercia dentro da família, e pela sua posição para com os outros membros (esposa do...; mãe de...), "passa a ser" ao menos a nível de proposta, definida por ela própria. A mulher não mais aceita ser tratada como alguém que só existe pela relação com o outro. Concomitantemente, ocorre a profissionalização da mulher de meia idade, e sua marcante entrada nas universidades, como se procurasse resgatar um valor pessoal que parecia esmagado. É a mulher "estagiando" no mundo dos homens.

Simone de Beauvoir, considerada a precurssora das intelectuais do movimento feminista, em sua obra "O Segundo Sexo", (1949), levantou a questão da construção social da mulher, de

nunciando sua situação presente como decorrente de relações bastante objetivas de poder. Ou seja, Beauvoir apontou para a questão das mulheres se encontrarem privadas de individualidade e de autonomia, por ter-lhe sido negada a palavra. Para a mulher mudar essa situação, diz Beauvoir, "a mulher deve falar socialmente de si".

Em função da ampla conscientização popular provocada por esse movimento social, houve um inicial afastamento dos estereótipos sexistas discriminatórios que são fundamentados pela cultura masculina dominante.

Segundo Beauvoir (1981), as personalidades humanas isto é, de homens e mulheres estão efetivamente mudando, destipificando-se:

> *"... na suposição de que feminilidade e masculinidade não são extremos opostos de uma mesma dimensão, nas duas dimensões independentes, de modo que uma pessoa possa ter ambas em maior ou menor grau".*
>
> *..."Essa modificação nos critérios de saúde mental está ocorrendo porque mudaram muito nossas percepções das normas apropriadas para cada sexo e porque, cada vez mais, os dois compartilham funções e papéis. Graças a essas mudanças, por volta de 1980 as pessoas darão mais valor às qualidades masculinas e femininas, próprias e alheias, do que entre 1950 e 1965".*
>
> *..."Numa sociedade andrógina ninguém é coagido a assumir papéis ou características em função de seu sexo". (p. 284, 185, 186).*

Indubitavelmente, durante longos anos de cultura patriarcal, estiveram bem definidos os critérios delimitadores do feminino e do masculino, determinando duas diferentes maneiras de ser. Como ilustração dessa questão, consideramos que possa

ser curioso apontar para uma análise feita sobre a literatura feminina através do trabalho de pesquisa sobre os contos de "M. Delly" (In Perspectivas Antropológicas da Mulher, Franchetto, B. org).

Esse estudo teve como objetivo detectar os componentes dos modelos femininos em si, através da literatura feminina dominante, e verificar sua articulação com modelos sociais mais amplos. Nitidamente esses romances de "M. Delly", que correspondiam a literatura própria para as mulheres, até por volta de duas décadas atrás, formavam o ethos feminino.

A autora fez um levantamento das características predominantes da estrutura do enredo, e concluiu que:

. a mulher era em média, 19 anos mais nova que o homem;
. era mais pobre;
. era impedida de agir por si mesma ("mulher-criança"), enquanto o homem o herói, a tem sob sua dependência, assim como vários outros personagens;
. a mulher era "inexperiente do mundo", e o homem era viajado independente e exercia atividades respeitadas;
. para a mulher o casamento de conveniência era uma forma de ascenção social;
. havia uma grande distância física e sexual entre o casal;
. o herói tornava-se um guia, um orientador para a heroína, que a tudo aceitava passivamente;
. no meio da história, a heroína aparecia como sendo incentivadora do herói, nas suas atividades externas;
. a heroína, de pobre passa a ser rica, embora mantendo-se humilde, simples, com a caridade cristã;

. a incompatibilidade inicial de ambos ia sendo substituída por amor e admiração mútua; e

. o romance chegava ao fim, delineando um casal modelo: entrosado, feliz, esperando o herdeiro.

Delineavam-se através desses romances, os modelos dos heróis: A mulher um ser frágil, doce, jamais mundana, cristã, pertencente exclusivamente a esfera privada; e era subordinada a um senhor (pai, tutor, marido, padre...), embora com o passar do tempo, passasse a exercer um certo poder de manipulação sobre o esposo. Já o homem, era o ser forte, dominante, pertencente a esfera pública, e quem detinha o poder. Esses romances carregados de valores, e que são reveladores de uma situação opressiva em que esteve submetida a mulher pelas regras sociais, por muitos anos corresponderam a literatura feminina recomendada.

Vale salientar que os romances de "M. Delly", com um sabor de continuação das leituras infantis dos contos de fadas, estão hoje nas bibliotecas públicas, classificadas no setor infantil. Sem dúvida, essa descrição em contraponto com a nossa experiência cotidiana, evidencia que alguma coisa mudou.

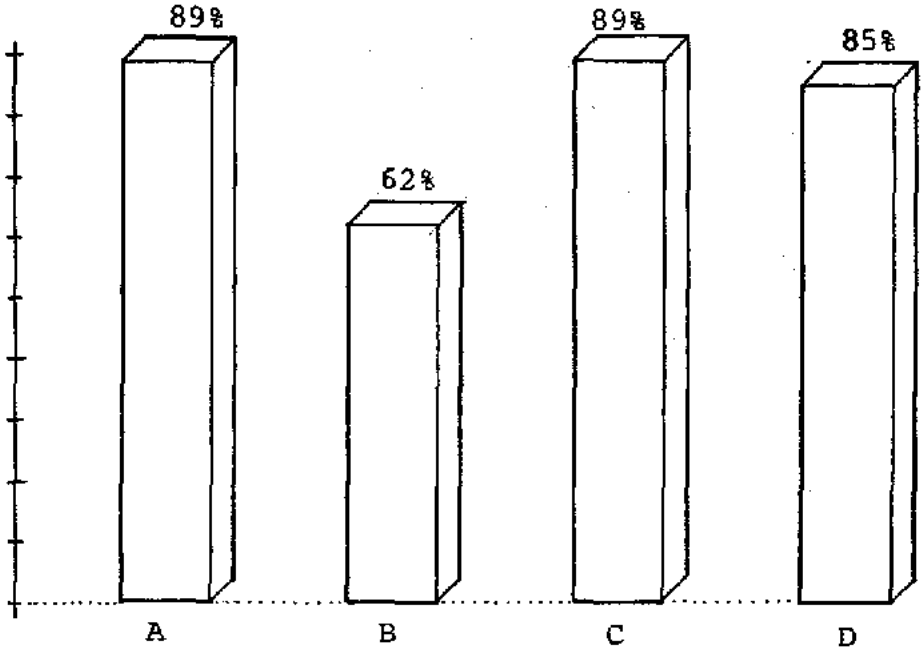
Por "concessão inevitável ou por conquista" a mulher (ao menos em certos segmentos sociais), adquire a capacidade de "ser". Passa então, a se pretender responsável por seu corpo, por sua sexualidade, pela sua "vida", o que produz uma total alteração nos valores existentes. Por exemplo, a maternidade, passa a poder ser vista não mais como uma obrigação em nome da realização como mãe (até então, único ponto de referência de si mesma), mas, como uma opção a mais.

Assim, a família nuclear tem vivido num contexto altamente afetivo, onde se passou a valorizar a individualidade de cada um de seus membros. Para assegurar esta conquista, até o código civil foi alterado. A noção de adultério, por exemplo, vale hoje perante a justiça, tanto para o homem quanto para a mulher, no que se refere aos deveres de assistência comum e quanto à guarda e educação dos filhos. A "Lei do Divórcio" (6.515, de 26/12/1977) acabou por ser aprovada. E, ainda pelo código civil, a mulher deixou de ser equiparada aos menores, aos doentes mentais, aos índios..., e passou a ter voz representativa perante a lei. As mudanças referentes as leis, que regem as sociedades, devem ir muito mais além com a "nova constituição".

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Gallup publicada pelo "Jornal O GLOBO" (07/06/87), que ouviu 1.349 pessoas, são as seguintes, as prioridades referentes a família (e que foram sugeridas à Assembléia Constituinte):

- quanto a noção de família - para 89%, "Família é a união estável de duas pessoas (de sexo oposto) mesmo que não sejam casados legalmente".
- quanto ao divórcio - "62% deseja que uma pessoa possa divorciar-se e casar-se quantas vezes quiser".
- quanto aos filhos - 89% quer "Direitos iguais para os filhos nascidos dentro e fora do casamento".
- quanto ao pátrio poder: 85% se manifesta "favorável ao reconhecimento da mulher chefe da família".

Então, se disseram favoráveis:



A. A família ser considerada a união estável de duas pessoas (sexo oposto)

B. a um número ilimitado de divórcios

C. aos direitos iguais para filhos fora do casamento

D. a mulher como chefe da sociedade conjugal.

Esta pesquisa parece querer lembrar ao legislador que o direito da família deve estar calcado na realidade das relações familiares, já que a Constituição em vigor data de 1916 (ver em anexo).

Muito nos faz pensar que a Psicanálise, como difundida, forneceu noções, para pensar e negociar esse igualitarismo. Segundo Figueira (1985), a psicanálise fornece termos, esquemas de pensamento e até mesmo teorias que permitem as pessoas se sentirem afirmadas com os valores das mais recentes formas de individualismo.

Percebe-se que transformações houve mas, como estão sendo incorporadas à vida afetiva? De fato, os mecanismos que compartilharam com as mudanças citadas, acabaram por pluralizar a sociedade, e fizeram com que várias normas passassem a coexistir

em diferentes grupos sociais. Com isso surgem inúmeras formas de relacionamento, baseados principalmente nas regras do individualismo.

Penso que aqui chegamos ao ponto crucial dessa discussão, que atingiu basicamente a geração de 30, 40 anos:

> *Ocorrem mudanças como a industrialização, urbanização, desenvolvimento econômico... que afetam a família.*
>
> *Esta deixa de ser uma unidade econômica, política e social.*
>
> *Há a expansão da mídia, com o culto ao individualismo, através de um discurso igualitário.*
>
> *Surgem modelos contemporâneos (baseados primordialmente na classe média do Rio de Janeiro) (vide novelas televisivas).*
>
> *Deixa de existir o modelo vertical, surgindo uma nova norma: a norma da "Opção".*

A partir daí, a sociedade passa a legitimar todas as opções, desaparecendo a categoria de desvio. E com isso, a forma com que o sujeito concretiza as idéias que a sociedade sugere, passou a ser uma opção exclusivamente pessoal. O novo ideal é a família igualitária, onde as pessoas não são mais definidas pela posição que ocupam dentro da família, pela idade ou sexo. As diferenças pessoais passam a ser resultado de opções subjetivas, já que neste modelo não há uma pré-definição do que seja certo ou errado.

Na relação a dois, aparecem novas formas de relacionamento: o casamento tradicional; a amizade colorida; o "single" por opção, casais que optam por não ter filhos; descasar;

ter várias famílias...

Os poucos estudos sobre mudança social da família na sociedade brasileira do presente, estão ligados à teoria da modernização, e endossam, todos, a tese de nuclearização da unidade familiar. Em estudo efetuado em Brasília, Cons; Pantore; Wilicening (1970), encontraram os mais altos índices de modernismo (individualismo, decisão, igualitarismo) entre casais de classe média urbana. Rose & Simmons (1971), num estudo efetuado em São Paulo, associaram variáveis relacionadas à emergência de concepções modernas, ao pequeno tamanho do grupo familiar.

Evidencia-se freqüentemente que o casamento tem sido alvo de questionamentos e referências do tipo, "está em crise". Da mesma forma, é cada vez maior o número de casais que procuram atendimento psicológico em busca de terapia individual ou conjugal. Quanto a isso, comenta o psicanalista Alberto Goldin:

> *"os casais que me procuram estão em crise porque as mulheres ficaram fortes, os homens impotentes, e ambos não conseguem enxergar que as diferenças nas relações humanas são fundamentais". (Revista 'Psicologia e Comportamento', ano 1, nº 4, p. 18).*

Já a escritora feminista Rose Marie Muraro, atribui esta "crise", a transformação do comportamento feminino, que basicamente a tornou mais exigente quanto ao parceiro. Ela teoriza que:

> *"o homem casa com a família, com a instituição, mas a mulher, agora se casa porque está apaixonada".*

A escritora acrescenta ainda, que:

> *"a nova geração de mulheres quer aprofundar uma relação, quer encarar a sexualidade com prazer e carinho, quer dividir tarefas e procurar crescer juntos".* (Revista Mulher de Hoje, ano 83, p. 95).

2.2.2 - O casamento e as pesquisas

Não se pode esquecer que todo esse novo mundo que tão repentinamente se apresenta, é composto de pessoas que trazem uma bagagem de vivências com padrões, valores..., muitas vezes contraditórios com os que são propostos atualmente. Dessa forma, embora a geração de 30, 40 anos (geração que podemos considerar limítrofe com relação a essas mudanças), em geral tenha um discurso igualitário, muitas vezes acaba agindo de acordo com o modelo da família hierárquica, cujos papéis sexuais eram altamente diferenciados.

A família, diante da constante possibilidade de desacordo entre os diferentes projetos de seus membros, constitui:

> *"...uma microarena na qual se explicitam a existência e a concorrência entre visões alternativas e conflitantes da realidade".* (Salem 1980).

Sendo assim, a família em "crise" tem sido para alguns pesquisadores, objeto de estudo, não só aqui no Brasil como em várias partes do mundo.

O trabalho intitulado "An exploratory study of love and liking and type of marriages" (Oupta Usha & Singh, Pushpa 1982), examinou os efeitos dos tipos de casamento (por amor ou por conveniência), em sua duração e em seu relacionamento sexual. Constatou-se através de uma escala específica, que os esco

res quanto ao amor decresciam nos casamentos longos, e que o sexo era muito valorizado principalmente para as mulheres nos casamentos sem amor. Os resultados dessa pesquisa foram discutidos em relação às construções sociais e quanto a dinâmica da amizade.

Em "Entretenuer, dites-avous?" (Catherine, 1984), constatou-se que o suporte financeiro do homem contribui para a infantilidade, frigidez, dependência e baixa auto-estima da mulher.

O trabalho "Relationship between marital stress and atributional preferences for own and spouse behavior" investigou a questão do conflito marital através da atribuição de causalidade. Ou seja, concluiu que o conflito entre casais é maior quando há discrepância de atribuição entre os cônjuges e onde o que é positivo no outro é considerado circunstancial, e os aspectos negativos como disposicionais. (Keyer, S.O. & Falbo, T., 1985).

Maruani, George Guy, em "Lee coupleune pervision sexuelle (1985) discute as razões para o casamento: amor, sexo, questões financeiras, segurança emocional, nascimento dos filhos... O autor trata ainda sobre o adultério, a negligência e o abuso por parte dos maridos. Neste trabalho o autor enfatiza a necessidade de se "trabalhar a maturidade e a responsabilidade dos cônjuges para um melhor entendimento".

Salem (1980) procurou investigar aspectos da relação familiar, a partir de enfoques diferentes. A autora abordou a congruência e o conflito de papéis em diferentes membros da família conjugal de classe média-alta da zona Sul do Rio de Ja-

neiro. Salem descreveu segundo duas matrizes básicas: a geracional e a sexual; vivências que tem referências, ao mesmo tempo, em comportamento e representação. A autora examinou os pontos de continuidade e ruptura verificados entre gerações de pais e filhos adultos. Chegou-se aos poderes de oposição que integram e sumarizam as diferenças geracionais acusadas tanto pelos pais quanto pelos filhos:

"Geração dos pais"	x	Geração dos filhos
Encarnação de "pensar habitual"	x	Encarnação da "crise"
"Continuidade"	x	"Ruptura"
Imutabilidade da vida social	x	"Renovação da vida social"

Salem prossegue, concluindo que os membros da família estão ligados por laços intensos e freqüentemente contraditórios. E, que torna-se necessário compreender que espectos dessa realidade permanecem resistentes à mudança, e quais estão sendo redefinidos, já que essas eventuais redefinições podem se traduzir em conlfitos para os "atores".

Com a reflexão dessas idéias, levantei duas questões: como é que o casamento em grupos sociais onde o descasamento se tornou quase "via de regra", é mantido por certos casais? E, como esses casais lidam com as "crises"? Desta forma, delimitei meu objeto de estudo, que refere-se as "crises conjugais" (focalizada primordialmente dentro do casamento), a questão da durabilidade da relação conjugal. Mais precisamente pretendo

elaborar um levantamento de como casais de um mesmo segmento social (classe média), que se criaram e se casaram numa época relativamente semelhante, vivenciam e lidam com essas "crises" e permanecem casados.

3 - CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Evidencia-se cotidianamente a necessidade de buscar novas respostas que ultrapassem aquelas sugeridas pelas gerações passadas. Desta forma, projetos alternativos de vida e novos padrões são elaborados.

Para verificar os pontos de continuidade e ruptura, bem como as contradições a que estão submetidos os desempenhos dos papéis na relação conjugal, dentro da geração em questão, pretendi abordá-los do ponto de vista do modelo conceitual do processo socializatório e do desmapeamento, propostos respectivamente por Berger e Luckmann (1978) e Figueira (1978, 1981) embasados e expostos a seguir.

As sociedades complexas se caracterizam pelo pluralismo cultural que significa dizer que o indivíduo está submetido a diferentes realidades da mesma forma que lhe escapam outras. Esta característica social é analisada em "A construção Social da Realidade (Berger e Luckman-1973) como um processo dialético entre a realidade objetiva e subjetiva, cada uma apresentando um modo característico ou específico de construir e definir a realidade que os cerca, portanto, através de uma cosmovisão particular. Para assegurar a existência da realidade tanto objetiva, quanto subjetiva, é necessário que estas adquiram um caráter de objetivação e de auto-evidência para o grupo social. Desde que esta cosmovisão particular seja confirmada, o nosso cotidiano dota-se de sentido. Preestabelece-se então, um universo cognitivo, que através do processo de socialização vai servir de esquema de referência para interpretação da conduta dos membros

da comunidade.

A objetivação da realidade social feita através da apreensão dos fenômenos humanos como se fossem fatos da natureza, ou manifestações cósmicas, divina..., e a sua reificação, acabam por incapacitar o homen de perceber sua própria autoria do mundo humano. (Berger e Luckman 1978).

Esses mesmos autores, sugerem que "a relação entre o homem, o produtor e o mundo social, produto deles, é, e permanece sendo uma relação dialética, isto é, o homem (evidentemente não o homem isolado, mas em coletividade) e seu mundo social atuam reciprocamente um sobre o outro". (1973, p. 87).

Se definições alternativas da realidade contestarem as interpretações sociais, essas serão redefinidas, ou, mesmo substituídas. E é, através da socialização, que é um processo ontogenético, que as novas gerações incorporam-se às ordens socialmente produzidas, mediante o desempenho de papéis institucionalizados. Sendo assim, essas ordens internalizadas, perderão o caráter de realidades construídas. Este processo se faz em duas etapas: a socialização primária, e a socialização secundária. A primeira, é aquela à qual o sujeito é submetido na infância e que se torna membro de sua sociedade. Esta etapa ocorre em um contexto de fortes ligações afetivas, onde através da identificação com os agentes socializadores (pais, parente, babás) o sujeito internaliza uma versão (irrelativizável nesta fase) das características da cultura em que vive.

Muitos estudos realizados com crianças nas mais diversas áreas enfatizam o relacionrmento com os pais como fator principal de seu desenvolvimento emocional, cognitivo motiva-

UNIVERSIDADE CATÓLICA

cional, social, etc. (Seligman, 1975; Bijou, 1972; Lundin, 1969; Patterson, 1965).

Os pais, em geral, nesta sociedade, são as primeiras pessoas a participarem do universo da criança e com ela conviverem, ensinando e ampliando o seu dia a dia. É este ambiente familiar, esta relação, que influenciará a visão que a criança terá do mundo, e determinará basicamente seu modo de interagir com os outros e com os fatos. (Seligman, 1975).

> *"Pais, colegas e irmãos formam uma parte importante do meio da criança em termos de prover "dicas" para comportamentos tanto apropriados como inapropriados e conseqüências que encorajam ou não estes comportamentos" (Gambrill, 1977, p. 356).*

Nicolaci da Costa (1985) sugere que devemos atentar para o fato de que esta fase da socialização, gera no sujeito expectativas e representações do seu futuro papel social, semelhante a de seus agentes socializadores, (eg. como marido ou mulher, profissional ou dona-de-casa etc). Assim sendo, a criança interioriza o mundo "do outro significativo", como sendo o único existente e concebível, definindo sua inserção social tanto no presente como também no futuro. O mundo socialmente construído de seus pais é o único mundo possível, e por um efeito reflexivo essa percepção infantil contribui para tornar também para os pais, esse tal mundo objetivo.

Durante a socialização secundária (processo que torna o sujeito já socializado pela socialização primária membro de novos setores de sua sociedade), Berger e Luckmann enfatizam os momentos em que o sujeito ingressa nos mecanismos de reprodução da ordem social. Pois, é aí, quando o sujeito passa

a se relacionar institutionalmente com um outro, a partir da posição nas quais anteriormente viu seus agentes socializadores estarem, que se deparam diferentes definições de seu papel adulto: uma, internalizada durante a socialização primária, e outras definições possíveis, internalizadas, durante a socialização secundária.

Este confronto das representações primitivas de inserção no mundo adulto, com as representações mais recentes e concretas de participação do sujeito na reprodução da ordem social, é o que Nicolaci da Costa define como sendo descontinuidade socializatória. Procurando facilitar o entendimento desse conceito, lançarei mão de um exemplo que se refere à questão da profissionalização da mulher.

Se tomarmos um grupo da classe média do Rio de Janeiro, cuja adolescência foi vivida há uns 20 anos, verificaremos que quase sempre, esses sujeitos tinham em suas famílias, uma marcante segregação de papéis. O pai, quase sempre era profissional liberal, e mantenedor exclusivo das despesas da casa, e da família; e a mãe, dona-de-casa. Era difícil,encontrar uma mulher que trabalhasse "fora" e que contribuísse financeiramente para as despesas da casa. Estas, eram até alvo de críticas, sendo acusadas de terem abandonado o lar e os filhos. Portanto, supõe-se que tenha sido este sistema simbólico, o internalizado pelos sujeitos deste referido grupo.

Anos mais tarde, com as mudanças sociais (já citadas), há uma crescente emancipação da mulher, que entra no mercado de trabalho, dando sua necessária contribuição às despesas domésticas. Portanto, quando esses sujeitos ingressaram

na "instituição casamento", viram-se diante da necessidade de optar entre os conteúdos dos sistemas simbólicos internalizados. Nos diferentes períodos de socialização (a mulher será dona-de-casa, como sua mãe ou se profissionalizará de acordo com as internalizações mais recentes?).

Com as constantes mudanças de valores sociais, passa a existir uma "competição" (muitas vezes conflituosas), entre o conteúdo dos diferentes sistemas de socialização. Ou, utilizando a linguagem de Berger, que haja a perda do "tom da realidade subjetiva", que advém justamente do contato com essa multiplicidade de universos simbólicos nem sempre coerentes entre si.

Essa dissociação entre os papéis representados na esfera pública ("eu público"), e a realidade internalizada na infância ("eu privado"), é marcada por acentuados sentimentos de angústia, questionamentos e sensação de perda da capacidade de regular e gerir o próprio cotidiano. Essa experiência é chamada de desmapeamento. Este conceito foi desenvolvido por Figueira (1978, 1981) e refere-se a essa convivência em planos diferentes de valores internalizados pelo sujeito, em diferentes períodos de sua existência. Podemos concluir daí, que o desmapeamento resulta portanto, da descontinuidade socializatória. É que, com a configuração do desmapeamento, estabelece-se uma situação de conflito potencial que pode vir a eclodir sob forma de "crise". Algumas dessas crises, que ocorrem depois da socialização primária, são causadas pelo reconhecimento de que o mundo dos agentes socializadores, não é o único mundo existente e que pelo contrário, tem localização muito particular. Apesar disso, esta continua sendo a reali-

dade original, já que a socialização secundária tem alto grau de anonimato, não tendo a inevitabilidade subjetiva da socialização precedente.

A eclosão desse conflito se dá primordialmente quando o sujeito é levado a optar por uma linha de conduta coerente; ou seja, quando ao ingressar nos mecanismos de reprodução da ordem social, o sujeito tem que optar pelos valores que servirão de guia para sua conduta (por exemplo, optar pela forma de se relacionar conjugalmente, casamento monogâmico, ou relação aberta...). Esta necessidade de opção por parte do indivíduo não só gera ansiedade, como também fragiliza a credibilidade de tudo que ele já internalizou. Esta descredibilidade deparar-se-á com o que é designado pelo conceito de "conflito de papéis" (Wolfe e Snock, 1962, p. 102). Este pressupõe a presença de vários "outros significativos" cada um dos quais emitindo demandas que em si mesmas são congruentes e logicamente coerentes, embora não necessáriamente, o sejam entre si. Por trás disso, há uma sugestão de haver uma incongruência (mecânica) entre os padrões de comportamento socialmente prescritos e o comportamento do ator. São necessários nesse momento, segundo expressão cunhada por Foucault de "tecnologias do self", ou como diz Berger e Kellner, de "instrumentalidades produtoras de nomos". Estas objetivam conferir aos sujeitos em crise (devido ao desmapeamento), um suporte existencial que os ajude a atingir a auto-confiança necessária para que possam "locomover-se no mundo" (Santos, T.C., 19). Considerando todos esses aspectos, pretendo compreender como o grupo em questão experimenta tais contradições e como promove definições e redefinições contínuas de sua situação e daqueles com as quais convive,

de modo a se posicionar diante dessas pressões antagônicas. Procurei atentar para o fato de que a prática manifesta de um sujeito pode acusar uma aparente superação de contradições e ambivalências, embora seu discurso revele a identificação com normas que diferem de seu comportamento.

Ao expor os conceitos de socialização primária, socialização secundária, desmapeamento e de descontinuidade socializatória, tal como discutidos por Berger e Luckman (1966, 1978), Nicolaci da Costa, (1985), e Figueira (1978, 1981), pretendi delimitar categorias que utilizarei para um entendimento das referidas "crises" conjugais em nossa sociedade contemporânea. Uma vez caracterizada a "crise" pretendi investigar quais as possibilidades de solução que o sujeito encontra (eg. nas relações conjugais) para contorná-las. Ou seja, levantar quais os aspectos e dimensões dessa realidade que permanecem cristalizados e resistentes à mudanças e quais aspectos estão sendo renegociados e de que modo essas possíveis redefinições eclodem numa situação de crise, traduzindo-se em conflitos para os "atores".

3.1 - Enunciado do problema

De acordo com publicações em revistas populares, e com nossa experiência cotidiana, constata-se que o casamento, ao menos nas camadas médias do Rio de Janeiro, vem enfrentando "crises" que na maioria dos casos levam ao descasamento. Baseando-me neste contexto, resolvi desenvolver uma pesquisa que visasse fazer um levantamento de como casais deste mesmo seg-

mento social, que se criaram e se casaram numa época relativamente semelhante vivenciam e lidam com estas crises e permanecem casados. Formulei então, o seguinte problema:

- Como é que o casamento em grupos sociais, onde o descasamento se torna quase "via de regra", é mantido por certos casais?

4 - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Gostaríamos de frisar que esta pesquisa tem como objeto principal investigar conflitos em casais que permanecem casados há mais de 10 anos. Tempo que consideramos suficiente para que o casal tenha lidado com um número significativo de experiências, e possivelmente vivenciado algumas como crises, e optado por permanecer casados. Ou seja, como esses casais, estão lidando com estas "crises", oriundas de descontinuidade socializatória gerada pelo processo de mudança social.

Como já foi dito anteriormente, o número significativo de artigos em revistas e jornais, dedicados à discussão de problemas conjugais, nos levou a questionar a instabilidade que envolve o casamento. Inicialmente então, decidimos fazer um levantamento de artigos da Revista Cláudia, que abordavam o assunto casamento direta ou indiretamente, nos 2 últimos anos (1985 e 1986). Verificamos as questões mais sugeridas dentro dessa problemática, assim como sua abordagem. Dessa forma pudemos levantar algumas hipóteses e estruturar uma linha de investigação, para a realização de entrevistas subseqüentes. A amostra seria escolhida aleatoriamente, e deveria ter as seguintes características:

- idade entre 30 e 40 anos;
- ter se casado legalmente (pela 1ª vez) até 1977;
- possuir o 2º grau completo ou nível universitário;
- pertencer à classe média e
- residir na zona sul do Rio de Janeiro (RJ).

Inicialmente havia optado por fazer uma pesquisa qualitativa, partindo de entrevistas individuais, com 15 mulheres, que além das características citadas acima, ainda permanecessem casadas legalmente, com seu 1º marido; e com outras 15 mulheres com as mesmas características do outro grupo, mas que estivessem descasadas. Quando me refiro a mulheres descasadas, tenho em mente, mulheres que em algum momento de sua vida, já foram casadas judicialmente e que vivenciaram uma separação também judicial, do seu cônjuge. Mas, este levantamento foi submetido a uma série de dificuldades. E, com o estudo piloto, a metodologia sofreu significativas alterações. Como as categorias de análise ainda estavam indefinidas, pouco específicas, senti dificuldades em aprofundar questões que tivessem maior relevância ao estudo em questão, já que as entrevistas não saíam da superficialidade.

Outros dois fatores contribuíram para que as entrevistas tivessem sido interrompidas: primeiro, que estava sendo profundamente difícil encontrar o número pretentido de mulheres que permanecessem casadas, e que se dispusessem a ser entrevistadas. Concomitantemente, surgiram dificuldades pessoais no trato de questões relacionadas à crise conjugal, já que eu estava às vésperas do meu próprio casamento. Dessa forma, a análise qualitativa, estava sendo desgastante e por conseguinte, improdutiva. Optamos então, por tratar a questão, ao menos inicialmente, de forma quantitativa, através de um levantamento feito a partir de questionários. A amostra se manteve com as mesmas características anteriores, variando obviamente quanto ao número de mulheres participantes. Para a distribuição do questionário, elegi alguns prédios da zona Sul do Rio

de Janeiro, e nos dirigimos aos seus respectivos porteiros. Após uma apresentação, pedimos sua colaboração no sentido de fazer chegar às mãos de mulheres, entre 30 e 40 anos de idade, que ali residissem, o questionário. Como este possuía uma parte inicial, com perguntas estruturadas sobre a história de vida da entrevistada, esperava selecionar a partir daí, somente a aquelas que correspondessem as exigências da amostra. Preparamos inicialmente 400 cópias, e anexamos à todas elas, uma carta explicativa e de apresentação, onde ainda pedimos para que o questionário, lacrado, fosse devolvido ao porteiro do prédio onde moravam, pelo correio, ou se preferissem em mãos. Na semana seguinte, retornamos aos edifícios para recolhê-los. Voltamos sem nenhum deles. Com alguma insistência, conseguimos reaver em tôrno de 15% dos questionários que haviam sido entregues.

Pensando no que fazer, resolvemos pedir ajuda a amigos e a alguns alunos, na indicação de pessoas que pudessem constituir a minha amostra. Mas, desta vez, optamos por assegurar um pouco mais o sigilo das respostas. Enviamos todos os questionários previamente selados e sub-escritos, ficando a entrevistada de colocá-lo em qualquer caixa do correio sem despesa alguma. Após a seleção dos alunos dispostos a colaborar, preparamos envelopes com os questionários, mas, no dia de entregá-los, a classe dos professores na qual nos incluímos, entrou em greve por tempo indeterminado. Sem saber mais o que fazer, aguardamos. Foram mais de 40 dias de expectativa. Com o reinício das aulas, distribuímos 250 questionários, dos quais recuperamos 158. Perfazendo um total de 217 questionários. De posse destes decodificamos categorias de análise, a partir daí então, dedicimos realizar algumas entrevistas, para explorar questões mais relevan-

tes, que haviam sido sugeridas através dos questionários.

Foram realizadas 3 entrevistas, sendo todas com mulheres casadas já que é este o grupo de interesse. As entrevistas foram contactadas através de indicações de relações pessoais, e foram feitas por mim, em suas respectivas residências. Todas as entrevistas foram gravadas. Certamente o número reduzido de entrevistas, impede que a consideremos uma amostra estatisticamente representativa. No entanto, deve-se reparar que existe uma série de recorrências em seus depoimentos com respeito a questões básicas levantadas pelos questionários. Dessa forma, a visão acerca dos papéis e relações familiares tanto nos questionários, como nas entrevistas evidenciaram o modo de agir e do pensar do grupo social do qual estão inseridos.

Num quarto passo, levantamos dados da "corregedoria de Distribuição de Feitos", e da "Corregedoria Geral da Justiça do Rio de Janeiro", referentes aos mapas estatísticos dos "Feitos distribuídos nas Varas de Família", nos últimos 5 anos. Achamos relevante, ainda buscar dados sobre o estado civil, e o tipo de união entre casais a partir de 15 anos de idade. Foram dados retirados do último "Recenseamento Geral" (1980).

Concluindo, a metodologia utilizada partiu de um levantamento feito através da mídia no tocante ao assunto em questão, que facilitou a delimitação de algumas hipóteses para a confecção do questionário. Estes questionários deram uma visão quantitativa das questões que envolvem as relações conjugais, e permitiram uma decodificação, para que os temas sugeridos pudessem ser mais explorados numa análise qualitativa, através de algumas entrevistas. Já o levantamento estatístico, con

tribuiu para dar um certo respaldo à pesquisa. Exemplificou e ilustrou o trabalho, com o crescente número de separações conjugais, cada vez mais significativo na sociedade contemporânea.

Estes passos da pesquisa serão expostos separadamente a seguir.

4.1 - Breve levantamento do conteúdo da "mídia", no tocante a "crise conjugal"

Indivíduos leigos vem se tornando psicologizados através de artigos de revistas populares, destinadas à orientação de questões de natureza feminina, masculina, conjugal... No decorrer da leitura de exemplares da "revista Cláudia", dos últimos 2 anos (1985 e 1986) buscamos as temáticas mais freqüentes. A partir daí, tentamos uma compreensão dos assuntos, que envolviam a "crise no casamento", assim como a abordagem conferida a esses temas e articulações pressupostas pelos seus autores. Com a leitura desses 24 exemplares, pudemos retirar vários pontos de reflexão.

Foram ao todo, 7 seções que lidaram direta ou indiretamente com questões conjugais:

- "A Arte de ser mulher"; assinada por Carmem da Silva, até abril de 1985, quando a autora veio a falecer.

- "Gente"; com depoimentos de pessoas famosas do público, que incluem suas experiências profissionais e conjugais.

- "Comportamento"; assinada por vários autores: Lucy

Dias, Ana Perulim Fraiman, Angela Correa Oliveira, Eduardo Mascarenhas...

- "Lição de casa"; refere-se a questões do relacionamento familiar, focalizando primordialmente os filhos do casal.

- "Mulher e Trabalho"; trata basicamente de questões que se referem aos problemas que a mulher que trabalha fora, enfrenta.

- "Mulher Ativa"; assinada por Lígia Martins de Almeida, e parece ser a junção das duas seções anteriores.

- "Feminismo"; assinada por Rachel Gutierrez.

Na verdade, existiu um certo revezamento quanto a edição dessas seções, sendo que as que se mantiveram com maior estabilidade foram:

- "Comportamento"; "Gente"; "Feminismo"; e "Mulher Ativa".

Na tentativa de catalogar os assuntos tratados nessas seções optamos por dividí-los de acordo com seu enfoque básico, ou seja, através do tipo de abordagem das questões conjugais:

I - Através da mudança do papel feminino;
II - Através de depoimentos pessoais; ou
III - Focalizando a relação sexual do casal.

Os artigos em referência, embora com diferentes enfoques, possuem em seu teor uma tentativa de articulação entre a divisão de papéis; esfera pública, esfera privada, sexualidade, ..., e as mudanças sociais. A seguir, estão os títulos desses

artigos, que serviram de embasamento para a nossa reflexão acerca dos elementos que prefiguram o tema da "crise conjugal".

I - Títulos de artigos publicados pela "Revista Cláudia", que abordaram a questão conjugal, através do tema da mudança do papel feminino nos últimos anos.

- "NÓS TAMBÉM VOTAMOS" (Ano 85, nº 280)
- "A FACE OCULTA DOS EXECUTIVOS E SUAS INFELIZES SENHORAS" (Ano 85, nº 281)
- "SER SÓ OU SENTIR-SE SOLITÁRIA" (Ano 85, nº 283)
- "RESOLVI SER DONA-DE-CASA" (Ano 85, nº 283)
- "MÃE PODE TRABALHAR FORA? UM RABINO, UM PADRE, FEMINISTAS E PSICÓLOGOS OPINAM" (Ano 85, nº 287)
- "COMO VOCÊ VÊ A LIBERDADE DELE? UM ARTIGO QUE NOS AJUDA A ENTENDER MELHOR A RELAÇÃO HOMEM-MULHER" (Ano 85, nº 287)
- "VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES" (Ano 85, nº 288)
- "SOCIEDADE COM O MARIDO? TRÊS MULHERES CONTAM QUE APESAR DOS PROBLEMAS, NEGÓCIOS E AMOR VÃO MUITO BEM" (Ano 85, nº 290)
- "ESSA GUERRA NÓS VAMOS VENCER. MARIDO-PATRÃO x MULHER-EMPREGADA" (Ano 85, nº 290)
- "COMO REAGIR QUANDO O MARIDO VIRA UM FILHO? (Ano 85, nº 291)
- "CASAMENTO EM CRISE: PODE SER O FIM OU O RECOMEÇO DO AMOR" (Ano 86, nº 292)
- "NA GUERRA DOS SEXOS OS "MACHÕES" SE LAMENTAM: ESTAMOS FICANDO "IMPOTENTES". AS FEMINISTAS RESPONDEM: ISSO É CHANTAGEM" (Ano 86, nº 292)
- "MAS, AFINAL, FOI PARA ISSO QUE NÓS NOS LIBERTAMOS"? (Ano 86, nº 293)
- "LIBERDADE SIM, MAS SEM PERDER A TERNURA" (Ano 86, nº 295)
- "AJUDE SEU MARIDO A VENCER A CRISE DOS 40 ANOS" (Ano 86, nº

296)

- "NOVOS CASAIS JÁ CONTESTAM (NA PRÁTICA) O VELHO PADRÃO" (Ano 86, nº 296)
- "ALÉM DO MARIDO, O QUE ESSA MULHER LIBERADA AMEAÇA ROUBAR DE VOCÊ?" (Ano 86, nº 296)
- "CASAMENTO E CARREIRA". Ano 86, nº 299)

II - Títulos dos artigos que abordaram a questão conjugal, através de depoimentos pessoais (Publicados pela Revista Cláudia)

- "PAIXÃO SEUS EFEITOS EM NOSSA VIDA" (Ano 85, nº 280)
- "IRENE RAVACHE. SUPEROU A CRISE DO CASAMENTO" (Ano 85, nº 280)
- "BRUNET - SEPARADA" (Ano 85, nº 280)
- "RESOLVI SER DONA-DE-CASA" (Ano 85, nº 283)
- "SOMOS TODAS CINDERELAS? VEJA O QUE PENSAM AS NOSSAS FEMINISTAS". (Ano 85, nº 283)
- "ENTREVISTA COM COLETTE DOULLING, A AUTORA DO LIVRO "O COMPLEXO DE CINDERELA" (Ano 85, nº 284)
- "PETER PAN, UM FILHINHO DA MAMÃE METIDO A BACANA"". (Ano 85, nº 284)
- "SIMONE DE BEAUVOIR: NÃO SE NASCE MULHER. TORNA-SE MULHER" (Ano 85, nº 285)
- "MARTA SUPLICY - DE MOCINHA SUBMISSA À MULHER REALIZADA" (Ano 85, nº 286)
- "A HISTÓRIA DE TRÊS MULHERES QUE CONSEGUIRAM JUNTAR TRABALHO, PRAZER E AINDA GANHAM DINHEIRO FAZENDO PATÊ" (Ano 85, nº 287)
- "EU MATEI A CINDERELA QUE VIVIA EM MIM. CONHEÇA A HISTÓRIA DE UMA MOÇA QUE SUPEROU O COMPLEXO DE CINDERELA". (Ano 85,

nº 288)

- "CÁSSIA KISS - A LUTA COM A FAMÍLIA EM BUSCA DA REALIZAÇÃO PESSOAL" (Ano 86, nº 292)
- "MEDOS E CONFLITOS DA SEPARAÇÃO: MULHERES CONTAM COMO OS DERROTARAM (Ano 86, nº 293)
- "A VIDA MELHOROU DEPOIS DA SEPARAÇÃO" (Ano 86, nº 294)
- "OSMAR PRADO: O RETRATO DE UM BRASILEIRO TÍPICO" (Ano 86, nº 299)

III - Títulos de artigos publicados pela mesma Revista, que abordaram a questão conjugal, através do enfoque da problemática sexual.

- "VAMOS DISCUTIR COMO SE MANIFESTA HOJE A REPRESSÃO SEXUAL" (Ano 85, nº 281)
- "CARINHO O MELHOR AFRODISÍACO (4 ESPECIALISTAS ANALISARAM ESSE COMPORTAMENTO TÃO IMPORTANTE PARA O PRAZER SEXUAL FEMININO") (Ano 85, nº 283)
- "ORGASMO MASCULINO: O QUE ELES SENTEM TAMBÈM INTERESSA À VOCÊ" (Ano 85, nº 285)
- "COMO ESQUENTAR A CAMA" (Ano 85, s/n)
- "SEXO E CASAMENTO: DEZ DICAS QUE FARÃO SUBIR A TEMPERATURA" Ano 85, s/n)
- "A CRISE SEXUAL NO CASAMENTO" (Ano 85, nº 290)
- "NÃO DEIXE QUE SEU "STRESS" ACABA COM O SEU ROMANCE" (Ano, 86, nº 303)

A leitura desses artigos revelou que embora diferentes aspectos da relação conjugal tenham sido abordados, todos possuem um eixo comum: a questão da mulher trabalhar fora do

lar, o desejo sexual feminino, sua participação política... todas essas problemáticas foram tratadas nesses artigos dentro de uma perspectiva mais ampla de transformação do próprio papel feminino na sociedade.

A todo instante esses artigos referem-se a crise conjugal, remetendo-a às interpretações que a configuram. Há por parte dos autores desses artigos uma tentativa de abordar as questões conjugais, através de uma compreensão psicanalítica. É notório que esses autores não se limitaram a responder às questões objetivas que lhe eram colocadas, ao contrário, suas respostas pareciam devolver ao interlocutor, suas perguntas, através de novos questionamentos. Assim, o certo e o errado não são designados, sendo esta, uma tarefa exclusiva do próprio interlocutor. Dessa forma, não há uma reprodução de valores pré-determinados, como por exemplo, a inferioridade feminina:

> *"Você já parou para pensar no seu casamento? Você é feliz"*
> *(Revista Cláudia, Ano 86, nº 292.)*
>
> *"Será que você não está indiretamente colaborando para manter esse estado de crises"?*
> *(Revista Cláudia, Ano 86 nº 292.)*

Através de questionamentos como esses, os artigos propagam que deve haver um igualitarismo na relação conjugal. Portanto, seus papéis não devem ser segregados. O homem e a mulher são tomados como iguais, ou seja, admitem para ambos as mesmas perspectivas de vida, as mesmas idéias, os mesmos questionamentos, as mesmas oportunidades...

Nesses artigos critica-se a discriminação feminina da sociedade patriarcalista, que a escraviza às funções de mãe e

esposa. Apregoa-se que numa relação não igualitária, a mulher é relegada a um ser menor, com um achatamento de sua individualidade e assim sendo, sem direito a uma realização pessoal.

Esses artigos já tomam como legítima a igualdade dos cônjuges e através daí discutem as conseqüências dessa segregação dos papéis:

> *"A mulher descobriu que também é sujeito, tem desejos próprios e está aprendendo a administrá-los".*
> *(Revista Cláudia, (Ano 86 nº 292 p.151)*

> *"Minha geração foi montada pelas mulheres invertendo as posições. A moda, lá pelos anos 50, era mostrar homem machão. Depois a situação veio mudando até chegar ao Kramer x Kramer.*
> *Não dá mais, minha geração foi literalmente montada pelas mulheres, invertendo as posições, inclusive na cama"*
> *(Enno Mayanard)*
> *(Revista Cláudia, (Ano 85, nº 287, p.51).*

> *"O processo parece indicar que vai chegar um momento em que ambos, mulheres e homens conscientes de sua força e de sua fraqueza, de suas potencialidades e de seus limites, irão finalmente se encontrar como seres humanos equivalentes.*
> *(Shulametes Firestone)*
> *(Revista Cláudia, (Ano 86, nº 296, p.50)*

Há uma tentativa primordial de levar à mulher, que ainda não conseguiu se desvincular da educação segregadora a que sofreu, um estímulo à iniciativa de realização pessoal, sexual e profissional:

> *"De uns tempos para cá, um número crescente de mulheres passou a trabalhar fora de casa não apenas para ajudar o marido ou a família, mas em busca da realização como pessoa, como ser humano independente"*
> *(Revista Cláudia, (Ano 85, nº 290, p. 212)*

> *"Só o oprimido (a mulher) pode acabar com sua opressão"*
> *"Não se nasce mulher. Torna-se mulher"*
> *(Simone de Blauvoir)*
> *(Revista Cláudia, (Ano 85, nº 289, 47)*

"Enquanto o homem triunfa, a mulher vira "mordomo de luxo", os filhos órfãos de pais"

(Carmem da Silva)
(Revista Cláudia, (Ano, 85, nº 285, p. 47)

"Ela teme perder o homem, mas não cogita o contrário: o que será dele se me perder? Será que esse homem me merece"? "Minha intenção era mostrar como as mulheres conspiram inconscientemente contra elas mesmas".

(Colette Doulling)
(Revista Cláudia, (Ano 85, nº 285, p.48)

"Aprendi a dar valor à minha profissão ao trabalho, e a minha liberdade"
(Revista Cláudia, (Ano, 86, nº 294, p. 167)

"Trata-se apenas de aprender a lutar pela realização e pela felicidade".
(Revista Claudia, (Ano, 86, nº 293, p. 119)

"... Precisamos resgatar a dignidade que o sistema de dominação masculina (ou machista), ou simplesmente, o patriarcado nos tem negado.
(Revista Cláudia, (Ano, 85, nº 285, p. 52)

"As mulheres estão aí, lutando, discutindo, questionando, sendo protagonistas de uma transformação histórica jamais imaginada que é o advento da nova mulher"
(Revista Cláudia, (Ano, 85, nº 280, p.61)

"Essa história de que mulher honesta não tem prazer já era..."
(Revista Cláudia (Ano, 85, nº 290, p. 213)

"Quantas vezes fizemos amor sem ter vontade, ou ficamos na vontade... e quantos de nós sacrificamos vocações e talento porque ele nos prometera a lua. Se nossa amiga se reconhece nessa trizte realidade, chegou a hora de perguntar a si mesma o que é que quer da vida".
(Revista Cláudia, (Ano, 85, nº 290, p.97)

Dito assim, esses artigos mostram transformações responsáveis por um estado constante de "crise" no casamento. Crise esta, causada pela mutação dos papéis de homem e mulher, que antes pareciam inabaláveis.

Como fica então, a relação ideal?

> *"Na relação ideal, um deve respeitar a liberdade do outro"*
> (Revista Cláudia, Ano, 85, nº 287, p. 198)
>
> *"Viver só para o outro é desgastante e ineficaz. O outro também enjoa"*
> (Revista Cláudia, Ano, 85, nº 287, p.199)
>
> *"Não à Amélia, tudo que ela faz é em função d'ele, o Deus da sua existência".*
> (Revista Cláudia, Ano
>
> *"Quanto ao sexo, ouso inovar, qualquer lugar pode ser ótimo".*
> (Revista Cláudia, Ano, 85, nº 287, p. 52)
>
> *"Diga claramente ao parceiro o que lhe incomoda e qual o seu desejo".*
> (Revista Cláudia, Ano, 85, nº 303, p.280)

Assim, homens e mulheres tornam-se de fato "semelhantes". Mas, temos consciência que estas mudanças podem ser consideradas recentes, e que de certo não se coincidem com a nossa educação de infância. Antes, aprendemos e vivenciamos homens e mulheres, cada qual com suas funções pré-estabelecidas e diferenciadas. Agora, os papéis conjugais parecem estar sendo compartilhados, ou pelo menos, que você pode optar entre diversas partes de conduta. Sem dúvida, isso leva à um distanciamento da família de origem conservadora fazendo com que cada vez mais o casamento moderno opte pela criação de suas próprias regras, baseado primordialmente na igualdade de direitos dos cônjuges.

Esse confronto de idéias podem ser responsáveis por crises no casamento? Segundo os artigos lidos:

> *"O homen está sentindo que a mulher mudou, está mais reivindicante, não apenas profissionalmente, mas também no seu direito ao prazer".*
> (Revista Cláudia, Ano, 85, nº 283, p.202)
>
> *"Se as mulheres estão enfrentando uma séria crise de identidade, isso também está ocorrendo com os homens assustados e perplexos diante de mudanças para as quais não foram preparados".*
> (Revista Cláudia, Ano, 86, nº 292, p.152)

> *"É isso aí. Casamento que não progride regride. É casamento que progride se caracteriza por crise".*
> *(Revista Cláudia, Ano, 86, nº 292, p.152)*

> *"As crises inevitáveis numa relação amorosa, nem sempre significam fim de tudo. São pedregulhos, como diz o psicoterapeuta André Gaiarsa, que podem ser transformado em diamantes".*
> *(Revista Cláudia, Ano, 86, nº 296, p. 51)*

Essa instabilidade das novas relações conjugais, evidencia não uma fragilidade, mas sim uma tentativa de reflexão que vise consolidá-la cada vez mais. Ou seja, o casamento moderno deve funcionar como "instrumentalidade produtora de nomos" (Berger, 1970); e deve ser mantenedora da individualidade dos cônjuges". Dessa forma, o casamento representa uma possibilidade de crescimento, já que deve-se respeitar a individualidade de cada um, e a necessidade de realização pessoal, evitando o risco de referir-se através do desejo do parceiro.

Segundo os artigos lidos, a crise no casamento moderno mantêm o casal em permanente reflexão. Há um incentivo para que o indivíduo "se veja" na relação com o outro, buscando um conhecimento sobre si mesmo, além da reflexão sobre a relação. Dessa forma, pensa-se que haverá um processo de auto-regulação da relação, onde a partir daí, os cônjuges podem optar por ficar ou por partir.

> *"Desfizera meu casamento porque começara a detestar meus sentimentos de dependência. Minha vida tinha se tornado sufocante e restrita."*
> *(Revista Cláudia, Ano, 86, nº 294, p. 166)*

Concluindo, inicialmente pensamos que poderíamos fazer um levantamento acerca dos temas mais tratados nesses artigos, como as "tais" queixas que outras revistas publicam fre

qüentemente. Mero engano. Não encontramos nenhuma exemplificação objetiva para as crises, como por exemplo, ciúme, problema financeiro, "a sogra", os filhos...

Os artigos publicados pela Revista Cláudia, nesses dois anos, não tiveram o objetivo de apontar crises do cotidinao do casal, mas sim ver a relação conjugal como uma estrutura dinâmica, dentro de uma sociedade em transformação. Toda a discussão pretendida pelos autores desses artigos em questão, propõe que a situação atual sendo uma situação de mudança, está exigindo uma nova postura tanto dos homens quanto das mulheres. Essa mudança está cerceada pela noção de igualitarismo, que deve desafogar a repressão a que a mulher esteve submetida por tantos anos. A partir daí, há um entendimento da relação através da compreensão do que significa a crise no casamento. Ou seja, já que os papéis do homem e da mulher possuem uma outra dimensão, onde as diferenças não mais são delineadas pelo sexo, mas sim pelos desejos e aspirações pessoais, os artigos em questão estimulam para que cada um opte pelo que lhe convier. Com isso, a todo instante podemos encontrar nos textos a palavra "crise". Não uma crise que aponte fatalmente para o fim da relação, mas sim um momento onde o casal deva se questionar acerca de suas satisfações.

É uma espécie de "alerta" para que você, de forma consciente e intencional se posicione diante da vida. São sub-títulos e grifes" bastantes sugestimos:

> *"O que esperamos da nova República"?*
> *(Revista Cláudia, Ano, 85, nº 280, p.62)*
>
> *"Precisamos descobrir, a partir de nós mesmos, quem somos e podemos ser"*
> *(Revista Cláudia, Ano, 85, nº 291, p.114)*

Desde que a opção seja feita conscientemente, esta será legitimada. A partir daí, vários artigos com depoimentos de leigos, dando seu testemunho, e de especialistas sobre os mais variados temas, contribuem ainda mais para essa legitimidade.

Nesses artigos percebemos uma tentativa de conscientização do leitor, da existência de seu lado emocional, "do seu Eu" através da utilização de uma linguagem baseada numa cultura psicanalítica psicologizante.

> *"Diz a socióloga Maria Helena Matarazzo. Se você estiver transando com seu marido, e se lembrar do vizinho, ou de seu irmão, ou do melhor amigo de seu marido, fique fria: é só uma fantasia. O que você não pode é transformar essa idéia numa coisa carregada de culpa, tipo "que horror como sou desvairada: estou traindo meu marido em pensamento..."*
> *(Revista Cláudia, Ano , 85, nº 283, p.232)*

> *"... Eu preciso ser salva". Como Cinderela, algumas mulheres ainda hoje em dia esperam por algo externo que transforme suas vidas".*
> *(Revista Cláudia, Ano, 85, nº 284, p. 228)*

> *"Peter Pan, como membro do sexo forte, sofre exigências sociais que o obrigam a manter a face. É ele que deve servir de escora à fragilidade de Cinderela, cabe-lhe personificar o Príncipe Encantado: Belo, rico, poderoso, valente, pronto a enfrentar exército, matar dragões e vencer na vida - o protótipo da imagem viril que a sociedade patriarcal idealizou".*
> *(Revista Cláudia, Ano , 85, nº 284, p. 230)*

Deste modo, existe, por vezes até explicitamente, a sugestão de que se procure alguma forma de terapia, na busca de um maior auto-conhecimento, que legitime por si só suas opções.

Finalizando, através da mídia, parece haver uma constatação de um novo romance (apenas uma das possibilidades de vida afetiva, uma vez que a multiplicidade de opções é a tônica

da era do prazer). E, para que este seja prazeroso, os direitos de cada pessoa deverão estar garantidos. Para isso, é básico que tenhamos atingido um grau de maturidade e individuação, que conseqüentemente nos capacita a atribuir ao outro e a nós mesmos iguais direitos. Essa "nova família igualitária" é revelada como uma estrutura dinâmica, na qual se elaboram continuamente, definições e redefinições da realidade de cada um dos envolvidos, assim como do próprio relacionamento que é travado no seu interior.

Cabe agora, elucidar como essas definições e redefinições propostas para o novo casamento, o afetam. Ou seja, evidenciou-se que qualquer esquema sedimentado em tipificações está sujeito a ser contestado, portanto, seu questionamento e articulações internas constituem uma forte possibilidade. Foram estas questões que acabaram por constituir o objetivo desse trabalho: compreender como casais estão lidando com a interiorização das transformações que vêm se processando no cenário social mais amplo.

Depois desse breve levantamento de características de artigos publicados pela Revista Cláudia, nos anos em referência, seria falta de reconhecimento profissional deixarmos de citar Carmem da Silva. Sem dúvida ela foi precursora dessa nova forma de abordar questões conjugais, em revistas populares. Carmem da Silva assinou a seção "A Arte de Ser Mulher", de 1963 à abril de 1985, quando então veio a falecer. Desde sua primeira publicação, a autora se mostrou fiel ao espírito questionador, sem nunca "receitar conselhos". Seus artigos colocavam a necessidade de haver uma 'busca de si mesma', base indispensável de uma relação igualitária.

"O modelo de feminilidade proposta (ou melhor, imposta) pela sociedade patriarcal é um prato-feito para servir de álibi do infantilismo psíquico: o chamado "papel feminino" se ajusta como uma luva às mulheres imaturas".
(Revista Cláudia, Ano, 85, nº 284, p.232)

4.2 - Dados do IX Recenseamento Geral (1980); e da Corregedoria de Distribuição de Feitos do Rio de Janeiro

A princípio o levantamento a seguir, pretendia referir-se ao número de casamentos e descasamentos num determinado período, de uma mesma população. Mas, foram encontradas dificuldades para tal. Vários especialistas no assunto disseram-me que seria impossível recolher tais dados fidedignamente. Pensei então, em fazer um simples levantamento acerca da situação dos estados conjugais e dos tipos de uniões da população do Rio de Janeiro, através de dados do censo demográfico realizado pelo IBGE (1980).

Quanto ao levantamento sobre o estado conjugal, responderam à este recenseamento um total de 7.767.965 pessoas, de 15 anos ou mais, sendo 3.742.241 homens; e 4.025.724 mulheres.

Estes foram distribuídos de acordo com os critérios adotados:

Solteiras - as que não houvessem contraído casamento civil e/ou religioso e não vivessem em união consensual estável;

Casadas - as que houvessem contraído matrimônio civil, religioso ou civil e religioso, e vivessem em companhia de cônjuge, assim como as que vivessem em união consensual estável;

Separadas - as casadas (matrimônio civil, religioso ou civil e religioso) que se tivessem separado sem desquite ou divórcio;

Desquitadas - as que tivessem este estado civil homologado por decisão judicial e não vivessem em companhia do cônjuge.

Divorciadas - as que tivessem este estado civil homologado por decisão judicial e não vivessem em companhia de cônjuge;

Viúvas - as pessoas cujo cônjuge tivesse morrido e ao qual estivesse ligadas por casamento civil, religioso, civil e religioso ou união consensual estável e que não houvessem contraído novo casamento, nem vivessem em companhia de cônjuge.

Sintetizando os dados retirados do censo em questão, esquematizamos a seguinte tabela:

Estado conjugal e sexo (pessoas de 15 anos ou mais)

	HOMENS	MULHERES	TOTAL	%	IDADE ± FREQUENTE
Solteiros	1.402.518	1.261.714	2.664.232	34,8%	15 à 19 anos
Casados	2.141.411	2.119.555	4.270.966	55,8%	25 à 29 anos
Separados	60.748	142.150	202.898	2,65%	40 à 44 anos
Desquitados	20.189	45.637	65.826	0,8%	30 à 44 anos
Divorciados	2.789	7.778	10.564	0,14%	40 à 44 anos
Viúvos	60.184	379.010	439.194	5,7%	70 anos ou mais

Quanto ao segundo ítem, tipo de união, responderam,ao censo 4.270.966 pessoas, sendo 2.141.411 homens; e 2.129.555 mulheres; todos de 15 anos de idade ou mais.

Veja a tabela a seguir:

	HOMENS	MULHERES	TOTAL	%
Civil e Religioso	1.195.035	1.188.741	2.383.776	55,8%
Somente Civil	480.754	478.159	958.913	22,5%
Somente Religioso	22.766	22.710	45.473	1,4%
Outra	442.859	439.945	882.804	20,7%

Evidencia-se através das percentagens apresentadas que parece haver uma forte tendência das pessoas procurarem, ao menos uma vez, o relacionamento conjugal. Constata-se que a maioria (65,2%), vive ou já viveu maritalmente com alguém. Isto até então, pois dos outros 34,8% (que correspondem ao solteiros), não sabemos quantos já se casaram após a data deste recenseamento (1980).

Estes dados nos levam a pensar a importância da relação conjugal, pois este parece fazer parte, do projeto de vida do indivíduo. Da mesma forma, podemos perceber que o tipo de união tradicional (casamento no civil e no religioso) ainda prevalece (55,8%). Da maneira como os dados foram dispostos pelo censo, começamos a pensar que estava tudo em ordem e que não havia nada de errado com o casamento. Apenas um pequeno grupo tem se descasado. Sendo assim, o descasamento não se fazia em ques

tão de tanta relevância. Mas, depois de desvendar o mundo dos números do censo em questão, podemos perceber que um total de 279.288 pessoas já haviam se descasado, e que sem dúvida este número não era tão desprezível assim. Um outro detalhe importante, foi o fato de que, das 4.270.966 pessoas que se declararam casadas, 1.175.141 ainda não estavam na idade onde ocorre a maior parte dos descasamento, ou seja de 40 à 44 anos (segundo o censo). Pensamos ainda, que nós não sabemos quantas das 55,8% das pessoas que responderam que estavam casadas em 1980, já estavam na sua segunda, terceira... união.

Focalizando a questão dessa forma, percebemos que o fato de se ter um número tão grande de pessoas casadas, isto não invalida a hipótese de que estas estejam vivenciando conflitos que possam levá-las ou não ao descasamento, e à sucessivos recasamentos.

Ou seja, concluimos que:

- Das pessoas que responderam o censo, 55,8% estavam casadas (1980); e apenas 5,6% descasadas.

Mas, 27,5% dos casados estavam na faixa etária de 15 a 39 anos de idade, onde o número de descasamentos não é considerado tão freqüente, segundo o censo.

Perguntamos então:

- Quantos dos casados permaneceram casados, após o recenseamento?

- Quantos desses casados já haviam se descasado anteriormente?

- Quantos desse mesmo grupo permanecem casados judicialmente embora não constituam uma família real?

- Quantos apenas coabitam com o seu cônjuge, embora não vivam maritalmente?

- E, dos casados entre 15 à 39 anos de idade, quantos permanecerão casados?

Finalizando este parecer, conclui-se que o casamento é uma situação que a grande maioria das pessoas experimentou, experimenta, ou experimentará. Dessa forma, qualquer entendimento de algumas das dimensões, das relações conjugais contemporâneas, principalmente aquelas que se referem à estabilidade conjugal, é de considerável relevância.

4.2.1 - Dados das Varas de Família do Rio de Janeiro

Um outro levantamento que mereceu destaque, foi retirado dos mapas estatísticos dos "Feitos Distribuídos do Rio de Janeiro".

Foi um estudo através dos números de petições nas 'Varas de Família do Rio de Janeiro', nos últimos 5 anos.

São eles:

PETIÇÕES	1982	1983	1984	1985	1986
Separação litigiosa	?	?	?	1.336	1.334
Separação consensual	3.696	4.366	4.559	4.619	4.723
Conversão de desquite em divórcio	1.905	2.311	2.335	2.326	2.530
Divórcio litigioso	-	-	-	661	613
Divórcio consensual	1.317	1.116	1.062	1.008	795
Ações de alimentos	890	1.345	2.304	2.305	2.864
Investigação de paternidade	?	?	?	163	125
Justiça gratuita	2.295	7.025	7.940	7.014	7.249

OBS.: onde se encontra "?", o número total ainda é desconhecido dos arquivos pesquisados.

Estes dados fornecem características curiosas. Podemos notar que nos últimos 5 anos, o número de petições nas referidas varas, foi significativamente ascendente. Mas, se atentarmos para as diferenças entre os anos de 1985 e 1986, perceberemos que existe um certo decréscimo em alguns itens. Vejamos:

Valores totais de petições nas varas de família do Rio de Janeiro, nos últimos 5 anos:

ANO	1982	1983	1984	1985	1986
	18.524	21.981	24.210	25.469	24.995

Percentagens de diminuição do número de petições discriminadas, às Varas de Família do Rio de Janeiro, de 1985 à 1986.

Ações de alimentos	- 10,6%
Divórcio consensual	- 21,1%
Divórcio litigioso	- 7,3%
Investigação de paternidade	- 23,3%
Anulação de casamento	- 20,4%

Sem dúvida este decréscimo é curioso. O que será que houve? Será que a "época do cruzado", que parecia trazer uma certa estabilidade financeira, com o congelamento dos preços, e uma "esperança" de ascensão social interferiu na estabilidade conjugal? Certamente, precisaríamos de uma investigação bem mais minuciosa para arriscarmos qualquer interpretação.

Para finalizar, verificamos que devido a grande demanda dos últimos anos, a partir de 1985 passaram a existir 18 (dezoito) Varas de Família, na comarca da capital. Até então, existiam apenas 12 (doze). Embora não tenhamos os dados completos, pois estes não constam nos próprios arquivos do Forum desta cidade, com o material que tivemos acesso, podemos calcular que nos últimos 5 (cinco) anos, mais de 70.000 casais se separaram judicialmente no Rio de Janeiro. Por outro lado calculamos que a média de pedidos de casamentos,no mesmo período, foi em tôrno de 72.000.

Assim sendo, podemos considerar a situação em questão bastante crítica, o que de certa forma respalda a necessidade de elucidarmos questões acerca de novos modelos de atendimento psicoterápico, no tocante a algumas dimensões das relações familiares em uma sociedade em transformação.

4.3 - Descrição do questionário

Como já fora descrito, o universo da análise foi uniformizado com base em características pré-determinadas. Para tal, o questionário utilizado teve que conter uma parte inicial com perguntas que visassem selecionar a amostra, através do controle dessas variáveis. Optamos por uma amostra constituída por mulheres, por considerar que haja uma maior facilidade pessoal no trato de questões conjugais, com este grupo. E optamos por entrevistar somente um dos membros do casal, por saber que dentro da amostra existiriam mulheres descasadas, tornando-se inviável, a presença do ex-cônjuge. Neste ponto queremos justificar a escolha de uma amostra que também contenha mulheres descasadas, já que propomo-nos a investigar a questão das "crises" conjugais, em casais que permaneçam casados. Achamos fundamental incluir depoimentos de mulheres descasadas, pois neste grupo as crises se consumaram numa separação. Desta forma, pensamos que deva ser menos ameaçador ou constrangedor falar livremente de "crises" conjugais, "fora" de uma relação. Este relato das descasadas poderá fornecer um importante parâmetro de comparação em relação ao relato das mulheres casadas.

Não incluímos na amostra mulheres que tenham sofreca

sado, por considerarmos que este segundo casamento possui contorno bem diferente do primeiro casamento, podendo se constituir numa variável interveniente à pesquisa. A escolha da data do primeiro casamento (1977) visou selecionar uma amostra, na qual as entrevistadas já possam ter vivenciado diversas fases e momentos da vida conjugal - e provavelmente algumas "crises" e terem optado por permanecerem casadas (10 anos).

Com relação aos limites de idade preocupamo-nos em controlar esta variável, para que pelo menos a socialização primária desses sujeitos tenha se dado relativamente numa mesma época. Com o controle destas variáveis, esperamos homogeneitizar ao máximo a amostra.

A classe social foi determinada a partir de critérios referentes à renda mensal familiar. Esta, para as mulheres casadas, deveria estar em tôrno de 7 a 12 minutos e para as descasadas tivemos que levar em considerações outros aspectos, como: se ela morava sozinha; se dividia as despesas com alguém; no caso de ter filhos, se tivera a posse e guarda dos mesmos; se recebia pensão do ex-marido... E a partir daí então, fizemos a estimativa mais coerente possível com sua realidade social. Elaboramos questionários, abordando os mesmos aspectos em ambos, mas levando em conta o momento biográfico da mulher entrevistada (casada ou descasada). Procuramos abordar questões que pudessem atingir ao nosso objetivo de estudo. Para isso, levantamos algumas categorias, e procuramos investigá-las em três fases diferentes: na socialização primária; e em outras duas fases da socialização secundária (adolescência, e no momento em que a entrevistada passa a relacionar conjugalmente), Ou seja, abordamos temas

básicos, em três momentos diferentes da vida da entrevistada, tendo em vista delinear os contornos dos sistemas simbólicos por ela internalizados nestes três momentos de sua vida, bem como de possíveis conflitos entre os conteúdos dos mesmos (por exemplo: dona-de-casa "versus" profissional).

Quanto ao primeiro momento, o da socialização primária, a entrevista incluiu questões tais como:

- a forma como ela "via" a relação dos pais:

- se havia brigas entre os pais e como estas eram resolvidas.

- como era a participação de cada cônjuge (pai e mãe) nos processos decisórios como:

. educação dos filhos
. despesas domiciliares
. divisão de tarefa

- como ela própria via:

. o casamento
. a virgindade
. a sexualidade no casamento
. a sexualidade extra-conjugal
. a profissionalização da mulher
. a separação conjugal

- o que pensava a respeito da profissionalização da mulher e a respeito das divisões de papéis conjugais;

- que projetos de vida conjugal que ela tinha nesta fase, assim como suas expectativas em relação à atividade sexual;

- e como ela "via" a relação sexual extra-conjugal.

E, quanto ao segundo momento que nos interessa, da socialização secundária (durante o casamento), investigamos as seguintes questões:

- história da escolha conjugal;
- o que entende por crise conjugal;
- como se dá a divisão de papéis com o cônjuge;

  . responsabilidade com os filhos;
  . divisão de tarefas domiciliares;
  . participação de cada cônjuge na renda familiar

- se tiver tido filho(s), como foi feita a programação deste, e se esta se deu imediatamente após o casamento;

- características da relação conjugal:

. quais as "crises" mais marcantes
. como foram resolvidos
. se casou virgem
. relacionamento sexual
. relacionamentos sexuais extra-conjugais
. relacionamento com a família extensa

- se tem ou se já teve vontade de se separar.

E, para as descasadas, se antes da separação já havia pensado em se separar.

No questionário das mulheres descasadas, incluímos a questão de como estas vêem a solução das "crises" conjugais,

por parte de amigas que permanecem casadas. E, analogamente pretendemos verificar a visão das mulheres casadas, quanto as "crises" que levaram suas amigas ou conhecidas a se descasarem. Com este questionário, pretendíamos lançar questões iniciadoras que abrissem espaço para que as entrevistas colocassem livremente questões que caracterizassem suas "crises conjugais", assim como as diferentes concepções de casamento nas diversas fases de sua socialização. Para tal, consideramos apropriado que o questionátio fosse intercalado com perguntas abertas e fechadas, e que ainda contivesse um espaço livre ao seu final, para que as interessadas pudessem fazer qualquer comentário adicional.

Como algumas perguntas podiam ser encaradas como íntimas, procuramos esclarecer na folha de rosto do questionário,os objetivos do mesmo, assim como o fato de que suas respostas seriam de caráter estritamente confidencial, não sendo necessário a identificação. Colocamos inclusive o número do nosso telefone no questionário, dispondo-nos a prestar qualquer esclarecimento que fosse necessário, o que, por diversas vezes o fizemos.

Foram distrituídos ao todo 650 questionários,dos quais conseguimos reaver 225, ou seja 34% do total. Como também já fora dito, alguns alunos nos auxiliaram na distribuição dos questionários, sendo que a cada um foi dado apenas dois questionários (um para ser respondido por mulher que estivesse casada, e outro por descasada). Apesar deles estarem cientes da necessidade de só participarem mulheres que estivessem dentro das características pré-determinadas, várias delas não estavam. No cômputo geral então, só pudemos aproveitar 115 questionários de mulheres casadas e 98 de mulheres descasadas; perfazendo um total de 213 questionários.

A seguir procuramos categorizar cada uma das respostas ordenadamente, quantificando-as quando possível. Gostaríamos de salientar ainda, que o levantamento das perguntas abertas procurou utilizar os mesmos termos citados pelas informantes.

Todo este procedimento visou elucidar algumas das diferentes concepções de casamento nas diversas fases de socialização das entrevistadas; os possíveis conflitos decorrentes e suas possíveis conciliações.

TABELA 1 - Distribuição dos informantes, segundo estado civil.

ESTADO CIVIL	Nº	%
Casados	115	54,0%
Separados	98	46,0%
TOTAL	213	100,0%

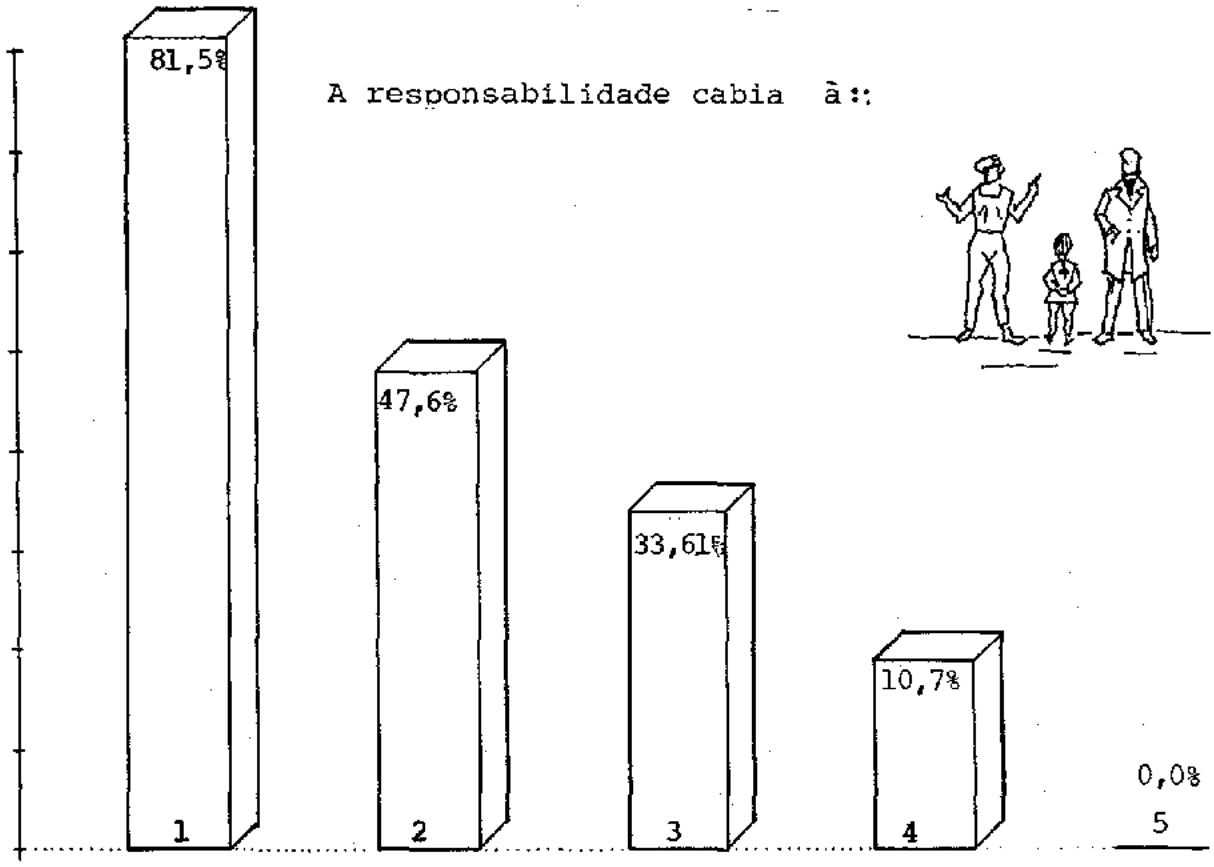
4.3.1 - Levantamento dos dados dos questionários (em anéxo)

I - Durante a relação conjugal de seus pais:

1) - Os pais das entrevistadas permanecem casados, em sua maioria (89,5%)

2 - No tempo em que você vivia com os seus pais, a quem cabia a responsabilidade de:

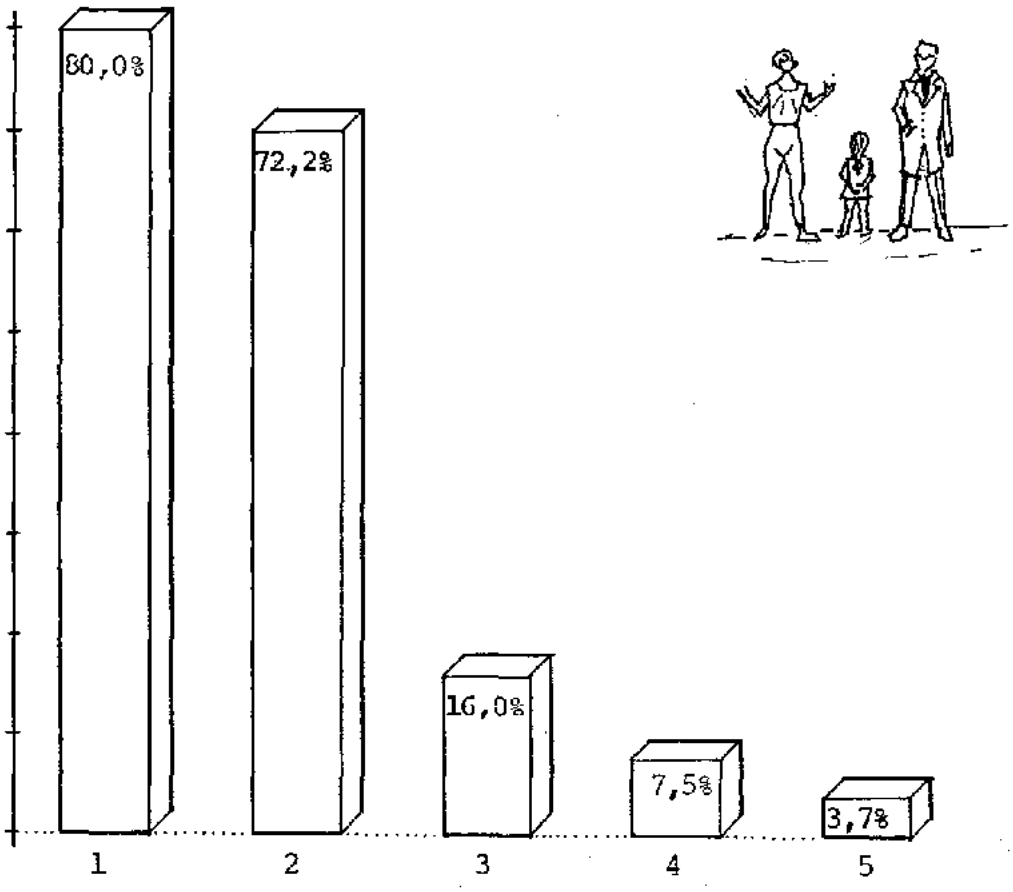
	MÃE	PAI	AMBOS	NENHUM
A - educar os filhos	66,0%	-	34,0%	-
B - castigá-los	75,6%	-	24,4%	-
C - dialogar com os filhos	55,4%	-	36,0%	8,6%
D - educação sexual dos filhos	29,1%	-	6,6%	64,3%
E - passear c/filhos	28,6%	-	64,7%	6,7%
F - controle da natalidade	31,0%	-	36,0%	33,0%



1 - total de respostas que incluiram a mãe
2 - apontaram exclusivamente a mãe
3 - ambos: pai e mãe
4 - nenhum dos dois
5 - apontaram exclusivamente o pai

3) - A quem cabia a responsabilidade pela(s):

	MÃE	PAI	AMBOS	OUTROS
A - Despesas domiciliares	8,4%	64,2%	26,2%	-
B - Tarefas domiciliares	95,7%	-	4,3%	-
B.1 - Prepara refeições	93,0%	-	-	7,0%
B.2 - Arrumação de casa	92,0%	-	-	8,0%



1 - total de respostas que incluíram a mãe

2 - exclusivamente a mãe

3 - exclusivamente o pai

4 - ambos

5 - outros

4) - Qual a freqüência de brigas entre seus pais:

Raras	52,6%
Mensais	21,6%
Semanais	21,6%
Diárias	4,2%

5) - Qais os motivos mais freqüentes desses desentendimentos?

1º - Problemas financeiros	40,3%
2º - Autoritarismo do pai	14,5%
3º - Filhos não participavam desses assuntos	13,0%
4º - Ciúmes	9,5%
5º - A educação dos filhos	9,0%
6º - Interferência de parentes	5,7%
7º - Bebida (geralmente do pai)	5,7%
8º - Outros	2,3%

6) - Como eram resolvidos?

1º- Sempre com a mãe cedendo	61,0%
2º- Entre eles	14,0%
3º- Depois de muita briga	7,5%
4º- Com a interferência dos filhos	5,1%
5º- Outros	12,4%

7) - Quais foram as crises conjugais mais sérias?

1º- Não saben especificar	48,3%
2º- Problemas financeiros	12,8%
3º- Crises de gênio do Pai	11,2%
4º- Interferência de parentes na educaçao dos filhos	9,8%
5º- Ciúmes	6,6%
6º- Quando a mãe quis trabalhar fora (nenhuma delas foi)	4,7%
7º- Problemas sexuais (não especificaram)	4,2%
8º- Morte de parente próximo	2,3%

8) - Aponte a opinião de seus pais sobre as seguintes questões:

A - Virgindade: - 100% das respostas disseram que era um tabu primordial, o qual seus pais exigem.

B - Sexualidade no casamento:

. 27% era um assunto que não se tratava:

. 23% utilizou a palavra "Normal"

C - A relação extra-conjugal:

. 100% errada; absurda; falta de caráter; radicalmente contra...

(23 respostas - 10,8% - disseram saber que seu pai já havia mantido relações extra-conjugais).

D - Profissionalização da mulher:

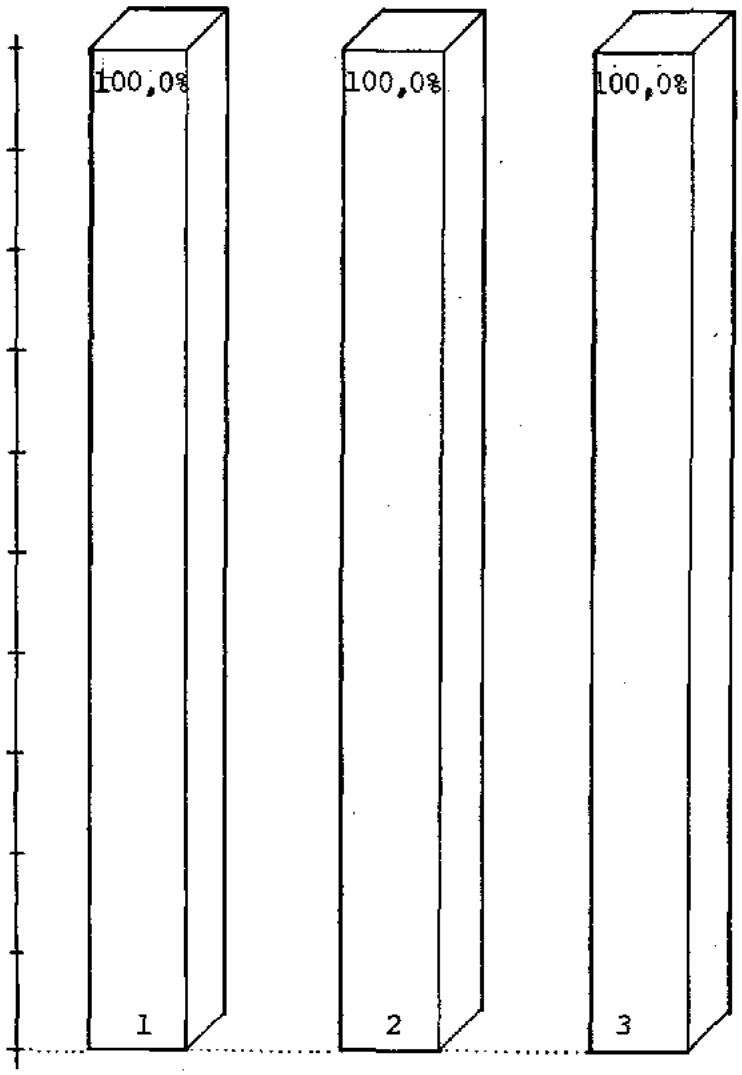
. A mulher ficando em casa ajuda mais	59,2%
. Certa; boa	30,5%
. Só como professora primária	10,3%

E - A separação conjugal:

. nem pensar; uma coisa errada	60,0%
. Fazer tudo que for possível para evitá-lo	32,0%
. A favor	8,0%

F - O casamento tradicional

. "Lindo"; "eterno"; "o certo" - 100,0%



Portanto,

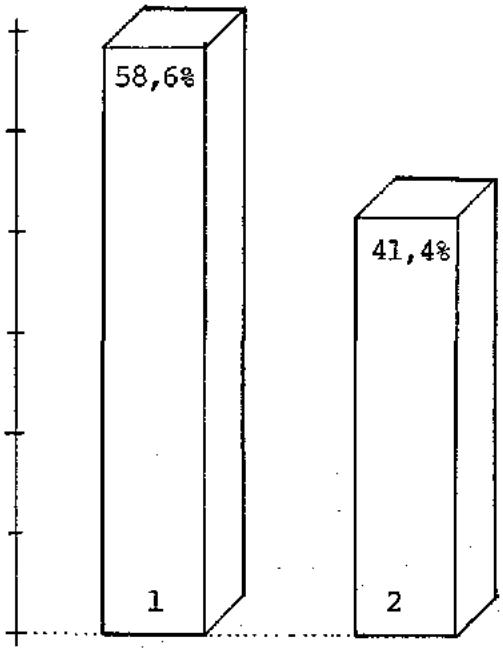
Segundo as entrevistadas, seus pais:

1 - valorizavam a virgindade
2 - eram contra a relação extra-conjugal
3 - valorizavam o casamento tradicional

9) - Na sua infância como você via a relação de seus pais?

1º - "Sem críticas	22,5%
2º - Uma relação reservada, fria, monótona	18,4%
3º - Uma relação normal	16,3%
4º - Uma relação maravilhosa, ótima	14,5%
5º - Conflituosa, com muitas brigas	14,0%
6º - Como uma submissão da mulher	9,0%
7º - Sinônimo de amizade"	5,3%

Viam o relacionamento dos pais:



1 - positivamente
2 - negativamente

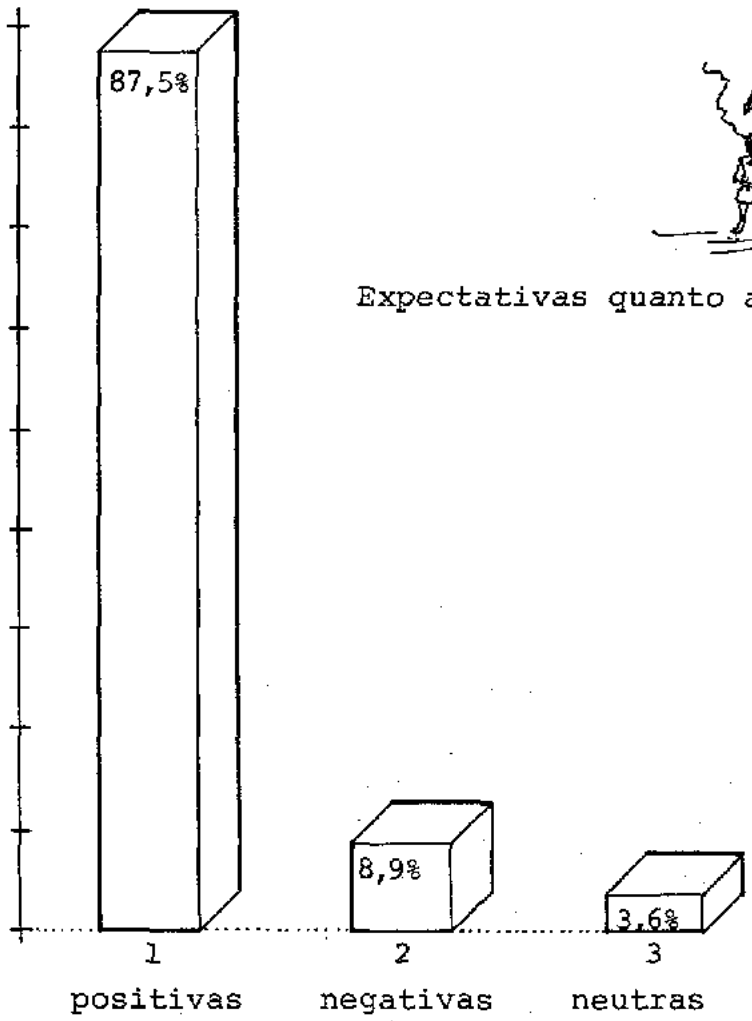
10) - E o que você pensava sobre o casamento?

1º - "Que era um sonho a dois; especial; que teria um príncipe a minha espera; que seria como a cinderela (essas mesmas expressões apareceram repetidamente) 72,3%

2º - Uma coisa boa; natural... 15,2%

3º - Uma coisa ruim; ameaçadora, tinha medo. 8,9%

4º - Não pensava sobre este assunto" 3,6%



Expectativas quanto ao casamento:

II - No período de sua adolescência:

1) - Como eram seus projetos de vida conjugal nesta época?

. "Ideal de vida; felizes para sempre; ter um sonho a dois; entrega total, ser boa esposa — 40,0%

. Ter filhos, com quem amasse, ser boa mãe, boa dona de casa — 40,0%

. Casar de véu e grinalda, virgem; ter um lar." — 11,0%

. "Não tinham projetos nesse sentido; não pensavam no assunto" — 42,0%

. Ser feliz para sempre; ideal de vida; — 31,0%

. Ter filhos..." — 27,0%

2) - Na adolescência, como você via:

A - Virgindade:

. "De extrema necessidade; intocável; sagrada; pecado grave se não se casasse virgem... — 91,0%

. Davam importância por causa dos pais, mas questionavam." — 9,0%

B - Sexualidade no casamento:

."O máximo; maravilhoso, idealizava bastante...	81,5%
. Natural	11,0%
. Tinha medo; receio..."	7,0%

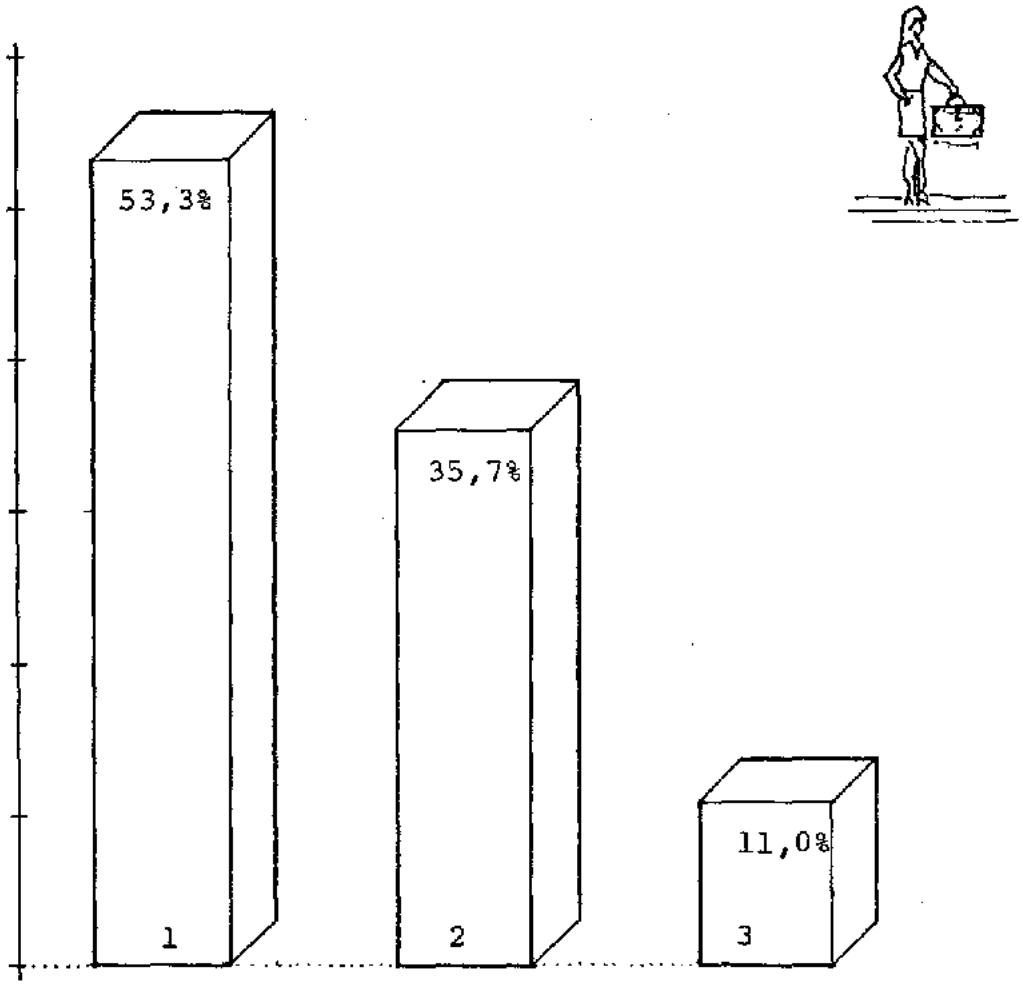
C - A relação extra-conjugal:

. "Absolutamente contra	84,0%
. Não pensava sobre o assunto."	16,0%

D - A profissionalização da mulher:

. "Não desejava trabalhar	35,2%
. Queria só lecionar	19,4%
. Pensava em cuidar do futuro lar	17,1%
. Valorizavam	16,3%
. Não pensavam sobre o assunto."	11,0%

Quanto a profissionalização da mulher, as entrevistas no período da adolescência:



1 - não a valorizavam
2 - valorizavam
3 - neutras

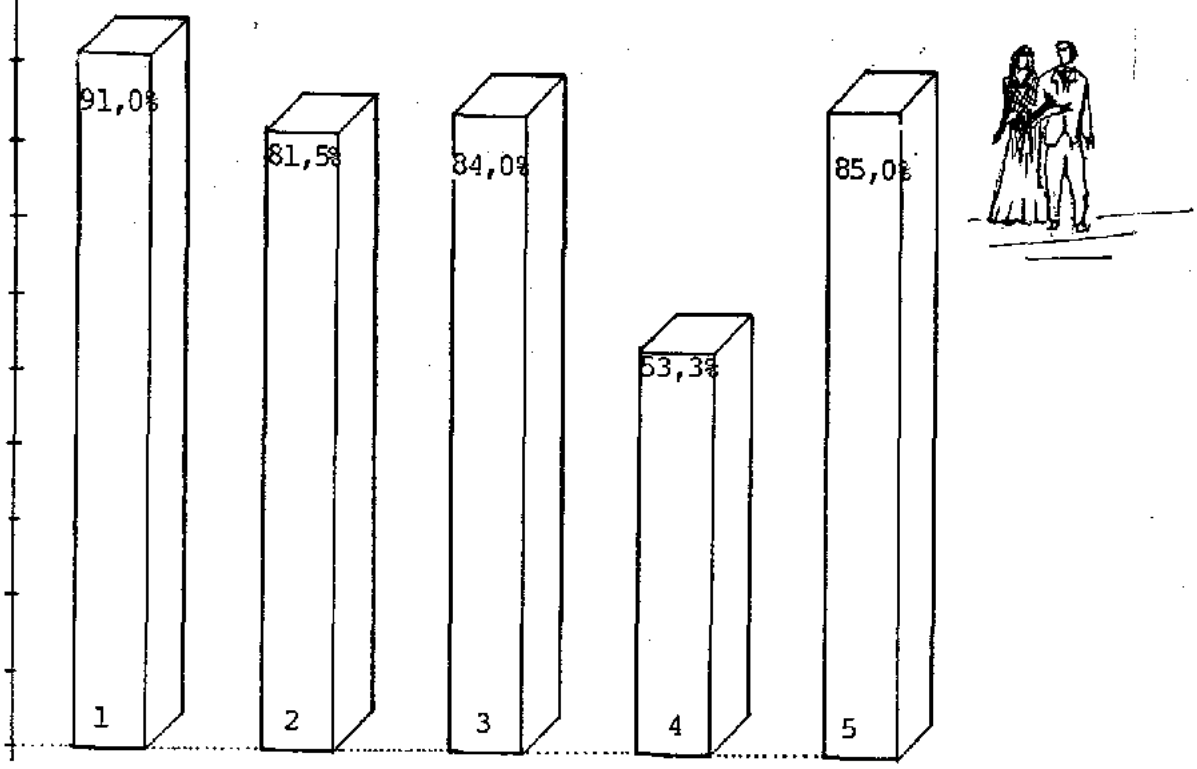
E - Separação conjugal:

. "Não aceitava; era contra...	29,3%
. Só se o marido fosse infiel	27,3%
. Só se o marido não fosse bom	21,0%
. Não pensava sobre o assunto	13,4%
. A favor."	9,0%

F - O casamento tradicional:

. "lindo; ideal; desejava; inquestionável...	68,0%
. normal	17,0%
. não tinha conceito pré-estabelecido	9,0%
. duvidoso, um risco..."	6,0%

Durante a adolescência, as entrevistadas:

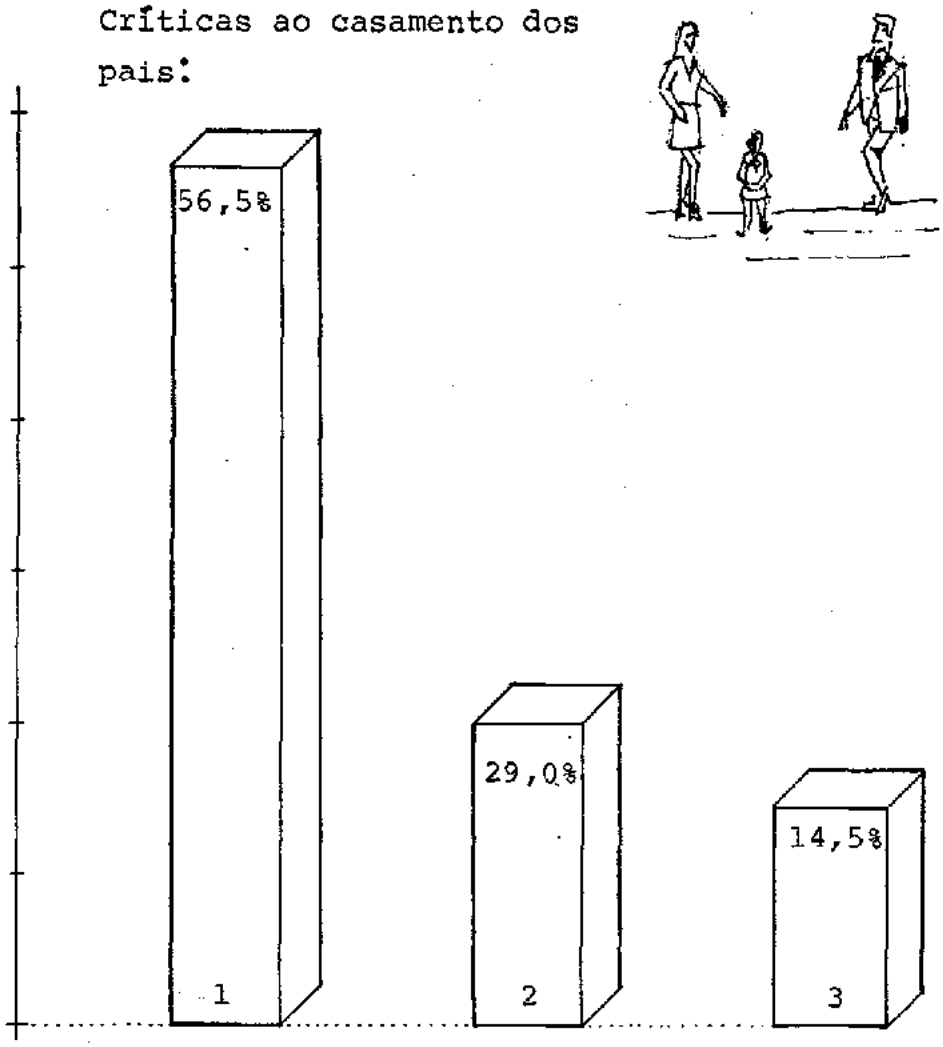


1 - valorizavam a virgindade
2 - idealizavam o sexo no casamento
3 - eram contra a relação extra-conjugal
4 - não valorizavam a profissionalização da mulher
5 - valorizavam o casamento

3) - Nesta fase, você fez algumas críticas sobre a relação de seus pais? Quais?

1º - "Sobre as atitudes machistas do pai; pai chegando tarde em casa; pai querendo mandar na mãe e nos filhos...	26,6%
2º - Atitudes de submissão da mãe; mãe-doméstica...	19,9%
3º - Repressão; falta de diálogo; ter que ler pela cartilha dos pais; pouca abertura sobre sexo...; ter que respeitar os pais, por medo...	19,0%
4º - Não fez críticas	14,5%
5º - Falta de carinho, em geral;	10,0%
6º - Sobre brigas constantes dos pais."	10,0%

Críticas ao casamento dos pais:



1 - quanto ao relacionamento conjugal
2 - quanto a relação pais e filhos
3 - não fizeram críticas

III - Em relação ao seu casamento:

1) - Como você poderia resumir a história da decisão de casar-se com o seu marido (ou ex-)? Ele é (ou era) o seu "Príncipe Encantado"?

O relato das mulheres foi bastante semelhante. Para a maioria não houve uma história de decisão, mas algo que "aconteceu". Embora todas tivessem dito que o marido não era "seu príncipe encantado", a maioria das mulheres casadas, disseram que o amavam e que tinham perspectivas de vida semelhantes. Já as mulheres descasadas, foram quase unânimes em dizer que gostavam, ou que eram amigas de seu ex-cônjuges, na época do namoro mas que não o amavam.

"Nada de príncipe. Ele era meu amigo, nós nos conhecíamos desde pequeno, e só isso".

"Nem uma coisa nem outra", foi o 1º namorado, gostava dele e queria ter a minha casa, as minhas coisas, um filho. E aí, nós pensamos da mesma forma e acabamos indo para o "altar".

2) - Qual o tempo de namoro com o seu cônjuge (ex)?

O tempo médio relatado foi de 2 anos; sendo o menor tempo de 8 meses (tanto da casada, como o da descasada), e o maior tempo foi de 3 anos.

3) - Quais eram os principais desentendimentos durante o tempo de namoro?

. "ciúmes	65,7%
. diferenças de opiniões	11,0%
. personalidade forte de ambos, que por vezes se chocavam	9,0%
. adaptação sexual	6,7%
. pelo namorado ser dispersivo, indiferente, fechado...	3,8%
. não houve"	3,8%

4) - Como é (ou era em caso de ser separada), o relacionamento com as famílias de origem? (avós, tios...)

. "Bom, normal	41,0%
. afastado, indiferente	19,0%
. não nos gostamos, mas disfarçamos; só nos respeitamos...	17,6%
. cheio de mágoas; com um início de submissão (nossas) absurdas...	12,2%
. muito bom."	10,2%

5) - A quem cabe ou cabia a responsabilidade pelas:

	ESPOSA	ESPOSO	AMBOS	OUTROS
- A - Despesas domicilia res	-	74,5%	25,5%	-
B - Tarefas domésticas em geral	92,6%	-	7,4%	-
B.1 - preparar refeições	-	-	-	*42,0%
B.2 arrumação de casa	-	-	-	*31,6%

* A categoria 'outros', apareceu concomitantemente, com a de esposa.

- Quem optou por ser desta forma?

. "nós; 46,0%

. eu mesma 19,7%

. aconteceu, foi sempre assim 17,9%

. ele, ele era machão." 16,4%

6) - Em caso de ter filho(s), este foi planejado pelo casal?

Das mulheres que tem filho(s) responderam que:

. Sim 94,0%

. Não 6,0% (sendo todas as respostas de mulheres que estão casadas)

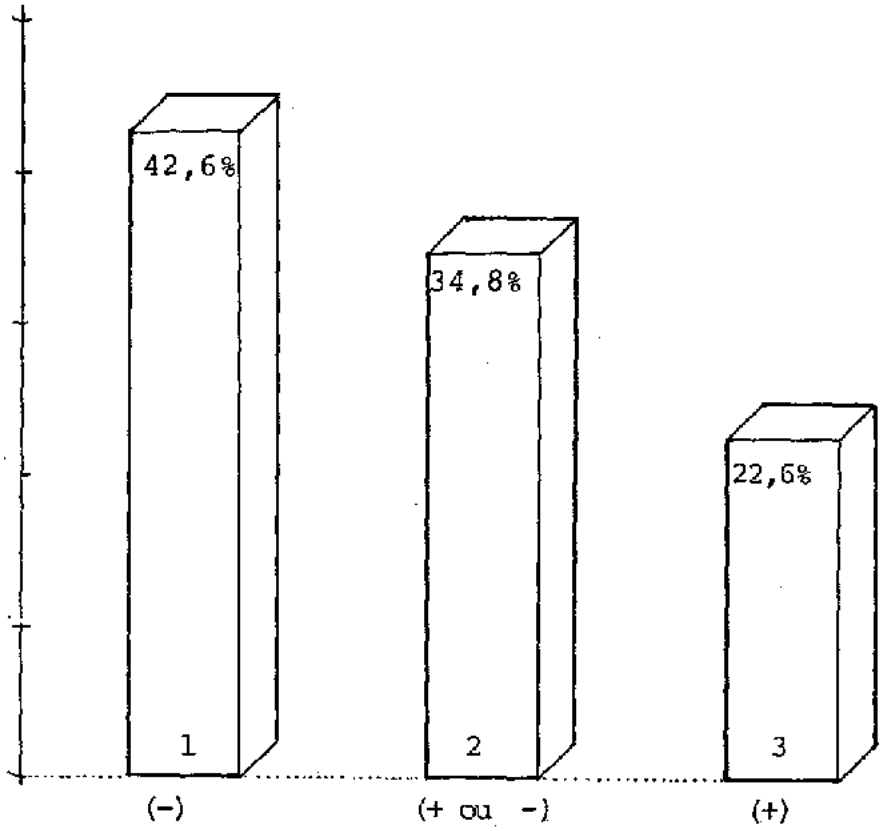
7) - Qual o tipo de controle de natalidade usado "pelo casal"?

. "pílula	43,7%
. preventivo e pílula (alternados)	19,0%
. tabela e pílula (alternados)	17,0%
. tabela	14,4%
. diafrágma	9,0%
. ligamento de trompas"	0,9%

8) - Como você define (ou definia) sua relação sexual conjugal?

1º - "Com altos e baixos, quando estão bem é boa	34,8%
2º - depois de mágoas, decaiu muito; já perdeu a emoção; já foi boa; um ato puramente mecânico; fria; fraca; sem amor...	31,0%
3º - normal; boa; satisfatória	11,6%
4º - ele é preconceituoso; falta carinho antes e depois; eu queria ir mais além	11,6%
5º - perfeita."	11,0%

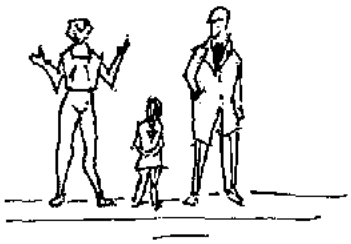
Segundo o seu relacionamento sexual conjugal, as entrevistadas o consideraram:

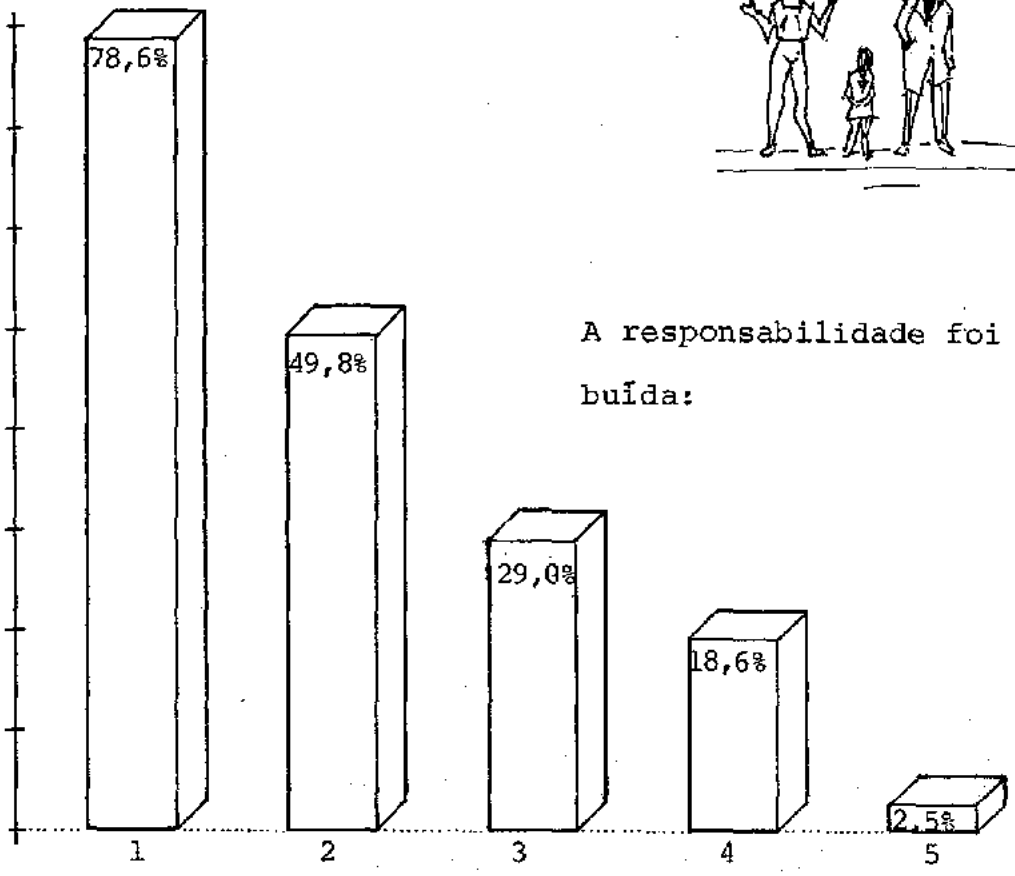


1 - negativo
2 - regular
3 - positivo

9) - A quem cabe (ou cabia) a responsabilidade de:

	ESPOSA	ESPOSO	NENHUM ESPECIFICAMENTE	AMBOS
A - educar os filhos	12,2%	-	20,6%	67,2%
B - dialogar com os filhos	3,3%	-	56,8%	39,9%
C educação sexual dos filhos	34,9%	12,6%	9,8%	42,7%
D - passear com os filhos	15,1%	-	7,0%	77,9%
E - evitar a gravidez.	78,8%	-	-	21,1%





A responsabilidade foi atribuída:

1 - à mãe
2 - ambos
3 - exclusivamente à mãe
4 - nenhum especificamente
5 - exclusivamente o pai

10) - Atualmente, o que você pensa sobre:

A - Virgindade

. "sem importância; nada mais que um hímen; um tabu tolo; uma fantasia de idiota; um atraso; um empecilho	63,5%
. depende de cada um; uma opção pessoal	20,6%
. ainda admiro; quero para minhas filhas; acho bonita; uma preservação necessária."	15,9%

B - Sexualidade conjugal/prazer:

. "indispensável	100,0%

C - Sexualidade extra-conjugal:

. "aceito; entendo; se for forte, tudo bem; boa se não prejudicar a ninguém; uma fantasia boa; porque não?; quando não se tem em casa, busca-se fora; pode acontecer com qualquer um	67,1%
. contra; uma traição a si mesmo; uma fuga; não aceito; repudio	29,1%
. não penso nisso."	3,8%

D - A profissionalização da mulher:

. "natural, importante, admiro, fundamental;"	100,0%

E - A separação conjugal:

. "se necessária; tudo bem	70,9%
. dolorosa;difícil	21,1%
. se possível evitar; pensar nos filhos"	8,0%

F - O casamento tradicional:

. "chato; fora de moda; besteira; sem importância; contra	56,8%
. a melhor opção; lindo; a favor	23,0%
. indiferente; tanto faz; uma opção do casal".	20,2%

G - Filhos no casamento:

. "importante; fundamental; casal sem filhos não tem sentido; o equilíbrio do casal	86,4%
. devem ser desejados; planejados; só com estabilidade do casal".	13,6%

H - A questão financeira no casamento:

. "primordial; conta muito; sem uma situação financeira equilibrada, não existe um bom relacionamento; sua falta é incompatível com o amor ... 87,8%

. ambos devem contribuir; deve ser compartilhado"... 12,2%

I - O amor:

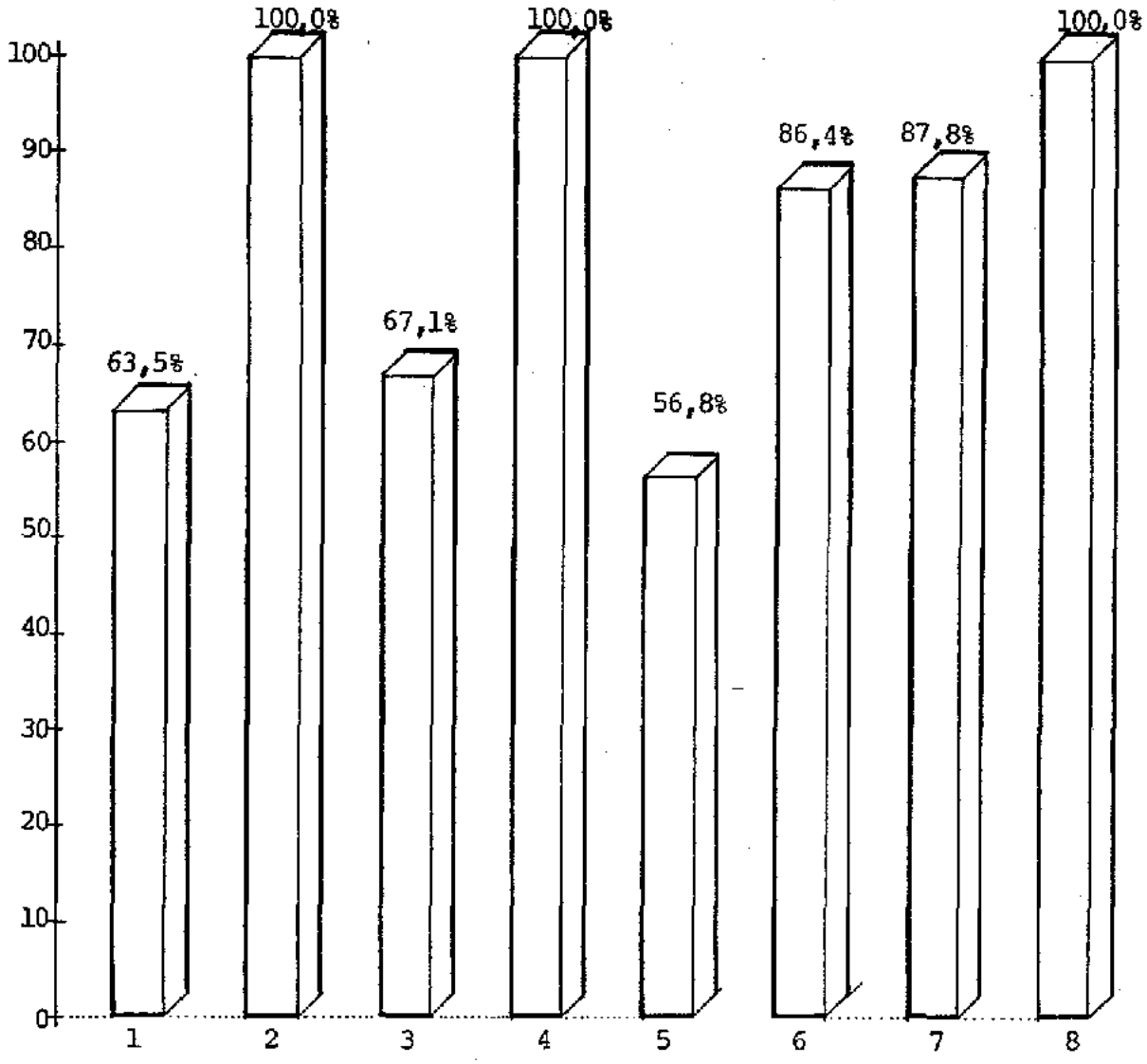
. "é a base principal; é carinho, ternura e sexo; uma amizade sólida; importante para a felicidade"... 100%

11) - O seu marido (ou ex) compartilha com essas mesmas idéias?

	SIM	NÃO	ACHO QUE SIM
Casadas.....	48,8%	16,0%	35,2%
Descasadas....	12,2%	80,6%	7,2%

12) - O que você entende por "crise conjugal"? Esta questão foi comentada na análise do questionário.

As entrevistadas responderam que atualmente:



1 - não valorizam a virgindade
2 - o prazer sexual é indispensável
3 - aceitam a sexualidade extra-conjugal
4 - valorizam a profissionalização da mulher
5 - são contra o casamento tradicional
6 - consideram fundamental os filhos no casamento
7 - que a situação financeira estável é fundamental
8 - valorizam o amor no casamento como fator principal.

IV.A.- Somente para as mulheres que estão casadas:

1) - Quais as crises mais freqüentes em sua relação conjugal? Como são resolvidas?

As respostas basearam-se geralmente nos choques do dia-a-dia; nas questões financeiras, com discordâncias sobre como deve-se administrar o dinheiro; educação dos filhos, diferença de criação...

São resolvidas na maioria das vezes depois de brigas sérias, já que o diálogo geralmente acaba gerando agressão e rancor.

"Tento dialogar, mas não adianta muito".

"Com conversa não chegamos a nenhuma solução. Ele é uma pessoa bruta, não sabe as vezes dialogar r ponto de compreender o ponto de vista do outro. Eu acho que ele não quer ficar por baixo".

"Acho que você vive numa roda de fogo, as crises acontecem diariamente, você vai contornando disfarçando"....

2) - Qual a crise mais grave?

Algumas mulheres apontaram à falta de amor, ou à indiferença. Às vezes da esposa, às vezes do marido. Segundo elas, este sentimento gera no outro insegurança, ciúmes, e muitas cobranças, até mesmo financeira. A relação sexual também "esfria". "Aí, as coisas parecem estar no fim, mas com o tempo tudo volta ao normal".

Um pequeno grupo referiu-se ao fato de ocorrerem agressões físicas, durante uma discussão corriqueira .

Mas, a maioria das mulheres respondeu não haver uma única situação grave, mas sim, várias, e conforme o tempo passa, a mais recente parece ser sempre a derradeira.

3 e 4) - Já teve vontade de se separar? Quando? E seu marido?

Todos os questionários obtiveram a resposta "sim", à esta pergunta. Seguido ainda de expressões do tipo: "várias vezes"; "quase sempre que brigamos".

E, o mesmo foi respondido à pergunta nº 4, no que se refere ao fato do marido já ter expressado a vontade de separar-se.

5) - Já teve relações extra-conjugais?

E seu marido?

esposa	. sim	14,8%
	. não	85,2%
marido	. sim	7,8%
	. não	46,9%
	. creio que não, não sei	45,3%

6)- Que críticas faria à sua relação conjugal?

O que você gostaria que fosse diferente?

A palavra "compreensão" apareceu na grande maioria das respostas, seguidas por "compartilhar", "segurança", "mais carinho", e"menos egoísmo".

O aumento do diálogo foi apresentado por muitas mulheres como uma necessidade para que a relação melhorasse.

Quanto ao sexo, algumas mulheres se disseram pouco realizadas, e que gostariam que seus maridos fossem menos preconceituosos, e percebessem que além da fantasia deles, existe também a delas.

> "Eu gostaria que houvesse mais compreensão entre nós, mais carinho, que fosse uma relaçao espontânea, sem preconceitos, sem medo. Gostaria que ele tivesse outra cabeça, uma cabeça mais moderna".
>
> "Nossa relação sexual é muito sem sal, e queria que fosse mais emocionante, mas falta amizade forte e compreensão. Ele é egoísta e eu tenho vergonha de reclamar".

7) - Ao que você atribui o número crescente de separações?

As respostas mais freqüentes foram:

. a existência de outras opções possíveis, como não existia antes (divórcio). "O casal pode refazer a sua vida, sem tantos preconceitos".

. que atualmente as mulheres são mais fortes, e independentes, e não precisam mais se submeter a situações de contrariedades.

> "Ninguém quer mais aturar os defeitos graves do outro, ainda mais a mulher que sempre viu sua mãe submissa, agora que não precisa mais, não atura mesmo".

. falta de preparo para o casamento, falta de regras prê-estabelecidas...

> "Antes a mulher casava, e era só repetir tudo que tinha aprendido. Agora ela casa e não sabe como vai ser, se trabalha, se lava a louça... O marido então, não entende nada, e acha que a mulher está ficando maluca. Aí, se separam".

8) - O que você pensa a respeito das mulheres separadas? Por que elas não conseguiram permanecer casadas?

Foram respostas variadas. Mas, a maioria analisou a questão em cima de apenas um dos cônjuges, e não a relação como um todo;

> "São mulheres que já tiveram muitas experiências com outros homens antes de casar, e além de comparar um com o outro, se acostumaram com essa vida".
>
> "Deram azar, casaram com homens que não a mereciam, que não eram bons, ou então elas, sei lá."
>
> "São pessoas que já se casam pensando em se separar, então qualquer coisinha acabam com tudo".
>
> "Todo mundo passa por momentos difíceis, mas a pessoa tem que ser forte e esperar passar".

Apesas uma minoria viu a questão por um outro prisma:

> "Cada caso é um caso, não podemos generalizar"
>
> "Não acho nada. Se o casal se separou foi por que a convivência iria ser pior. Melhor para eles".

> "Muitos casais separados são mais felizes que muito casalzinho que vive anos e anos juntos. As vezes se acomodam e até já se esqueceram o que é amar, ser feliz. Vivem de aparências".

IV - B - Somente para mulheres que se separaram conjugalmente:

1 e 2) - Qual o estado civil atual? Quanto tempo permaneceu casada (1º casamento)?

66,6% das mulheres não se recasaram; e permaneceram casadas em média 8 anos.

3) - Quais eram as crises mais freqüentes em sua relação conjugal? Como eram resolvidas?

Problemas financeiros, problemas sexuais; ciúmes, cobranças em geral; e falta de amor.

As respostas em geral não apontaram apenas uma dessas causas, mas várias concomitantemente.

E, segundo os depoimentos, não eram resolvidas, mas contornadas, com "caras amarradas"; com o esquecimento temporário, e com muita briga e discussão.

4) - Qual foi a crise final? Qual dos cônjuges tomou a iniciativa?

Para 24,5% das mulheres, a crise final foi o conhecimento de uma relação extra-conjugal do marido, que impossibilitou a convivência.

> "Foi a descoberta de uma pessoa em nosso relacionamento. Quem colocou as cartas na mesa fui eu".

Para 11,2% das mulheres, a relação acabou por elas não suportarem as atitudes machistas do marido, fazendo com

que elas se sentissem meras empregadas, submissas.

A competição profissional entre o casal foi apontada como a causa principal da separação, por 9,2% das mulheres.

As respostas restantes referiram-se ao fato de não haver uma causa final, mas um acúmulo de situações desagradáveis:

> "Os problemas foram acontecendo, piorando cada vez mais e ele resolveu sair de casa, dizendo que "não dava mais".

5) - Já havia sentido vontade de se separar antes da separação de fato? Quando?

100% das respostas foram afirmativas, E em média essa vontade surgiu no quinto ano de casamento, embora tivessem aparecido inúmeras respostas referentes a esse desejo aos 6, 7, 8 meses de casamento.

6) - Em caso de ter filhos, com quem estão eles?

Mãe	82,0%
Pai	12,0%
Outros (tia, avô...)	6,0%

Todas as mulheres disseram que foi uma opção positiva para os filhos, embora inicialmente, estes tivessem se mostrado "inseguros", "assustados"...

7)- Durante o período em que esteve casada teve relação extra-conjugal? E seu marido?

esposa	. Sim	32,6%	(32 mulheres)
	. Não	67,4%	
marido	. Sim	38,7%	
	. Não	20,7%	
	Não sei	40,6%	

8)- O número de separações conjugais tem crescido significantemente. Como você explica o fato de alguns permanecerem casados, em meio a tantas separações? Quais serão as soluções adotadas por eles, para "superarem" as crises?

. necessidade de manter as aparências; medo de começar tudo de novo; acomodação; por se auto-iludirem; ficam só nas superficialidades; pelos filhos...	77,5%
. pelo amor; encontraram sua outra metade; deu certo; um casal que se compreende; um não quer mandar no outro...	22,5%

4.3.2 - Análise dos dados dos questionários

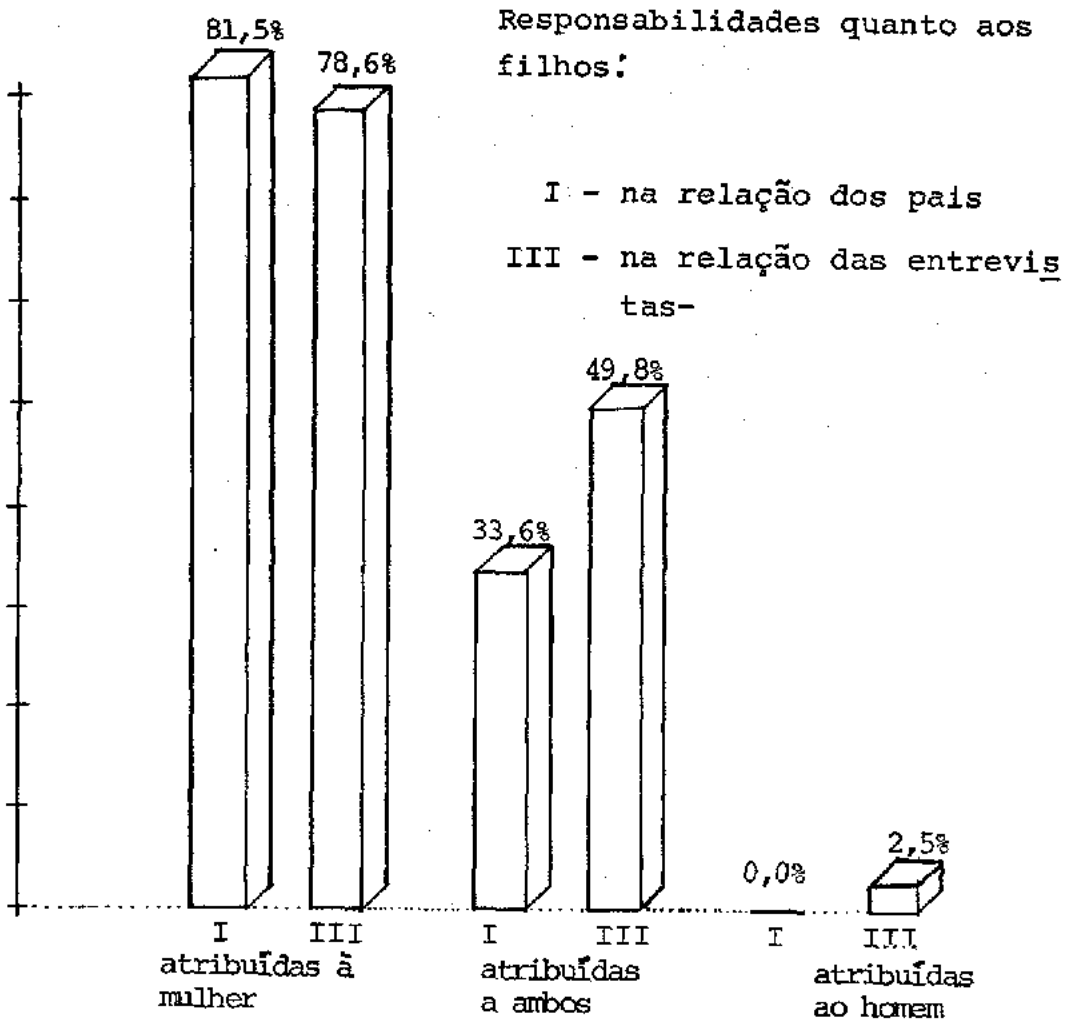
Numa tentativa de elucidarmos características de algumas concepções, em diferentes etapas de socialização das entrevistas, elaboramos as devidas correspondências entre as partes distintas do questionário. Pensamos que desta forma facilitaríamos a análise dos dados.

Partes do questionário

Questões nº	I	II	III	IV-A	IV-B
	2	/	9	/	/
	3	/	5	/	/
	5,6,7	/	/	1,2	3
	8	2	10	/	/
	10	1	/	/	/
	/	3	/	6	/

As perguntas restantes, visaram abordar características do relacionamento conjugal da entrevistada assim como a visão que esta possuía do que seja "crise conjugal". Ao tentarmos fazer uma equivalência entre as diferentes partes do questionário, encontramos diversas curiosidades.

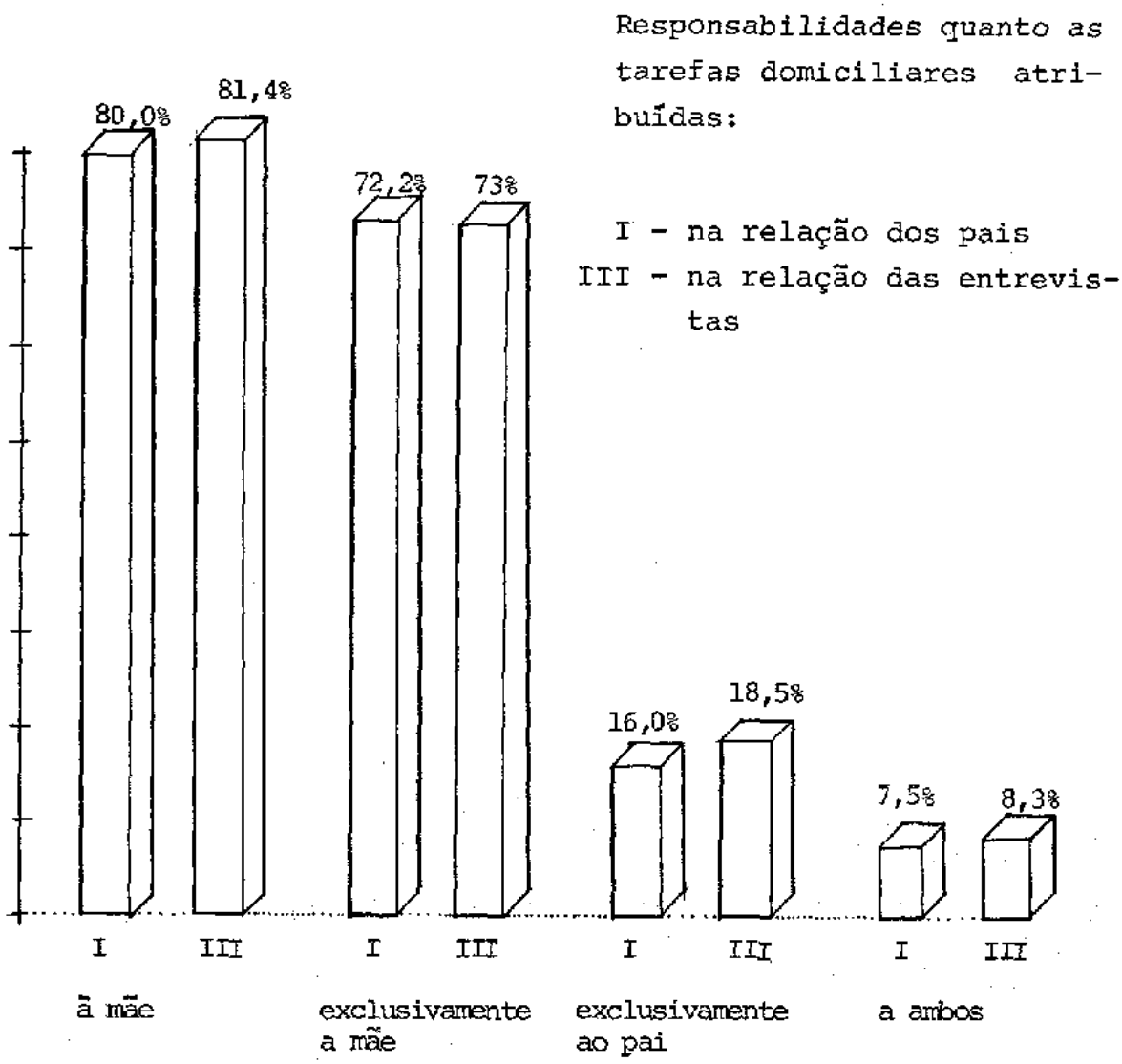
Ao iniciarmos pelas perguntas referentes a responsabilidade quanto aos filhos, na relação dos pais (I) e na sua própria relação conjugal (III), encontramos o seguinte:



Segundo o relato da amostra em questão, evidencia-se que houve diferenças significativas de uma geração à outra, ou seja, da relação de seus pais, para as suas relações conjugais. Houve um crescimento, embora pequeno, da atribuição de responsabilidade com relação aos filhos, à ambos os cônjuges concomitantes (mãe e pai). E aparece a categoria referente, exclusivamente ao pai, que anteriormente não havia chegado a ser representado. Isto faz, com que a responsabilidade, que antes era vista como sendo em torno de 81,5% da mulher, tenha diminuído (embora de forma reduzida).

"Toda mulher é feita para ser mãe, no sentido físico da palavra, ou, obviamente, no sentido mais espiritual e elevado, mas não menos real... para esse fim, o "criador" ordenou toda a constituição característica da mulher e, acima de tudo, sua delicada sensibilidade".
(Pio XII, "Questa Grande", 1945).

Para podermos concluir a nossa "linha de pensamento", tomamos ainda perguntas referentes às responsabilidades quanto as tarefas domiciliares:

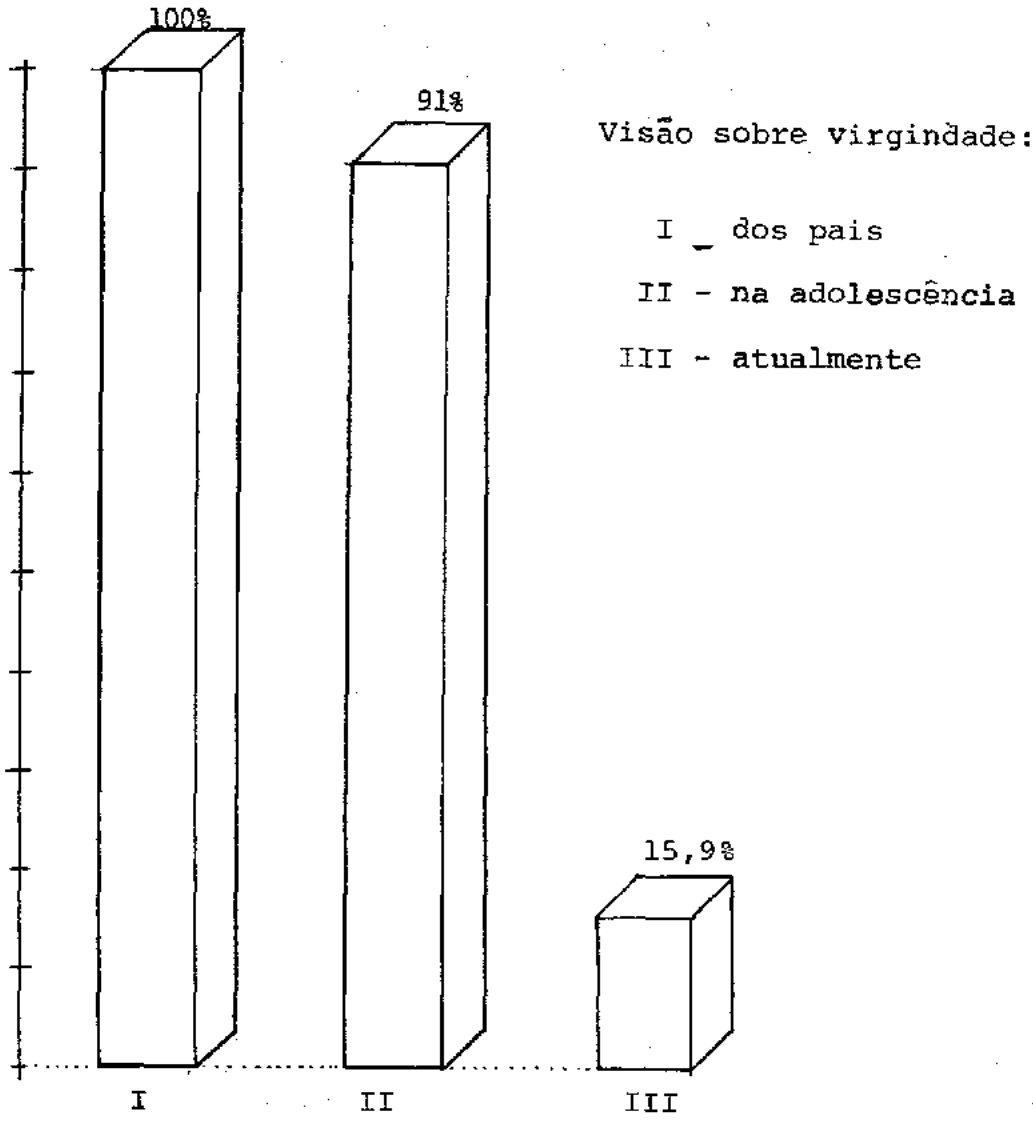


Encontramos ao contrário do que esperávamos, uma certa constância, nos dados entre uma geração e outra, havendo apenas a inclusão da categoria "outros" paralela à categoria de esposa. Esses dados, nos levam a pensar que apesar de estar havendo um maior igualitarismo entre os cônjuges, quanto ao relacionamento com os filhos, ainda parece estar havendo uma maior sobrecarga quanto às responsabilidades das tarefas domésticas à esposa, embora 63,8% das mulheres entrevistadas estejam trabalhando fora.

Um dado curioso, foi que nenhuma das mulheres da amostra, nem mesmo as descasadas, se disseram, responsáveis exclusivas pelas despesas domiciliares, e apenas 35,5% se disseram responsáveis juntamente com o esposo das referidas despesas. Suscita-se então uma pergunta que pretendemos verificar através das entrevistas subseqüentes que refere-se ao significado que é atribuído a essas mulheres à atividade profissional, ou seja, sobre sua atuação no domínio público.

Outro ítem que mereceu destaque, foi a comparação de como certos aspectos, como virgindade, sensualidade, profissionalização feminina... (perguntas - I - 8; II - 2; III - 10) eram vistos segundo as entrevistadas, por seus pais; por elas mesmas na época da adolescência; e como são vistos atualmente. A virgindade parece ter sido o ítem que mais sofreu mudanças de opinião nessas diferentes fases de socialização. Segundo os dados dos questionários, os pais, em sua estabilidade priorizavam a virgindade antes do casamento. Na adolescência 100% disse valorizar a virgindade, sendo que 9% disse ter essa opinião apenas por respeito aos pais. Tanto quanto lhe fora

ensinado. Após o casamento, 63,3% parece ter mudado de opinião, passando a virgindade a ser um aspecto sem importância alguma. Um significativo grupo (20,6%), inclui em seus depoimentos, as possibilidades de se poder fazer uma opção pessoal, quanto a esse aspecto.

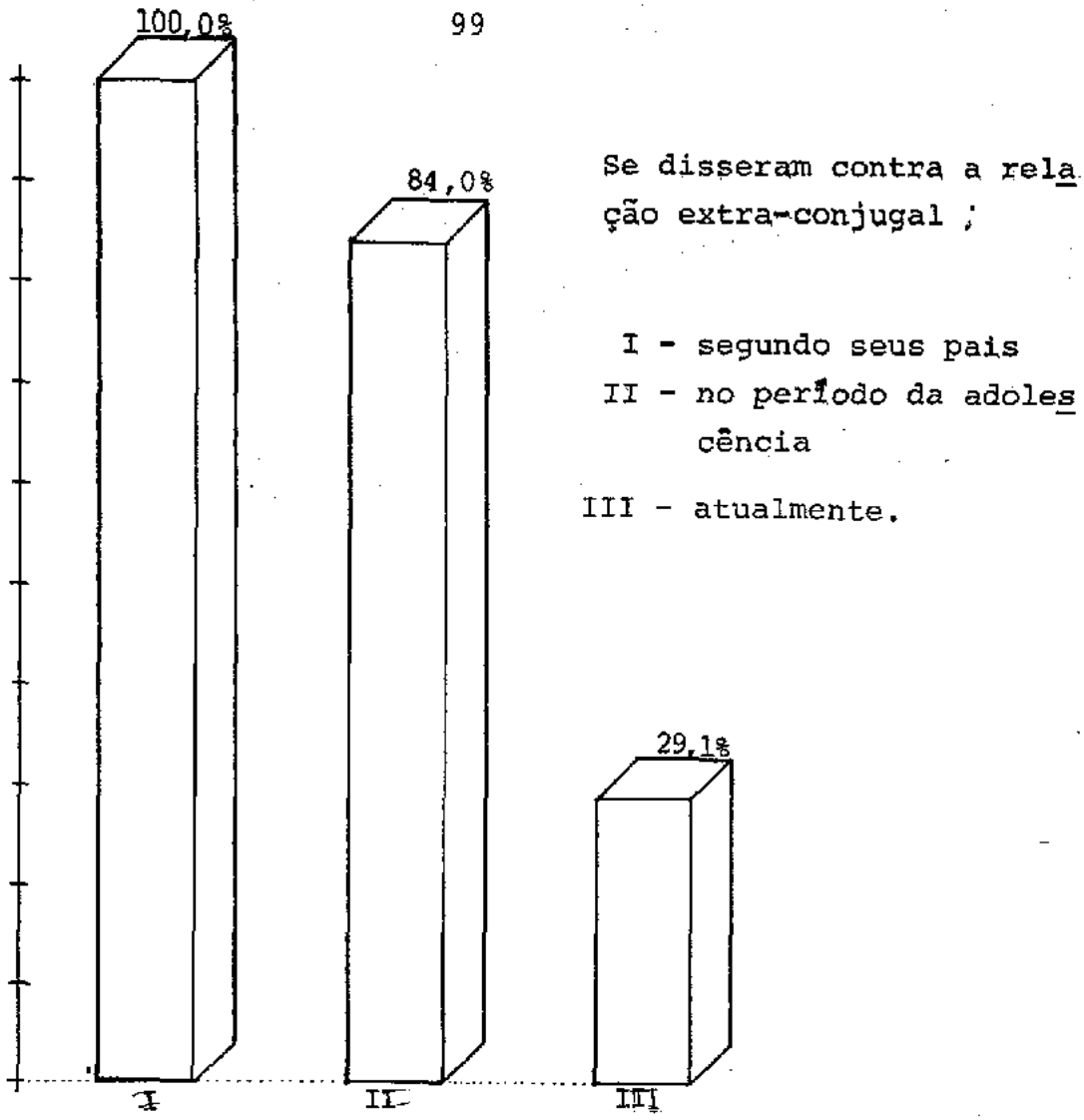


Valorização da virgindade.

Este ítem, evidencia, que houve mudanças consideráveis na forma de pensar das entrevistadas, e que sem dúvida a mídia, e a literatura "Psi" refletem esta mudança.

Quanto a sexualidade conjugal e a profissionalização feminina, as mulheres se disseram inteiramente favoráveis e atuantes; o que diferem das etapas anteriores. É nesse sentido que Moraes (1979) e Santi & Moraes (1980) afirmam que vivemos sob domínio da ciência que, vincula informações através dos meios de comunicação. A influência do saber "Psi", permeando o social, se faz sentir nas nossas opiniões, que preconizam a necessidade de uma busca de si mesmo, com o direito a optar pelo que melhor lhe convier. Da mesma forma, podemos supor que a proliferação de revistas sobre sexualidade, nudismo, etc., fizeram com que as informações sexuais, fossem mais discutidas pelos indivíduos e não mais acolhidas como uma regra única. Houve com isso, uma penetração da sexualidade no domínio público, provocando uma acentuada valorização da sensualidade. Com isso, passa a existir uma tentativa de veicular o casamento, o sexo, o amor e a reprodução. Nesse sentido, proclama-se a igualdade sexual, onde a virgindade não mais se adapta à nova imagem da mulher. Houve portanto, necessidade de mostrar à mulher seus direitos sexuais, construindo verdadeiros "manuais" de como usufruir da sexualidade (Costa, 1979). Embora, segundo Alves (1981) essa sexualidade seja legitimada pelo amor, que controla e limita essa atividade, e segundo Milan (1984), do casamento estar presente no imaginário da nossa cultura, como a única saída para a mulher, podemos notar mudanças estruturais no pensamento feminino.

Por exemplo, variou de 84% (no período da adolescência) para 29,1% (atualmente) a percentagem de mulheres que se disseram contra a relação extra-conjugal. Veja a seguir:



E variou de 100% para 23% a percentagem de mulheres, que ainda valoriza o casamento tradicional.

Essa nova forma de pensar, sobre esses aspectos, sem dúvida, deve interferir na estrutura da relação conjugal. Embora os preceitos higiênicos, tenham tentado enfatizar a sexualidade dentro da relação conjugal, parece ter havido uma certa extrapolação de seus objetivos. Sendo assim, o predominante passou a ser a liberdade de escolha, que legitima qualquer opção, e que faz com que a mulher comprove sua existência a partir de seu próprio referencial. Se atentarmos para a análise das revistas já citadas anteriormente, perceberemos que há efetivamente uma proposta progressista de mudança de papéis conjugais. Fique claro, que o mesmo não odemos dizer, do conteúdo de outras

revistas dirigidas a população feminina, que por muitas vezes sugere fórmulas mágicas, para os questionamentos dos leitores.

Quanto perguntamos sobre o relacionamento extra-conjugal, 14,8% das mulheres casadas disseram já ter tido esse tipo de relacionamento, enquanto que das mulheres descasadas, 32,6% admitiam tê-lo praticado.

> *"Por duas vezes amei outra pessoa, mas tudo já acabou. Valeu para dar mais emoção ao meu casamento".*
>
> *"Todas as vezes que me senti carente, jogada fora, acho que uma chama dentro de mim, me fazia sentir mais bonita. Aí eu saía distribuindo charme, e era super cobiçada. Eu voltava para casa realizada".*
>
> *"Meu marido nunca percebeu nada. As vezes eu até queria que ele desconfiasse, só assim eu ia me sentir amada, sei lá".*
>
> *"Nunca tinha pensado nisso, mas foi uma coisa forte, de pele. Eu não quis evitar, e será que meu marido evitaria? Duvido".*
>
> *"Fiquei com muita culpa, e medo de magoar pessoas boas, meu marido e minhas filhas".*
>
> *"Foi uma troca, eu lá, ele cá".*

A título de ilustração, citaremos alguns dos resultados de uma pesquisa sobre a relação extra-conjugal realizada por Kosovski, E. (1983). A autora perguntou aos entrevistados se eles consideravam admissíveis relações sexuais extra-conjugais, e obteve o seguinte quadro:

RESPOSTAS	MASC.		FEM.		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Só do marido	43	19,2	20	7,4	63	12,7
Só da mulher	2	0,9	1	0,4	3	0,6
De ambos	51	22,8	68	2,5	119	24,0
De nenhum	124	55,3	181	66,4	305	61,5
Outros	2	0,9	-	-	2	0,4
Sem resposta	2	0,9	2	0,8	4	0,3
TOTAL	224	100	272	100	496	100

Sem dúvida, o conjunto de respostas aponta na direção de uma possível equiparação da admissibilidade das relações extraconjugais para os dois sexos.* Isso implica numa tentativa de igualação dos deveres e direitos para ambos do casal.

E, podemos notar que tanto no caso de não admitir relações extra-conjugais para nenhuma das partes, quanto no de admiti-las para os dois, os percentuais nessas respostas foram superiores para as mulheres. Neste sentido, podemos imaginar que a tendência manifestada à igualdade do casal é mais evidente entre as mulheres do que entre os homens.

Foram séculos, criando mitos que, segundo Cardoso(1981) se constituem em violência contra a mulher. Dela se exige tudo: que engravide, sofra o parto, amamente, eduque o filho,que acumule uma dupla jornada de trabalho, que seja excelente profissional, esposa e mãe. A mulher parece ter cansado dessa as

* O adultério é considerado uma transgressão. No Brasil, segundo o Código Penal, o adultério é classificado como crime contra a família, sujeito as mais variadas punições.

simetria conjugal, e por vezes desiste de ser expectadora de sua própria vida, para ser protagonista.

Evidencia-se que as mulheres passaram a questionar os preconceitos ligados a sua sexualidade, bem como as normas que as vigia, tendo como princípio, que o importante é uma relação sexual, prazerosa, onde haja espaço para os mais profundos desejos e fantasias. Segundo Costa (1979), esses impasses criados por essa nova forma de relacionamento na família, eram terapeuticamente camuflados, e o sexo passou a ser transformado, em instrumento de poder, de "luta e retaliação", através do qual homens e mulheres, por muitas vezes se oprimem. Só para finalizar este tópico, embora não saibamos a postura de seus cônjuges com relação ao relacionamento extra-conjucal, temos dados significativos. Disseram ter conhecimento de relacionamento extra conjugal do esposo; 7,8% das mulheres casadas, e 38,7% das descasadas.

Será que esses dados, respaldam-se nos esteriótipos colocados pelas diferenças biológicas que relacionam o comportamento sexual masculino como tendo uma natureza diferente do feminino?

Passando a um outro ítem, o da profissionalização feminina, perceberemos que notoriamente a partir da revolução industrial, o trabalho doméstico tem sido cada vez mais desvalorizado. Segundo Moraes (1979) essa desvalorização decorre do fato de realizar-se "fora do processo capitalista de produção e circulação de mercadoria", não sendo considerado como atividade produtora de bens.

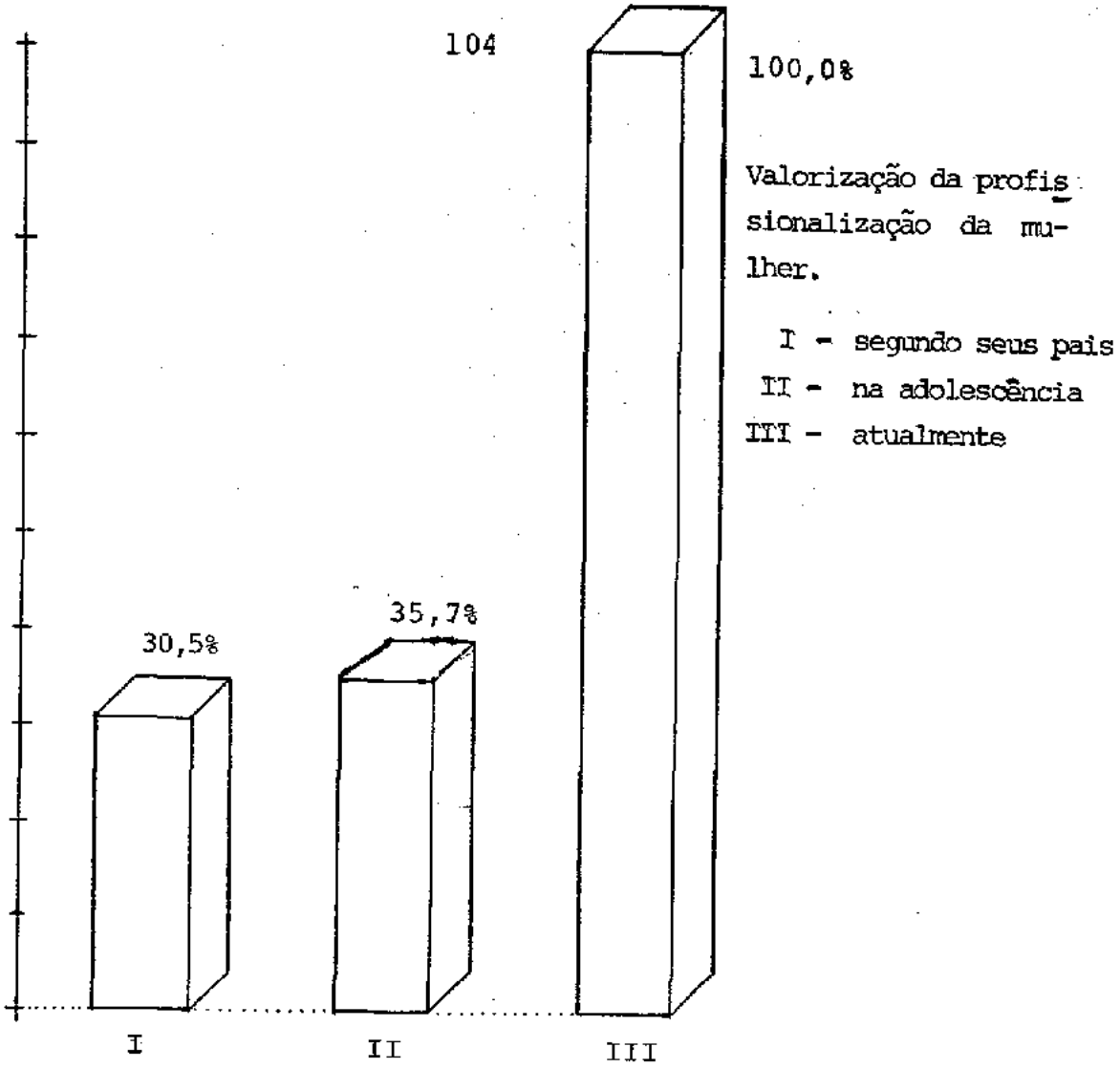
Mas, o que as mulheres podem fazer para minimizar a alienação que sentem ao assumí-lo como uma herança feminina?

"Se ficar em casa é alienante, então vamos sair e romper com os modelos femininos para os quais fomos criadas." Não importa se haverá um conflito de papéis ou uma sobrecarga de tarefas. Atualmente, o "trabalhar fora" significa uma condição primordial para a realização e independência da mulher. Barrosso (1982) coloca que a partir da década de 50, houve um aumento da participação da mulher, no mercado de trabalho, embora em condições de desigualdade de recompensas, em relação ao homem. Essa discriminação é percebida na própria distribuição de profissões, onde pela falta de infra-estrutura adequada, a opção da mulher acaba sendo por cursos, que tragam como conseqüência um subemprego, e uma certa extensão do papel materno, ou seja, que confirmem a imagem da fragilidade feminina.

Retomando os questionários, a profissionalização da mulher, foi vista pela totalidade das entrevistadas, como algo incorporado ao próprio sentido de existir como mulher.

De um período a outro, notamos que houve uma mudança brusca na forma de pensar sobre esse tema.

Veja gráfico a seguir:



Apesar da importância dada à profissional feminina, percebemos que das mulheres casadas 55,8% não trabalha fora, ao menos no momento em que responderam o questionário. É interessante assinalarmos que este espaço profissional foi conquistado pela mulher, que embora não necessariamente o utilize, ao menos o vislumbra. Este é sem dúvida, um modelo de conduta descontínuo que vem sendo incorporado através dos processos de socialização secundária e se constituindo em vivência de duplicidade. Quanto aos aspectos tratados até aqui, quando questionamos as entrevistadas, se seus esposos (ou ex-esposos) compartilharam com as mesmas idéias, tivemos as seguintes respostas:

Das casadas - 16% respondeu que não

Das descasadas - 80% respondeu que não

Esta postura masculina, segundo testemunho das mulheres em questão, deve ser um reflexo do tipo de socialização a que sofreu, que resguardava para a mulher a posição de dependente e de "rainha do lar." Quando a nova conduta feminina, coloca em risco seu papel no contexto familiar, segundo o entender de seu cônjuge, eclode-se o conflito. O casal é obrigado a vivenciar o novo, fazendo com que os seus sistemas usuais de significação sofram um processo de refinamento para incorporar essas inovações invasoras. Os dados expostos, nos levam a pensar, que quanto maior a discordância entre o casal, sobre esses aspectos, que regem as definições dos papéis conjugais, "maiores" serão as crises que podem levar ao descasamento.

Por falar em crise, vamos tentar investigar as questões que se referiam a este ítem. Os problemas financeiros (40,3%); o autoritarismo paterno (14,5%); ciúmes (9,5%); e a discordância quanto à educação dos filhos 9,0% seguida por outros, foram os desentendimentos apontados nos questionários, como sendo os mais freqüentes entre os pais das entrevistadas. Embora sem ter tido condição de quantificar as respostas, pudemos apenas verificar que parecem ser os mesmos, os motivos de desentendimentos em suas relações: "Choques do dia-dia" no que diz respeito a discordância entre o casal, quanto a educação dos filhos, questões financeiras, diferença de opiniões... Estes choques são geralmente agravados pelas dificuldades apontada pelas mulheres em dialogar com seu cônjuge e entrarem num acordo. Este impasse segundo elas, gera um clima tenso, que acaba por deflagar na falta de amor de um pelo outro. Assim a relação "esfria". Conseqüentemente todas as mulheres declararam já ter sentido vontade de se separar e da mesma forma, seus

cônjuges.

Quando perguntado a elas sobre o que gostariam que fosse diferente em sua relação conjugal, as respostas foram semelhantes. A necessidade de ser ou ter sido melhor compreendida pelo esposo, foi a resposta mais freqüente. Segundo elas, essa compreensão geraria uma relação compartilhada, onde um pudesse ser autêntico para com o outro. O mesmo foi dito quanto à relação sexual, onde os maridos, foram apontados como preconceituosos sem consequirem com isso, atingí-las positivamente. Apesar disso, apenas 22,6% disse ser a relação sexual conjugal o motivo de maior desentendimento.

Quando perguntado sobre o número crescente de separação, as respostas relacionavam o fato com a conquista de independência da mulher e com as maiores facilidades que o casal encontra para tal.

"Veio o divórcio, e agora a mulher não é tão boba como na época da minha mãe, que tinha que aturar tudo. Bem, na verdade, antigamente a mulher não tinha onde cair morta então fingia que não via nada".

Um outro tipo de causa apontado foi a falta de conhecimento e de experiência, já que as "coisas mudaram". Penso que esses depoimentos evidenciam, o fato de a "mulher-esposa-moderna", ter que conciliar vários papéis. Dessa forma, elas passam então, a questionar os projetos que lhe foram ensinados, e até mesmo a sua própria vida. E ainda, segundo os seus depoimentos o que está justamente levando ao descasamento, é o fato de existirem pessoas que não perduram em suas funções, ou seja, não agem de acordo com a "sua natureza". O casamento tem

uma função política-econômica importante, delimitando uma rede de obrigações que funcionam como dispositivo de controle dos cônjuges. Quem não ficar dentro desses moldes, deve-se atribuir alguma falha grave, ou então responsabilizar-se pela falha do outro. Esta visão, serve unicamente para exemplificar o fato de que a mulher é vista como tendo que agir de acordo com os deveres morais e comportamentos adequados, que lhe foram incutidos por toda vida.

Mas se atentarmos para os depoimentos das mulheres descasadas, perceberemos que elas têm opiniões diferentes, quanto aos fatos que deflagraram a sua separação conjugal:

24,5% - atribuiu a relação extra-conjugal do esposo;

11,2% - por se sentirem inferiorizadas e sufocadas pelo esposo; e

9,2% - pela competião profissional existente entre eles.

O restante atribui ao desgaste do dia-a-dia, ou mesmo que "aconteceu", e outras razões em menores proporções.

"De tanto nos perdoarmos e sofrer eu acabei tomando a decisão".

Portanto, segundo os depoimentos, o motivo primordial da separação foi justamente por não se submeterem ao que fora imposto. Ou seja, não aceitar colocar-se como um ser indeterminado, sem que seja considerado seus desejos e impulsos, além de não aceitar sentir-se inferiorizada, com a existência de "rivais". Na opinião de 77,5% das descasadas, a maioria das mulheres que permaneciam casadas, visavam manter as aparências, por acomodação, e por falta de coragem para reconstruir suas vidas.

Por diversos depoimentos acerca dos questionários, evidencia-se que através de manipulações ideológicas, há uma tomada de consciência de um antagonismo de homens e mulheres, que divididos e fragilizados desgastam-se numa luta entre si, que acaba por ser mantenedora das desigualdades conjugais. Esta vivência é carregada de ambiguidade e descontinuidade. Ao mesmo tempo que espera-se haja desrepressão e que cada indivíduo opte pelo que quiser, também espera-se dele uma resposta padronizada que respalde as diferenciações sexuais e os modelos sociais pré-estabelecidos. A estrutura do casamento continua a ser autoritário e patriarcal (Van Ussel 1980).

Há a institucionalização do amor e exposição da vida compartilhada... Paralelamente surgem novas propostas, que questionam "esse casamento" e que fazem com que intensifiquem-se as vivências e os conflitos conjugais.

Finalmente, ao perguntarmos o que elas entendiam por crises conjugais, recebemos respostas de acordo com a linha de raciocínio que nos apoiamos até então. Em resumo foram as seguintes:

a) - Opiniões contraditórias, divergências, confronto de idéias, incompreensão, desentendimento contínuo, sem se conseguir chegar a um senso comum, dúvidas que ambos têm, mas não se combinam, teimosia de um dos dois, discordâncias, desencontros não resolvidos... falta de flexibilidade de um dos dois;

b) - Falta de diálogo, de conversar sobre os problemas e tentar resolvê-los;

c) - Falta de amor, falta de paciência para entender o outro,

falta de respeito, desinteresse, falta de investimento no casamento, eterna rotina, tédio...

d) - Crises são momentos difíceis que todo casal passa, são situações cíclicas, que se houver amor passa facilmente...

Sem dúvida a família por propiciar laços afetivos intensos e freqüentemente contraditórios faz com que os sujeitos vivenciem de modo conflitual as alterações na forma de pensar e de agir do outro. Essas mudanças repercutem no domínio privado, provocando conflitos de papel para seus atores.Nesse confronto entre o velho e o novo, o primeiro não é alijado como um paradigma anacrônico, mas sim vivenciado pelo novo. Esta contestação do velho, ocorre por muitas vezes de forma oscilante e não necessariamente na mesma proporção em todos os membros da família. Daí, eclode-se o conflito, que é visto basicamente pelas mulheres questionadas como sendo confronto das opiniões e uma dificuldade de rearranjar a desordem instaurada.

Nesse ponto retomaremos a pesquisa de Kosovski, E. (1983), que procurou avaliar a opinião de seus entrevistados, sobre o que consideravam que fosse o casamento, diante desse conjunto de "crises" que o afeta. Veja a tabela a seguir:

RESPOSTAS	MASC.		FEM.		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
É superado como instituição	42	18,3	43	15,8	85	17,1
Precisa ser adequado à realidade social	107	47,7	146	53,8	253	51,1
É insubstituível	42	18,8	37	13,6	79	15,9
Deve encontrar outras alternativas	30	13,4	39	14,3	69	13,9
Outras	1	0,4	5	1,8	6	1,2
Sem resposta	2	0,9	2	0,7	4	0,8
TOTAIS	224	100	272	100	496	100

Esta distribuição sem dúvida indica a procura de adequação, ou de novas alternativas para o casamento, tanto por parte dos homens como das mulheres.

4.4 - Breve descrição das entrevistas

Após o levantamento dos questionários, e discutidas algumas das dimensões suscitadas pelos mesmos, elaboramos um roteiro para entrevistas posteriores. Estas visaram abordar mais amplamente essas questões. As entrevistas pretenderam explorar basicamente temas referentes à família de constituição e as suas "crises":

- Relações no interior da família nuclear;
- diferenças percebidas na educação recebida, com a do esposo, e com a transmitida aos filhos. (Ou seja, sociali

zação diferencial por sexo);

- concepção acerca dos papéis familiares; e divisão de tarefas entre o casal; e
- temas básicos de conflito conjugal.

A entrevista constituiu na proposição dos temas e foi deixado a cargo dos sujeitos à liberdade de exploração dos mesmos. As ocasionais intervenções pessoais foram para delimitar mais objetivamente a posição das entrevistadoras, diante das questões abordadas.

Foram entrevistadas 3 mulheres, sendo todas elas com idades variando entre 30 e 40 anos. Dessas mulheres uma possuía formação superior, e a exercia profissionalmente (ciências contábeis). As outras duas possuiam 2º grau completo, e ambas exerciam atividade lucrativa (uma como secretária bilingüe; e outra como secretária do esposo). Todas as entrevistadas tinham filhos. A idade desses variava entre 10 meses e 11 anos. (Ver tabela 2 na página 126).

E, assim, como a amostra que respondeu ao questionário, este grupo também se enquadrou às características previamente estipuladas, podendo ser considerado, representante dos estratos da classe média do Rio de Janeiro. Após contatos telefônicos, foram marcadas as entrevistas, que se realizaram na própria residência das mulheres em questão, e duraram em média uma hora.

Baseando-nos no princípio de que cada indivíduo até em suas manifestações mais idiossincráticas, está revelando o modelo de cultura ou sub-cultura do qual faz parte (Michelat,

1980, p. 194), pretendemos justificar o número de entrevistadas. Ou seja, não é o indivíduo que está em foco, mas o fato de como este processa enquanto tal, os determinismos sociais. De acordo com estes princípios, é que buscamos a maior identidade possível no que se refere às condições objetivas definidoras do grupo de mulheres em questão.

Esclarecemos ainda, que tomamos a verossimilhança dos discursos como alvo, o que nos leva a crer que os fatos se dêem como relatados.

4.4.1 - Análise das entrevistas

Características comuns marcaram as biografias das entrevistadas. Todas sairam das casas dos seus pais, somente após o seu casamento. Em seus depoimentos, evidencia-se que a ênfase recebida por parte de seus pais, era uma função de prepará-las, para o desempenho do papel por eles desejados como sendo de "boa esposa e mãe".

Embora todas tivessem concluído ao menos o 2º grau, elas relataram que era nítida a distinção entre as cobranças, a esse nível, feitas à elas, por seus pais, em comparação a seus irmãos (homens). Delas eram exigidas uma postura delicada, meiga e que se interessassem ao menos por culinária. Foi um treinamento baseado na tradição, visando basicamente o bom desempenho de tarefas no domínio privado:

> *"Oh! meu sonho era ser jogadora de vôlei, mas minha família achava um absurdo. Eles eram muito moralistas, bem conservadores. Achavam lindo os cursinhos caseiros, de fazer bombons, de pintar porcelana... Meu pai achava que as mulheres que faziam es-*

portes eram vadias, machonas. E olha que ele não era tão velho assim, é até bem moço".

G - "Eu sinto um pouco de remorso porque meu pai era super inteligente, culto... mas não estimulava a gente crescer, a ter mais cultura...

Ele também reprimia demais a minha mãe. Só depois que ele morreu, que a gente pode enxergar fora de casa. E foi uma barra para ela (mãe), porque ela teve que se virar sozinha, sem saber nada.

Ainda bem, que hoje em dia, eu não sou tão boba como a minha mãe era. Agora eu sei me virar muito bem. As vezes, eu me encosto um pouco no M., mas me lembro disso e me desperto logo, logo".

Nenhuma das informantes havia trabalhado "fora" antes do casamento, a não ser como estagiárias em curto período de tempo, sem remuneração, para a conclusão do magistério (S e L). Duas delas S e L, tiveram seu primeiro filho após 4 anos de casamento. Elas declararam que foi uma opção basicamente pessoal e que tiveram que "lutar" com o marido, para convencê-los sobre sua espera. Sem dúvida, este fato é um indício de que a mulher tem tido que "batalhar" para não ter suas opções estabelecidas por outros que até então pareciam traçar seus limites, direta ou indiretamente. Segundo pesquisas do Instituto Gallup (1962) "verificou-se que entre mães de 18 anos de idade 90% amavam mais os seus maridos do que a mulher sem filhos". (Alphonse, H. 1969, p. 190).

Com a comparação das versões expressas pelos questionários, chegamos a significados comuns com diversos aspectos.

podemos emprimir variações na atribuição de valores nas diferentes fases de socialização da amostra. Evidenciou-se que as mulheres em questão, (criadas numa época onde o "certo ou errado" eram definidos por inteiro) passaram a conviver com um novo discurso, o da liberdade individual. Essa mudança propõe uma relação igualitária dos membros da sociedade. Valores antes inquestionáveis, passaram a ser repensados. Com isso a valorização da virgindade, passa a ser feita por uma minoria; a profissionalização feminina passa a ser considerada (embora a maioria não exerça uma profissão); a relação extra-conjugal passa a ser vista como uma possibilidade a mais...

Apesar de terem havido certas mudanças, na forma de pensar das questionadas, não sabemos de fato se estas correspondem a forma de agir das mesmas. De fato, houve mudanças, mas no que se refere a divisão dos papéis conjugais, segundo nossa pesquisa, esta nos pareceu quase intocável. A "casa ainda é da mulher". Mesmo que existam outras pessoas, como faxineira, cozinheiro... fica ao encargo da mulher as responsabilidades por tais tarefas. A noção internalizada de boa esposa ainda implica no cumprimento de ser "boa dona-de-casa". Não resta dúvida que para as mulheres investigadas, é exatamente na esfera da atividade profissional, que elas encontram a maior barreira, para derrotar a tal vocação natural. E isso, parece derivar da persistência da clássica divisão de tarefas no interior da família.

A grosso modo, podemos retirar dos questionários, outros pontos para serem discutidos nas entrevistas. Como por exemplo: a falta de compreensão e de diálogo em cima das dis

cordâncias é o que deflagra essas crises.Vimos ainda que as mulheres desejam uma relação menos preconceituosa, mais compartilhada, onde elas possam dar vazão ao seu verdadeiro "EU".

Portanto, foi esse confronto entre o "pensar e o agir" deflagrado pelas rápidas mudanças na sociedade, que norteou as entrevistas. Inicialmente, pedia que a entrevistada comentasse o que achou sobre o questionário. Por todas as entrevistas, sentia-se que o "falar" sobre o questionário não se constituia numa ameaça à entrevistada e com isso o clima descontraía-se.

Pretendemos agora, discutir os temas comuns, que apareceram no decorrer das entrevistas. Iniciando pela percepção que os outros têm do seu casamento. Uma das entrevistadas começou dizendo o seguinte: "Olha meu casamento é visto por todo mundo como um modelo. Para as pessoas, nós somos um exemplo de união, entendimento, respeito... E até a pouco tempo eu também pensava assim".

G - "Eu não gosto que nem meus filhos percebam quando as coisas vão mal. Eu até converso com eles sobre tudo,mas gosto de preservar nosso espaço. Para muita gente, nós somos o casal perfeito, que nasceu um para o outro. Mas... eu é que sei! Vivo segurando a peteca".

L - "Sei lá o que os outros pensam de nós...Mas acho que eles pensam que é sempre tudo bem. Os pais dele já presenciaram várias brigas sérias... Eles ajudam muito, fazem tudo para arrumar as coisas. Eles fazem mais questão do que eu. Eu não me preocupo com os outros. O que tenho que falar eu falo mesmo, esteja onde estiver, e quem estiver... Mas, na verdade

às vezes bem que eu queria me controlar mais. Porque os outros não precisam saber da nossa vida, dos nossos problemas...

Esses depoimentos foram complementados com a colocação da idéia de que elas se sentem mais respeitadas (não pela "cabeça delas"), mas pelos outros, quando se tem um companheiro. Ou seja, quando os outros sabem que existe alguém que as apoie e que as defenda".

G - "Ninguém mexe em casa de marimbondo"

Segundo a atuação na esfera doméstica:

Quando pedi que se situassem como dona-de-casa, todas elas, expressaram claramente uma submissão ao que se espera do desempenho desse papel. Frente à essa questão, as informantes apresentaram em seus discursos, fortes laços com o discurso feminino da geração de seus pais:

S - "Ah! eu gosto de estar sempre bem arrumada,penteada, mas quando se fala em filho e na casa, eu sou uma abnegada. Você pode vir aqui a qualquer hora que a casa está sempre arrumada. Não é de luxo, mas é arrumada e limpa. O mesmo acontece com a minha filha, eu fico sem, mas ela tem tudo. Primeiro ela. Eu acho que M. também vem na minha frente..."

L - "O meu marido, não faz mesmo. Mas eu até prefiro que não faça... Eu me lembro, que a minha mãe sempre brigava com o meu pai, quando ele queria ajudar na cozinha. É igual ao Beto. Ele às vezes se mete a fazer qualquer coisa na cosinha e suja até o teto. As vezes eu fico reclamando e quero que ele coopere, mas ele não entende o espírito da coisa.

G - "Quando não tenho empregada eu fico louca! São três crianças e mais uma criança grande, que é o meu marido. As vezes eu reclamo, grito e todo munto ajuda. Mas, aí eu fico com pena deles e acabo fazendo tudo sozinha..."

Da mesma forma, a área relacionada aos filhos, foi considerada como sendo basicamente da alçada da mulher.

L - "O pai é ótimo, faz tudo pelas crianças. Mas, cá entre nós - mãe é mãe!"

G - "O M. ajuda, brinca com os meninos, e quando eles eram bebezinhos ele me ajudou demais. Mas ele não sabe chamar à atenção deles para nada. Ele só dá uns berros de vez em quando, e aí as crianças saem correndo para mim. Ele não liga muito para as notas... essas coisas... Quem assume tudo mesmo e tem que decidir...você sabe... sou Eu."

S - O N, é uma mão na roda pra Daniele. Ele vê tudo! Até as roupinhas dela ele é quem compra. Eu só acho que ele é muito mole com ela. Só quero ver quando ela crescer. Nós dois damos, mas na hora de exigir vai sobrar pra mim".

Ficou claro que, segundo as informantes, que embora os pais sejam figuras presentes no relacionamento com os filhos, que a educação desses parece estar inteiramente à cargo das mães. Durante as entrevistas, pude deter dois outros aspectos com relação a isso. Primeiro, que parece haver uma educação diferencial entre os filhos, de acordo com o seu sexo, e segundo que há por parte dos pais uma cobrança à esposa, quanto a educação dos filhos. Ou seja, embora os pais tenham aparentemente uma relação liberal com os filhos, eles exigem das

esposas, uma atitude controladora.

S - "O N. fica danado comigo quando a Daniele veste roupa curta ou extravagante. Ele me pergunta logo se eu quero que ela seja piranha. Vê se pode? Ele não fala nada com ela; pelo contrário, diz que ela está linda, mas... me chama e me dá aquela bronca".

G - "Eu gostei de ter um filho homem, só assim o M. ficou satisfeito. Ele saiu dizendo: quem tem suas cabras que as prenda! Agora eu vou soltar o meu bode (filho). As vezes eu brigo com ele, mas é verdade, eu acho que eu também vou querer que o Diogo bote a boca no mundo, aproveite o máximo. Não tem jeito, nesse nosso mundo, o homem vai ser sempre privilegiado..."

> *...quando estimula mulheres solteiras para um emprego, a nossa cultura não apenas deixa de prepará-las para o casamento, mas de fato, a impede de uma educação mais completa para a vida familiar.*
> *(Alphonse, H. 1969, p. 223).*

Segundo postulados da União Internacional da Organização de Família (Madrid), os efeitos das mulheres que trabalham fora, incluem distúrbios emocionais aos filhos, tensão entre esposos, uso de anti-concepcionais e independência das mulheres. E, que isso desenvolve sentimentos negativos das esposas para com seus maridos. (R.G. Blood /The Husbromd Wife Relationship", p. 304).

Tendo sido, "direcionada" para o exercício do papel

dito "natural da mulher", procuramos indagar quais os motivos que as levaram ao mercado de trabalho, assim como o seu significado.

S - "Eu adoro meu trabalho. Quando eu me casei, estava fazendo faculdade e nem pensei em parar. As pessoas achavam que casando eu iria parar, mas eu insisti. Na verdade, eu ainda não tinha pensado em trabalhar. O Nélio ganhava bem, eu não precisava. Mas, quando a Ana tinha dois anos, apareceu uma oportunidade de um emprego no governo. Eu peguei, porque era só meio expediente, seguro e daria tempo de fazer as coisas que eu gosto. Eu não largo este emprego por nada, pois virei outra mulher".

G - "Eu casei e tive logo filho, e aí sabe como é "né"? Depois veio logo a Andréa, e eu me acomodei. Sempre fui muito caseira. Mas, acho que fiquei meio recalcada, porque as minhas amigas estavam todas trabalhando, o pessoal aqui do edifício, também comecei a me sentir inútil, feia, engordando... Nesse ponto o Mário foi muito bacana, ele achou que ia ser melhor mesmo eu fazer alguma coisa. Aí, resolvi ser secretária dele. (Ele é médico homeopata). E levo à sério, não falto, organizo tudo... Só não vou mesmo, quando tem alguma coisa para fazer, com relação as crianças. Mas, fora disso eu vou sempre".

L - "Sabe, é esquisita essa minha história com o trabalho. Eu sempre ouvi minha mãe dizer, que mesmo com os defeitos do meu pai, ela era uma felizarda, porque nunca precisou trabalhar fora . Mas, mesmo assim, eu desde pequena era louca para

trabalhar, ganhar dinheiro, poder ajudar alguém. Eu vivia catando emprego. mas era coisa de criança. Fiz os cursos e aí me casei. Parece mentira, mas eu me acomodei. Ficava em casa o dia todo. Mas depois de um ano, fiquei "doidinha",não tinha mais o que inventar, para matar o tempo, queria trabalhar de qualquer maneira, até de graça. Eu queria é sair de casa. É muito melhor, a gente faz amizades, se arruma, fica mais entrosada com o mundo. Hoje em dia eu não quero outra vida. O Rafael nasceu, e logo que acabou a licença voltei. Eu me realizo demais lá".

Através desses depoimentos, evidencia-se que essas mulheres, atribuem ao trabalho extra-doméstico, um aspecto "revitalizador". Como se ele "curasse" falta de motivação e o vazio que segundo elas traz "ficar em casa".

"Comecei a me sentir inútil... fiquei "doidinha",não tinha mais o que inventar pra matar o tempo..."

"Depois de começar a trabalhar virei outra mulher"...

Nesse contexto, o ingresso no domínio privado assume o papel ao menos inicialmente de um auxiliar do "mundo psicológico" das informantes. Especialmente no discurso de G. percebemos que seu trabalho extra-doméstico visa ajudar o esposo, e que este é abdicado quando seus filhos a solicitam. Neste caso parece-nos que o papel da mulher na esfera pública, contém prolongamentos do papel desempenhado no lar. O trabalho foi visto por todas como ponto de prazer e satisfação:

"...a gente faz amizades, se arruma"
"eu queria trabalhar até de graça"

"hoje em dia eu não quero outra vida"...

De fato, esses depoimentos nos levam a crer que o trabalho "fora" é encarado como tendo duas vertentes: uma delas, o desvinculado orçamento familiar e a volta para as necessidades afetivas. Ou seja, o trabalho extra-doméstico foi visto como uma atividade "não lucrativa", assim como o desempenho das tarefas domésticas, para qual elas foram preparadas. A outra, embora de forma secundária, foi o fato dessas mulheres acrescentarem a seus depoimentos a necessidade de se ter uma vida profissional, como uma busca de valorização pessoal. Quanto a isso podemos concluir que essa entrada feminina no mercado de trabalho, reflete o momento histórico que temos vivido e que de alguma forma nos é traduzido pela "psi". Esta vincula a necessidade da mulher ser independente e de conquistar seu espaço, que não é mais como pensávamos exclusivo do lar. O papel tradicional concebido à mulher, alterou-se e um novo modelo teve que ser incorporado a nossa sociedade (ao menos superficialmente). Sem dúvida deparamo-nos aí, com uma socialização contraditória, onde o confronto de conceitos tem sido vivenciado pela geração em questão.

Finalizando, podemos concluir pelos depoimentos citados, que " trabalhar fora" não parecia fazer parte da "vocação natural" das mulheres, mas sim, uma atividade voltada para camuflar a possível rotina de suas vidas. E, nesse novo campo, cabe-lhes reproduzir o papel que era realizado apenas em prol da família. Ou seja, as autodefinições das entrevistadas, representam com clareza as categorias acionadas quando no trato do trabalho extra-doméstico, e estas evidenciam as formas diferenciais das mulheres, se perceberem com relação aos "produtivos homens". Quando prosseguimos nos referindo ao

acelerado processo de mudança, e ao possível aumento do número de separações conjugais, as mulheres, ao menos inicialmente, deixaram de se colocar como vinham fazendo. Surgiu um grande número de chavões e generalizações, onde o certo e o errado apareceram bem definidos. Na verdade, isso aconteceu basicamente com duas das entrevistadas (G. e L.) que se colocaram distantes do problema, como se esse fosse algo que não as atingisse:

G - "Olha para um casamento ter êxito, é preciso que o homem mude. Porque ele se considera o maior, e que a mulher é sempre pior que ele. O homen brasileiro é muito machão e tem mulheres que não aceitam mais isso. Aí o casamento não dura nada. É que a mulher se descobre muito tarde e só depois de casada que começa a reclamar os seus direitos".

L - "Muitos casais ficam juntos mesmo sem se curtir mais, por causa dos filhos. Eu acho uma grande besteira, porque um dia os filhos crescem e dão um bom "tchau" pros pais. Mas, tem gente que tem mesmo é medo de enfrentar uma vida nova, às vezes nem trabalho tem, e acaba ficando por causa da situação financeira. Eu acho que a maioria dos casamentos que duram, eu vejo pelas minhas amigas, é porque um depende do outro. Ou o marido é mais fraco, inseguro ou é a mulher que precisa dele".

S - Abordou o problema dentro de sua própria relação:

"Eu vou me abrir com você. Meu casamento é visto por todos como um modelo. Para as pessoas somos um exemplo de união, entendimento, respeito... e até pouco tempo eu também pensava assim... mas, a realidade é bem diferente da fantasia.

Eu sei que me casei com um homem carinhoso, bom, mas às vezes eu sinto um tédio tão grande que até fujo sexualmente dele. Mesmo assim, eu me sentia privilegiada por ter um "bom marido", uma filha linda, ter boa condição financeira... Meu marido é muito responsável e eu sinto que o objetivo da vida dele, é nos dar casa, segurança... Com isso nossa vida foi se tornando mecânica, muito caseira e eu comecei a me sentir cheia...infeliz. Aí eu comecei a fantasiar e essa fantasia passou a fazer parte da minha vida, do meu dia-a-dia. Eu comecei a viver em compasso de espera... Talvez por isso, eu aceitei fazer essa entrevista, pra ver se alguém me entende, me escuta. Eu sou feliz e não sou. Meu casamento tem tudo pra dá certo, mais no fundo vai mal, eu me sinto vazia, triste. Eu não tenho coragem nem vontade de me separar. Você entende? Eu não conseguiria jamais, fazer a opção de magoar minha filha. Aliás eu sou mesmo bastante covarde para me separar. Engraçado, é que hoje eu estou com 33 anos, mas eu me sinto mais bonita, mais cortejada que antes. Tive uma fase que a sexualidade brotou muito forte em mim, um desejo mesmo, de ter outras experiências, de me sentir mulher... Só que esse desabrochar não aconteceu, eu ia me sentir muito culpada. Acabei optando pela fidelidade. Mas essa opção me mudou como mulher, eu não fiquei com culpa, mas fiquei com uma certa mágoa, raiva, sei lá... Fiquei fixa com o Nélio, distante mesmo, na verdade eu queria descobrir coisas e me assustei. Eu sei que você vai me dizer que eu tenho que mergulhar, me virar do avesso, mas eu não tenho coragem. Estou assustada. Eu tenho tudo o que eu esperava, mas não é bem isso que eu quero, você entende? Eu me sinto sofrida e ao mesmo tempo egoísta, como se duas verdades estivessem dentro de mim"...

Podemos imaginar que através desse depoimento, S. pareça estar encontrando dificuldades em desempenhar o papel que dela era esperado (mesmo por ela própria). Como se ela desejasse romper com as representações que lhe foram atribuídas, e quisesse optar por um novo padrão que respondesse às suas necessidades pessoais e não essencialmente a dos outros. O que sustentamos é a presença em seu discurso, de ambiqüidade, e de dúvidas com relação à sua própria pauta valorativa, o que a conduz a uma conflituosa insatisfação. Ou seja, S. parece estar encontrando dificuldades em rearranjar essa desordem instaurada pelo questionamento de concepções habituais que lhe pareciam inquestionáveis. Persistindo nesta questão pretendo averiguar algumas das incertezas e contradições reveladas nos discursos das mulheres em questão, quanto as delimitações das fronteiras entre o "velho e o novo". Quero dizer, quais as violentações mútuas que estão ocorrendo para se legitimar o novo modo de ser?

L - "Eu e meu marido tivemos uma criação muito rígida, onde tudo era feio, pecado... Nós não podíamos sair, não podíamos fazer nada, se eles não deixassem. Isso nos deixou traumatizados. E só com o tempo que nós fomos nos conhecendo, e nos descobrindo fundo. Os traumas foram ficando para trás e só depois de sofrer bastante, que nós pudemos chegar a ter uma boa relação. Isso graças a nós mesmos, à muita persistência. Hoje, nós temos dois filhos e eu e o Beto conversamos muito, porque a gente não sabe o que vamos passar para eles... A gente acha é que não vai se preocupar se a Ana deve ficar virgem ou não, se eles se casam ou não... A gente quer que eles estudem, trabalhem se sustentem, sejam independentes. Mas eu fico pensan

do, que vai ser uma barra, e que eu não sei se vou segurar se eles forem muito diferentes da gente..."

G - "Está tudo muito mudado. Não tem mais moral, o respeito acabou. Agora é cada um fazendo o que quer. Eu falando assim pareço uma velha, mas não é isso não, é que a gente se choca mesmo. É cada coisa estranha que acontece...Eu vejo lá no colégio das crianças. Aquelas mães só faltam apanhar dos filhos. Eles quando querem uma coisa, o mundo vem abaixo. Eu acho que tem que ter uma hierarquia de respeito. Acho que essa falta de respeito é que trouxe esse egoísmo da sociedade, cada um só pensa em si. O próprio casamento não aguenta porque é cada um querendo mais para si... Eu por exemplo, posso dizer que sou feliz com o Márcio. Eu vivo bem com ele porque procuro me fazer feliz e jamais esperar que ele me faça feliz..."

Nesses depoimentos, vemos dois aspectos que diferem entre si. No primeiro há uma crítica ao que lhe fora ensinado, e uma tentativa de não reproduzí-lo, já que a entrevistada pretende que seus filhos sejam seres independentes e com vontades próprias. Já no segundo há justamente o oposto. A entrevista da critica a nova forma de ser, que é vista por ela como sendo gerada pela falta de padrões morais rígidos, ou pelo excesso de liberdade, que conseqüentemente ameaçam a estabilidade conjugal. Mas, por outro lado, ela se coloca como independente, quando rompe com os protótipos do papel feminino, que atribui ao outro a responsabilidade por sua vida. Essa discussão evidencia que as fronteiras entre as diferentes formas de socialização não são rigidamente separadas, e que de alguma forma elas se permeiam e aos poucos se redefinem.

Finalizando, a preocupação básica que orientou este trabalho foi a de tentar compreender como a relação conjugal é evidenciada e experimentada segundo o relato de um dos seus membros.

Em tempo, justificamos o fato de não termos explorado outras questões características de suas relações conjugais, já que estas já haviam sido abordadas através dos questionários.

TABELA 2 - Distribuição das informações, segundo escolaridade, idade, tempo de casado.

		IDADE	ESCOLARIDADE	TRABALHO EXTRA DOMÉSTICO	TEMPO DE CASADA	Nº FILHOS	IDADE
MULHERES CASADAS	S	33	Superior C.Contábeis	Em sua profissão	10 anos	1	6 anos
	L	32		Secretária bilingue	10 anos	2	10 meses 6 anos
	G	38	2º grau	Eventual c/o esposo	12 anos	3	11 anos 9 anos 5 anos

CONCLUSÕES

Por tudo que vimos podemos imaginar que estamos em pleno reino da desorientação. Por volta da década de 70, apareceu a categoria "vida pessoal", que até então estava exclusivamente subordinada ao social. Surgem novas dimensões de opções e projetos pessoais. Com isso, o sistema de crenças principalmente da geração com a qual lidamos neste trabalho, tende a ser móvel, mantendo uma relação intrínseca com os valores passados pela mídia. Ou seja, é uma geração que tem sofrido influências fortes, de símbolos e valores, ora da família hierárquica, ora das alternativas modernas.

A cada instante percebemos os efeitos da modernização em nossas vidas. Esse processo deflagrou na existência de uma "nova família". Quer dizer, numa quebra do modelo tradicional de família. Há uma nova maneira de "encarar a vida", agora, sob a tutela da opção e da decisão pessoal. Passa-se a ter um discurso baseado nesse mecanismo moderno, que tenta articular "novos e velhos" valores. Neste novo modelo não há uma nítida distinção entre o "permitido e o proibido".

A psicanálise como difundida, fornece um discurso para essas mudanças, reforçando as identidades modernas, que agora baseiam-se nas regras do igualitarismo. Essa "negociação" propiriou a quebra do monopólio da família conjugal.

Dentro de toda essa problemática que envolve as relações familiares, a emancipação feminina parece ser uma das questões mais arrebatadoras.

> *"Adquirindo vida própria, a mulher mudou a estrutura do casal e, conseqüentemente, da família".*
> *(Medina, C.A. In "Jornal O Globo", 12/6/1987).*

Sua sexualidade, seu "papel de mãe", e sua profissionalização, encarados a partir da nova ótica, "moderna", decerto abalou a sociedade e causou um forte "remexer" nas regras de comportamento. Hoje, os papéis do casal se confundem e ficam quase que ilimitados. Alguns pais, passaram a participar da criação dos filhos, de tarefas domésticas, atuando em áreas antes consideradas exclusivamente femininas. Enquanto isso, as mulheres saem em busca de realização profissional, embora não se desvinculem totalmente dos "papéis ideais" que à elas foram designados.

Dessa forma, várias normas por vezes conflitantes, passaram a coexistir: "valores arcaicos, versus valores modernos". Dilemas significativos podem ser gerados por choques entre esses valores.

Instaura-se um "novo problema", como definir esses limites, e pelo o que decidir nesse oscilante caminho vanguardista, onde somos permeados (ao menos inconscientemente), pela tradição conservadora?

Aí, o profissional "psi" "volta a campo". Não para ditar os caminhos a serem seguidos, mas para explicitar a existência dessas várias possibilidades.

Passamos então, a nos deparar com um panorama variadíssimo de formas de vida:

. a opção de viver como "single";

. ser mãe solteira;

. com a nova filosofia do "casal grávido";

. "casal sim, mas cada um na sua casa";

. como a possibilidade de ser homossexual;

. com os descasamentos freqüentes;

. com os sucessivos recasamentos...

Embora todas essas formas de relacionamento sempre existissem agora parecem ter se proliferado. E, principalmente não são mais alvo de tantas discriminações mas, apesar de todas essas mudanças, parece que continua existindo o ideal de vida familiar. Restam ainda os valores humanos de viver em comunidade com os membros da família, desde que o produto desses relacionamentos seja fundamentalmente o prazer que possa ser gerado por essa opção.

Diante desse quadro, evidencia-se que a desorientação tem afetado os casais que se vêem diante da necessidade de redefinirem seus papéis conjugais.

Evidenciou-se que todos os casais questionados (através das esposas)passam por sucessivas crises. E estas, foram tratadas basicamente não tanto pelas suas causas, mas pela maneira como os cônjuges reagem em relação a elas. A permanência não se deve a ausência de diferenças, mas a forma como o casal lida com elas. Para grande parte das mulheres descasadas, os casais que permanecem casados, o estão por terem se acomodado diante dos desprazeres da relação sem necessariamente os terem resolvidos.

Finalizando, foi marcante neste trabalho, o discurso pelo culto à valorização do sujeito, como um ser individual e capaz de delimitar seus próprios valores. Apesar disso, foi flagrante que essa "nova norma" do igualitarismo, proposta pelas socializações secundárias, está impregnada de conteúdos dos "velhos valores" (por muitas vezes contraditórios). Ou seja, embora existam novos modelos conjugais, onde os papéis se alteram, estes ainda parecem estar permeados pelos ideais vivenciados por seus membros, ou mesmo para eles designados (socialização primária).

Pelo que pudemos perceber então, as "novas relações" parecem estar propícias a constante "turbilhão", já que seus membros encontram-se num dilema (ao menos inconscientemente), de remanejar "velhos e novos" valores.

Isso tudo nos leva a pensar que realmente como no dito popular, "os casamentos atuais não duram mais como antigamente". Hoje, opta-se por partir, se a opção de ficar o obrigar a resignar-se, a sufocar-se... mas, em contra-partida parece que agora, mais do que antes, opta-se por ficar através de uma opção consciente do casal, e através da "conciliação" das diferenças conjugais, e não apenas por acomodação, como no discurso de muitas das questionadas.

Aqui, reportamo-nos à primeira parte deste trabalho quando citamos Reich:

> *"casamento sereno é aquele onde os conflitos não se exteriorizam;"* e
>
> *"casamento feliz é aquele onde os conflitos deram lugar a uma resignação muda".*

Além disso, o que muito nos marcou neste trabalho, foi a necessidade colocada por quase totalidade das mulheres, de ser melhor compreendida. Como se quisessem resgatar seu espaço, que de alguma forma, ainda encontra-se "tolhido, sufocado..."

Com este levantamento de algumas características das relações conjugais contemporâneas, em uma sociedade em transformação, esperamos poder suscitar novos questionamentos. Assim como, ter fornecidos subsídios para que conhecendo algumas das novas dimensões das relações amorosas, possamos saber o que esperar delas, e talvez, o que fazer para nos prepararmos para elas.

A N E X O S

ANEXO 1

Saudações,

Peço a você, mulher, um instante precioso de sua atenção.

Meu nome é Helena Andrade, sou estudante do curso de mestrado da Pontifícia Universidade Católica (PUC), e estou executando uma pesquisa que aborda algumas características das relações conjugais.

SUAS RESPOSTAS A ESTE QUESTIONÁRIO SERÃO FUNDAMENTAIS PARA A REALIZAÇÃO DESSA PESQUISA.

As respostas terão sigilo absoluto, não sendo necessário a sua identificação.

Portanto, procure respondê-las com o máximo de sinceridade.

Ao terminar, peço que devolva o questionário lacrado ao porteiro de seu edifício, pois, eu o recolherei.

Deixo meu telefone a sua disposição,para qualquer esclarecimento que julge necessário (259-3377).

Desde já agradeço sua fundamental colaboração.

Atenciosamente,

DADOS PESSOAIS

Idade [ ][ ] Naturalidade [ ][ ] Estado civil ☐
Reside no Rio de Janeiro há [ ][ ] anos
Escolaridade:
Profissão:
Ano do 1º matrimônio [1][9][ ][ ]
Tempo de casada (ou que permaneceu casada):
Número de filhos ☐ Idade(s) [ ][ ] , [ ][ ]
Renda mensal aproximada:

DADOS SOBRE O CÔNJUGUE OU EX-CÔNJGUE:

Idade [ ][ ] Naturalidade [ ][ ]
Reside no Rio de Janeiro há [ ][ ] anos
Escolaridade:
Profissão:
Renda mensal aproximada:

Foi o 1º casamento para ambos: ☐ Sim ☐ Não

NÃO EXISTEM RESPOSTAS CERTAS OU ERRADAS, PORTANTO RESPONDA ESPONTANEAMENTE.

I - DURANTE A RELAÇÃO CONJUGAL DE SEUS PAIS:

1 - Eles permanecem casados: ☐ Sim ☐ Não
Há quanto tempo permanecem (ou permaneceram) casados?
_____

2 - No tempo em que você vivia com os seus pais, a quem cabia a responsabilidade:

	Pai	Mãe	Ambos	Nenhum dos dois	Outros
A - de educar os filhos	☐	☐	☐	☐	☐
B - de castigá-los	☐	☐	☐	☐	☐

	Pai	Mãe	Ambos	Nenhum dos dois	Outros
C - de dialogar com os filhos	☐	☐	☐	☐	☐
D - pela educação sexual dos filhos	☐	☐	☐	☐	☐
E - de passear e divertir-se com os filhos	☐	☐	☐	☐	☐
F - pelo controle de natalidade	☐	☐	☐	☐	☐

3 - A quem cabia a responsabilidade pela(s):

	Pai	Mãe	Ambos	Nenhum dos dois	Outros
A - despesas domiciliares	☐	☐	☐	☐	☐
B - tarefas domésticas em geral	☐	☐	☐	☐	☐
B.1 - preparar refeições	☐	☐	☐	☐	☐
B.2 - arrumação de casa	☐	☐	☐	☐	☐

4 - Qual a freqüência de brigas entre seus pais:

☐ diárias ☐ mensais
☐ semanais ☐ raras
☐ quinzenais ☐ outros

5 - Quais eram os motivos mais freqüentes desses desentendimentos?

6 - Quais as crises conjugais mais sérias?

8 - Procure resumidamente, apontar a opinião de seus pais sobre as seguintes questões: (Em caso de discordância entre eles, aponte-as)

A - a virgindade,
B - a sexualidade no casamento,
C - a sexualidade extra-conjugal
D - a profissionalização da mulher,
E - a separação conjugal,
F - o casamento tradicional.

9 - Na sua infância como você "via" a relação de seus pais?

10 - E o que você pensava sobre o casamento?

II - NO PERÍODO DE SUA ADOLESCÊNCIA

1 - Como eram seus projetos de vida conjugal nesta época?

2 - Na adolescência, como você via:

A - a virgindade,
B - a sexualidade no casamento,
C - a sexualidade extra-conjugal,
D - a profissionalização da mulher,
E - a separação conjugal,
F - o casamento tradicional.

3 - Nesta fase, você fez algumas críticas sobre a relação de seus pais? Quais?

III - EM RELAÇÃO AO SEU CASAMENTO

1 - Como você poderia resumir a história da decisão de casar-se com o seu marido (ou ex-)? Ele é (ou era) o seu "Príncipe Encantado"?

2 - Qual o tempo de namoro com o seu cônjuge (ex)?

3 - Quais eram os principais desentendimentos durante o tempo de namoro?

4 - Como é (ou era, em caso de ser separada), o relacionamento com as famílias de origem? (avós, tios...)

5 - Na sua relação conjugal, a quem cabe (ou cabia) a responsabilidade pela(s):

	Esposa	Esposo	Ambos	Outros
A - despesas domiciliares	☐	☐	☐	☐
B - tarefas domésticas em geral	☐	☐	☐	☐
B.1 - preparar refeições	☐	☐	☐	☐
B.2 - arrumação da casa	☐	☐	☐	☐

Quem optou por ser desta forma

6 - Em caso de ter filho(s), este foi planejado pelo casal?

☐ Sim ☐ Não

7 - Qual o tipo de controle de natalidade usado "pelo casal"?

8 - Como você define (ou definia) sua relação sexual conjugal?

9 - A quem cabe (ou cabia) a responsabilidade de:

	Esposa	Esposo	Nenhum especificamente	Ambos
A - educar os filhos	☐	☐	☐	☐
B - dialogar com os filhos	☐	☐	☐	☐
C - da educação sexual dos filhos	☐	☐	☐	☐
D - passear com os filhos	☐	☐	☐	☐
E - evitar a gravidez	☐	☐	☐	☐

Quem optou por ser desta forma?

10 - Atualmente, o que você pensa sobre:

A - virgindade,
B - a sexualidade conjugal/prazer,
C - a sexualidade extra-conjugal,
D - a profissionalização da mulher,
E - a separação conjugal,
F - o casamento tradicional,
G - os filhos no casamento,
H - a questão financeira no casamento,
I - o amor.

11 - Seu marido (ou ex-) compartilha com essas mesmas idéias?

12 - O que você entende por "crise conjugal"?

IV - A - SOMENTE PARA MULHERES QUE ESTÃO CASADAS

1 - Quais as crises mais freqüentes em sua relação conjugal? Como são resolvidas?

2 - Qual a crise mais "grave" ?

3 - Já teve vontade de se separar? Quando?

4 - E seu marido em algum momento expressou essa vontade? Quando?

5 - Já teve relações extra-conjugais? ☐ Sim ☐ Não

E seu marido? ☐ Sim ☐ Não

Fale a respeito.

6 - Que críticas faria à sua relação conjugal? O que você gostaria que fosse diferente?

7 - Ao que você atribui o crescente número de separações?

8 - O que você pensa a respeito das mulheres separadas? Porque elas não conseguiam permanecer casadas?

IV - B - SOMENTE PARA MULHERES QUE SE SEPARARAM CONJUGALMENTE:

1 - Qual o seu estado civil atual?

2 - Quanto tempo permaneceu casada (1º casamento?)

3 - Quais eram as crises mais freqüentes em sua relação conjugal? Como eram resolvidas?

4 - Qual foi a crise final? Qual dos cônjugues tomou a iniciativa?

5 - Já havia sentido vontade de se separar antes da separação de fato? Quando?

6 - Em caso de ter filhos, com quem estão eles? Como reagiram a separação?

7 - Durante o período em que esteve casada teve relações extra-conjugais? ☐ Sim ☐ Não
E seu ex-marido? ☐ Sim ☐ Não

Fale a respeito:

8 - O número de separações conjugais tem crescido significativamente. Como você explica o fato de alguns casais permanecerem casados, em meio a tantas separações? Quais serão as soluções adotadas por eles, para "superarem" as crises?

Espaço livre para qualquer contribuição ou comentário adicional.

obrigada.

ANEXO 2

Lei nº 3.071, de 1º de Janeiro de 1916.

Sobre os efeitos Jurídicos do Casamento, que ainda vigoram nos dias de hoje.

Art. 229 - Criando a família legítima o casamento legítima os filhos comuns, antes dele nascidos ou concebidos.

Art. 231 - São deveres de ambos os cônjuges:

I - Fidelidade recíproca;

II - Vida comum, no domicílio conjugal;

III - Mútua assistência;

IV - Sustento, guarda e educação dos filhos.

Do Pátrio Poder:

Art. 380

Parágrafo único: Divergindo os progenitores quanto ao exercício da Pátrio Poder, prevalecerá a decisão do pai, ressalvado à mãe o direito de recorrer ao juiz para solução da divergência.

Dos Direitos e Deveres do marido

Art. 233 - O marido é o chefe da sociedade conjugal, função que exerce com a colaboração da mulher, no interesse comum do casal e dos filhos.

Compete-lhe:

I - A representação legal da família;

II - A administração dos bens comuns e dos particulares da mulher que ao marido incumbiu administrar, em virtude do regime matrimonial adotado, ou do pacto antenupcial;

III - O direito de fixar o domicílio da família, ressalvado a possibilidade de recorrer a mulher ao juiz, no caso de deliberação que a prejudique;

IV - Prover a manutenção da família, quardadas as disposições dos arts. 275 e 277.

Art. 234 - A obrigação de sustentar a mulher cessa, para o marido, quando ela abandonar sem justo motivo a habitação conjugal, e a esta recursar voltar. Neste caso, o juiz pode, segundo as circunstâncias, ordenar, em proveito do marido e dos filhos, o sequestro temporário de parte dos rendimentos particulares da mulher.

(grifo nosso)

Dos Direitos e Deveres da mulher:

Art. 251 - A mulher compete a direção e administração do casal, quando o marido:

I - Estiver em lugar remoto, ou não sabido;

II - Estiver em cárcere por mais de dois anos e

III - For judicialmente declarado interdito.

Da Dissolução da Sociedade Conjugal

Art. 2º - A sociedade conjugal termina:

I - pela morte de um dos cônjuges;

II - pela nulidade ou anulação do casamento;

III - pela separação judicial;

IV - pelo divórcio;

Art. 3º

Prrágrafo 2º - O juiz deverá promover todos os meios para que as partes se reconciliem ou transijam, ouvindo pessoal e separadamente cada uma delas e a seguir, reunindo-as em sua presença, se assim considerar necessário.

Art. 4º - Dar-se-á a separação judicial por mútuo consentimento dos cônjuges, se forem casados há mais de 2 (dois) anos.

Parágrafo 2º - O cônjuge pode ainda pedir a separação judicial quando o outro estiver acometido de grave doença mental, manifestada após o casamento que torne impossível a continuação da vida em comum, desde que após uma duração de 5 (cinco) anos, a enfermidade tenha sido reconhecida de cura impossível.

Art. 6º - Nos casos dos parágrafos 1º e 2º do artigo anterior, a separação judicial poderá ser negada, se constituir, respectivamente, causa de agravamento das condições pessoais ou da doença do outro cônjuge, ou determinar, em qualquer caso, conseqüências morais de excepcional gravidade para os filhos menores.

Emenda Constitucional nº 1, de 17 de outubro de 1969.
Da Família, da Educação e da Cultura.

Art. 175 - "A família é constituída pelo casamento e terá direito à proteção dos Poderes Públicos."

Prrágrafo 1º O casamento somente poderá ser dissolvido, nos casos expressos em lei, desde que haja prévia separação judicial por mais de três anos.

BIBLIOGRAFIA

ALPHONSE, H. C. "Designe for successfull marriage". Petrópolis: Vozes, 1969.

ARIÉS, P. "Le marriage indissonble". In Communications, Sexualites Occidentales. Semil: 1982, nº 35.

BEAUVOIR, S. "O segundo sexo". Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 Vol. 1.

BERGER, P. & KELLNER, H. "Marriage and the construction of reality". In Dreitzer, H.P. (org.) Recent Sociology. Nova York: The Macmillan Company. 1970.

BERGER, & LUCKMAN, T. "A construção social da realidade". Petrópolis, Ed. Vozes, 1973.

BOTT, E. "Family and social netulork". Londres: Tavistock Publications, 1971.

CARNEIRO, T.F. "Família: diagnóstico e terapia". Rio de Janeiro. Zahar, 1983.

COLASANTI, M. "E por falar em amor". Rio de Janeiro. Rocco, 1985.

COSTA, S.F. "Ordem médica e norma familiar". Rio de Janeiro. Graal, 1979.

DONZELOT, J. "A política das famílias". Rio de Janeiro.Graal, 1980.

DURHAN, E. "Família e reprodução humana". In Franchetto, Bruna e (outros), "Perspectivos Antropológicos da Mulher - 3". Rio de Janeiro. Zahar, 1983.

MONTENEGRO, F. in "Mulher de hoje". Ano 82, mº 35, p. 56

FIGUEIRA, S.A. Notas introdutórias ao estudo das terapêuticas

I. Lévi Stauss e Peter Berger. In S.A. Figueira (org.),"Sociedade doença mental". Rio de Janeiro, Campus, 1978.

FRANCHETTO, B. "Perspectivas antropológicas da mulher". Rio de Janeiro, Zahar, 1981, vols. 1 e 2.

GIKOVATI, F. "O amor nos anos 80". São Paulo. - M.G.Editores associados, 1984.

HEATH, D.B. & ADMS, R. N. "Comtemporary cultures and societies of Latin America". N. York. Raullon House, 1965.

I.B.G.E. Pesquisa nacional por amostra de domicílio, 83/4.

KOSOVSKI, E. "Adultério". Rio de Janeiro, Codecri, 1983.

MACEDO, R. "A mulher da família". Cadernos PUC, nº 15, 1982.

MEAD, M. "Cultura y compromisso - estudo sogre la ruptura Generacional". Buenos Aires. Ed. Granica, 1971.

MITHCEL, J. "Psicanálise e feminismos: Freud, Reich, Laing e mulheres". Belo Horizonte. Inter-Livros, s/d.

TAVARES. N. in "Mulher de hoje". ano 82, nº 35, p. 56.

NICOLAI, da. COSTA, A.M. "Cultura da psicanálise". São Paulo. S.A. Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, J. "Casamento separação divórcio alimentos". Rio de Janeiro. Saraiva, 1985.

PRADO, D. "Ser esposa a mais antiga profissão". São Paulo.Brasiliense, 1979.

REICH, W. "Casamento indissolúvel". In Rádice, ano 3, nº 12 p. 33.

RUSSO, J. & SANTOS, T.C. "Psicanálise e casamento". In Velho G. & Figueira S.A. (org.) "Família psicologia e sociedade. Rio de Janeiro. Campus, 1981.

SALEM, T. "O velho e o novo: um estudo de papéis e conflitos familiares". Petrópolis. Vozes, 1980.

SANTOS, T.C. "Difusão da psicanálise na família: um estudo de seus efeitos sobre a mulher". Tese PUC, 1982.

SAMARA, E.M. "Família brasileira". São Paulo. Brasiliense,1983.

VELHO, G. "Acusations, family mobility and desviant behavior". Rio de Janeiro. Zahar, 1976.

——. "Aliança e casamento na sociedade moderna". In Boletim do Museu Nacional, nº 39, agosto/1983.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

MARIA EUCHARES DE S. MOTTA
PUC/RJ

TEREZINHA FÉRES CARNEIRO
PUC/RJ

MARIA HELENA NOVAES MIRA
PUC/RJ

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 28 / 08 / 87

VERA MARIA FERRÃO CANDAU
Coordenadora dos programas de Pós-Graduação do Centro de Teologia e Ciências Humanas